

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Faculdade de Medicina de Cascais.
Feita de Memórias

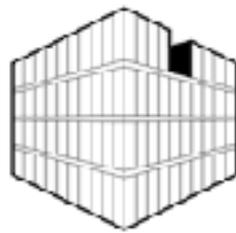
Luis Pedro de Almeida Guerreiro

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:
Doutora Teresa Marquito Marat-Mendes, Professora Associada com
Agregação,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:
Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2021





Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU)

Faculdade de Medicina de Cascais.
Feita de Memórias

Luis Pedro de Almeida Guerreiro

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:
Doutora Teresa Marquito Marat-Mendes, Professora Associada com
Agregação,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:
Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2021

“Aprender a ver,
que é fundamental,
para um arquiteto e
para todas as pessoas.
Não só a olhar
mas a ver em profundidade,
em detalhe, na globalidade.”¹

¹ VIEIRA, Álvaro Siza - entrevista a Bernardo Pinto de Almeida; Revista UPORTO, N. 9, outubro de 2003, pp. 31

Resumo.

O presente trabalho procura mostrar e dar a entender todo o trabalho de investigação e projeto que foi feito a nível individual e de grupo desenvolvendo várias vertentes, temas abordados e explorados ao longo do ano letivo 2020 – 2021 do 5.º ano de curso do Mestrado Integrado em Arquitetura, lecionado pela professora Doutora Teresa Marat-Mendes, docente do Estúdio 5, no ISCTE-IUL.

O trabalho escrito passa por três temas distintos. Começa por abordar a investigação individual desenvolvida acerca das diferentes fases do sistema alimentar especificamente em Cascais, passando pelos diferentes constituintes de cada fase e analisando os mesmos quanto ao espaço, tipologia e outros valores relativos à presença na cidade. Como segundo tema, analisa-se uma breve passagem acerca do desafio lançado pelo atelier do arquiteto José Adrião e respetivo trabalho realizado em grupo no Workshop de PFA '21 que decorreu ao longo da primeira semana de junho. Por último, será desenvolvido o tema de projeto final de arquitetura.

Procurar-se-á, nesta última fase do documento, acerca do projeto final de arquitetura, entender a problemática apresentada acerca da falta de estabelecimentos de ensino superior em Cascais e de que maneira, o projeto apresentado pode vir a resolver essa questão, atendendo às necessidades dos habitantes da zona histórica onde o terreno está inserido, assim como a todos os novos estudantes e trabalhadores que usufruirão do espaço.

Este trabalho enquadra-se principalmente no âmbito do processo de desenvolvimento de projeto de arquitetura da Faculdade de Medicina de Cascais. Em paralelo com temas como a contextualização histórica da Vila, surgem análises territoriais ao nível do Concelho, reduzindo a escala ao quarteirão que remata com o projeto da nova Faculdade de Medicina de Cascais.

Feita de Memórias

Palavras-Chave: Faculdade | Medicina | Cascais | Edifício Público | Memórias

Abstract.

This work seeks to show and make known all the research and project work that was done at individual and group level, developing various aspects and themes addressed and explored throughout the 2020-2021 academic year of the 5th year of the Integrated Masters course in Architecture, taught by Teresa Marat-Mendes, professor at Estúdio 5, at ISCTE-IUL.

The written work goes through three distinct themes. Beginning to talk about the research carried out on the different phases of the food system specifically in Cascais, Lisbon, addressing the different constituents of each phase and analyzing the space, typology, etc. the same as well as their presence in the city. As a second theme, a brief passage about the challenge launched by the studio of architect José Adrião and the respective work carried out in a group at the PFA Workshop '21 that took place during the first week of June. Finally, the development and final pieces of the individual architectural project.

This last part of the document, seeks to present and discuss the problem about the lack of universities in Cascais and how the project presented can resolve this issue, taking into account the needs of the habitants of the historic area where the land is located, as well as all the new students and workers who will use and enjoy the space.

This work fits mainly in the scope of the architectural project development process of the Cascais' University of medicine. In parallel with themes such as the contextualization of the history of the village, territorial analyzes emerge at the county level, reducing the scale to the block that ends with the volume of the project as well with all the technical drawings and graphic pieces to better illustrate it.

Nós somos amor.
Nós damos amor.

Agradecimentos.

Nada está mais garantido na nossa vida que a morte.

Para aqueles que têm a oportunidade de experienciar esta passagem à qual se dá o nome de vida, é pertinente perceber que se deve aproveitar cada momento no seu estado mais profundo, pois a grande maioria só dá realmente valor após o termino de certos acontecimentos e passagens.

Eu sei que aproveitei o meu percurso académico da melhor maneira que pude. Não me arrependo de nada que tenha feito e guardo comigo muitas memórias de pessoas que passaram, situações que aconteceram e ainda trago comigo preciosas amizades.

Neste momento, que concluo esta etapa, que é a finalização do Mestrado em Arquitetura, o remate destes últimos cinco anos, planeio festejar encarando o facto de que consegui chegar ao fim e ninguém me tira esse mérito. O que aconteceria se tivesse desistido a meio ou nunca tivesse decidido fazer este curso? Acho que nunca saberemos.

Estou grato a todas as pessoas que estiveram presentes no meu percurso académico e acompanharam o meu crescimento pessoal e na área da arquitetura ao longo dos últimos cinco anos. Foi uma experiência verdadeiramente gratificante que ultrapassou as minhas expectativas, que marcou uma fase muito importante da minha vida e que me permanecerá na memória.

Quero agradecer a pessoas que apareceram efemeramente, que deixaram um ensinamento, um carinho; Quero agradecer a pessoas que apareceram ao longo do percurso e de certo permanecerão durante muito tempo como grandes amigos e até quem sabe futuros colegas de trabalho; Quero agradecer a quem já pertencia à minha vida antes do curso que acompanhou o percurso e apoiou desde a altura em que tudo era um sonho e uma suposição, até à realidade e a sua continuação. Como tal quero agradecer à minha família em especial, nomeadamente aos meus pais, à minha irmã e ao meus avós.

Não quero deixar de agradecer a quem me inspirou, motivou e ensinou a ser a melhor versão de mim, não desistir nos momentos mais complicados do curso e dar sempre o meu melhor. Posto isto devo mencionar e agradecer a:

Bernardo Castro | Martim Vieira | Mariana Rosa | Bernardo Custódio | Ana Rita Paes | João Almeida | Afonso Cardoso | Márcio Silva | Marta Alves | Inês Barros | Daniela Costa | Daniela Neves | Pedro Castro | Pedro Vaz | Pedro Alves | Pedro Pinto | José Luis Saldanha | Alberto Bastos | Nô Bastos | Gonçalo Bastos | Joana Bastos | Lúcia Cruz | Mónica Cruz | Henrique Sousa | Kim Martins | Italo Lopes | Emily Lopes | Patricia Vala | Maria Figueiredo | Beatriz Encarnação

Estou grato.

Índice

1. Introdução	1
2. Fases do Sistema Alimentar	3
Análise do Sistema Alimentar em Cascais	4
Painéis	9
3. Workshop PFA	13
Introdução	14
Peças Gráficas	15
Memória Descritiva	30
4. Projeto Final de Arquitetura	31
Introdução à Problemática	32
Análise territorial de Cascais	33
Contextualização histórica	37
Hospital Condes Castro Guimarães	83
Análise do quarteirão	85
Imagens do Quarteirão	90
Estado da arte	101
Memória Descritiva	117
Esboços	119
Programa de Espaços e Áreas	126
Plantas	131
Cortes	145
Alçados	165
Renders	173
5. Conclusão	180
6. Bibliografia	183

Índice de Siglas

CMC - Câmara Municipal de Cascais

ETAR - Estação de Tratamento de Águas Residuais

MARL - Mercado Abastecedor da Região de Lisboa

CTT - Correios, Telégrafos e Telefones

FML - Faculdade de Medicina de Lisboa

PDM - Plano Diretor Municipal

ESSA - Escola Superior de Saúde de Alcoitão

SBE - School of Business and Economics

CCC - Centro Cultural de Cascais

AHC - Arquivo Histórico de Cascais

Índice de Figuras.

Figura 1 - Cascais. - Autoria própria.	4
Figura 2 - Marcação de zonas de Produção em Cascais. - Autoria Própria.	5
Figura 3 - Marcação dos principais acessos viários em Cascais. - Autoria Própria.	6
Figura 4 - Mapa de densidade do Comércio em Cascais. - Autoria Própria.	7
Figura 5 - Marcação dos pontos de Tratamento de Resíduos em Cascais. - Autoria Própria.	8
Figura 6 - Painel N° 1. Produção. - Autoria própria.	9
Figura 7 - Painel N° 2. Comércio e consumo. - Autoria própria.	10
Figura 8 - Painel N° 3. Resíduos. - Autoria própria.	11
Figura 9 - Escola 36. - Google Earth	15
Figura 10 - Vista aérea de cobertura. - Google Earth.	16
Figura 11 - Matriz. - Autoria do grupo de trabalho.	17
Figura 12 - Volumes. - Autoria do grupo de trabalho.	18
Figura 13 - Vista aérea da proposta. - Autoria do grupo de trabalho.	19
Figura 14 - Cobertura proposta. - Autoria do grupo de trabalho.	20
Figura 15 - Espaço público. - Autoria do grupo de trabalho.	21
Figura 16 - Ambiente Interior. - Autoria do grupo de trabalho.	22
Figura 17 - Antigo Ginásio. - Autoria do grupo de trabalho.	23
Figura 18 - Ambiente exterior. - Autoria do grupo de trabalho.	24
Figura 19 - Ambiente exterior. - Autoria do grupo de trabalho.	25
Figura 20 - Maquete. Vsta de topo. - Autoria do grupo de trabalho.	26
Figura 21 - Maquete. Espaço exterior. - Autoria do grupo de trabalho.	27
Figura 22 - Maquete. Lanternins. - Autoria do grupo de trabalho.	28
Figura 23 - Maquete. Pormenor dos lanternins. - Autoria do grupo de trabalho.	29
Figura 24 - Cascais. Carta Hidrográfica. - Autoria própria.	34
Figura 25 - Cascais. Mapa de Ventos. - Autoria própria.	35
Figura 26 - Cascais. Carta Geológica. - Autoria própria.	36
Figura 27 - Igreja de Nossa Senhora de Assunção, no segundo quartel do Séc. XX. - LAMAS, José da Cunha - Bilhetes-Postais de Portugal e Ilhas Adjacentes. (S.I.) : Serviços Culturais dos CTT, 1952.	38
Figura 28 - Igreja de Nossa Senhora de Assunção, 2021. - Autoria própria.	38
Figura 29 - Sobreposição da carta militar de Cascais datada de 1864 com a carta da Vila em 2020. - Autoria própria.	39
Figura 30 - Formação dos primeiros quarteirões em 1864, sobrepostos à carta da atual da Vila. - Autoria própria.	41
Figura 31 - Praia da Ribeira, no início do Séc XX. Ao fundo encontra-se o casino da praia. - LAMAS, José da Cunha - Bilhetes-Postais de Portugal e Ilhas Adjacentes. (S.I.) : Serviços Culturais dos CTT, 1952.	43
Figura 32 - Praia da Ribeira, 2021. - Autoria própria.	43
Figura 33 - Carta de Cascais em 1896. - Autoria própria.	44

Figura 34 - Carta de Cascais em 2020. - Autoria própria.	45
Figura 35 - Casa Lencastre, no primeiro Quartel do Séc. XX. - LAMAS, José da Cunha - Bilhetes-Postais de Portugal e Ilhas Adjacentes. (S.I.) : Serviços Culturais dos CTT, 1952.	48
Figura 36 - Casa Lencastre, 2021. - Autoria própria.	48
Figura 37 - Praia da Duquesa e Casas Loulé e Lencastre, em meados do Séx. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	49
Figura 38 - Praia da Duquesa e Casas Loulé e Lencastre, 2021. - Autoria própria.	49
Figura 39 - Chalet Palmela, no início do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	50
Figura 40 - Chalet Palmela, 2021. - Autoria própria.	50
Figura 41 - Paredão de Cascais, junto à praia da conceição, no início do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	52
Figura 42 - Paredão de Cascais, junto à praia da conceição, 2021. - Autoria própria.	52
Figura 43 - Pescadores em atividade junto ao Hotel Baía, nos finais do Séc XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	53
Figura 44 - Pescadores em atividade junto ao Hotel Baía, 2021. - Autoria própria.	53
Figura 45 - Praia da Ribeira, Avenida D. Carlos I e Cidadela, meados do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	54
Figura 46 - Praia da Ribeira, Avenida D. Carlos I e Cidadela, 2021. - Autoria própria.	54
Figura 47 - Avenida Emídio Navarro, na segunda metade do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	56
Figura 48 - Avenida Emídio Navarro, 2021. - Autoria própria.	56
Figura 49 - Jardim defronte da Cidadela e Monumento ao Regimento de Infantaria nº 19, em meados do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	57
Figura 50 - Jardim defronte da Cidadela e Monumento ao Regimento de Infantaria nº 19, 2021. - Autoria própria.	57
Figura 51 - Casa de Maria Amália Vaz de Carvalho, no início do Séc. XX. - MARTINS, Armando T. Alves - A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983.	58

Figura 52 - Casa de Maria Amália Vaz de Carvalho, 2021. - Autoria própria.	58
Figura 53 - Praia da Ribeira e Habitações da Avenida D. Carlos I. Início do Séc. XX. Casas Marconde, Leitão, Formigal, Pancada e Juca Santos. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	60
Figura 54 - Praia da Ribeira e Habitações da Avenida D. Carlos I, 2021. - Autoria própria.	60
Figura 55 - Praia da Rainha, erradamente apresentada na altura como praia da Conceição, no primeiro quartel do Séc. XX. Ao fundo à direita encontra-se a Casa de Loulé. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	61
Figura 56 - Praia da Rainha, 2021. - Autoria própria.	61
Figura 57 - Praia da Conceição e Casas Loulé e Lencastre, no primeiro quartel do Séc. XX. MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	62
Figura 58 - Praia da Conceição e Casas Loulé e Lencastre, 2021. - Autoria própria.	62
Figura 59 - Multidão junto ao caminho-de-ferro de Cascais, no início do Séc XX. Eventualmente para saudar a Família Real. Ao fundo destaca-se a Casa Faial. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	64
Figura 60 - Estrada adjacente à Linha de Cascais, 2021. - Autoria própria.	64
Figura 61 - Antigo Palácio dos Condes da Guarda, no segundo quartel do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	65
Figura 62 - Edifício da CMC, 2021. - Autoria própria.	65
Figura 63 - Praça 5 de Outubro, em meados do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987	66
Figura 64 - Praça 5 de Outubro, 2021. - Autoria própria.	66
Figura 65 - Casa Silva Leitão e Avenida D. Carlos I, no início do Séc XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	68
Figura 66 - Casa Silva Leitão e Avenida D. Carlos I, 2021. - Autoria própria.	68
Figura 67 - Passeio Maria Pia e as primeiras palmeiras de Cascais, 1896. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	69
Figura 68 - Passeio Maria Pia, 2021. - Autoria própria.	69
Figura 69 - Avenida da República e escadas do Baluarte, segundo quartel do séc XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	70
Figura 70 - Avenida da República e escadas do Baluarte, 2021.	

- Autoria própria.	70
Figura 71 - Praia da Conceição e Casa Faial e Palmela, no primeiro quartel do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	72
Figura 72 - Praia da Conceição e Casa Faial e Palmela, 2021. - Autoria própria.	72
Figura 73 - Torre de São Sebastião, Vivenda O'Neil, 1905. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	73
Figura 74 - Torre de São Sebastião, Vivenda O'Neil, 2021. - Autoria própria.	73
Figura 75 - Vivenda O'Neil, 1905. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	74
Figura 76 - Vivenda O'Neil, 2021. - Autoria própria.	74
Figura 77 - Casa de Santa Maria e Farol de Santa Marta, no segundo quartel do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	76
Figura 78 - Casa de Santa Maria e Farol de Santa Marta, 2021. - Autoria própria.	76
Figura 79 - Casa Sommer, no início do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987	77
Figura 80 - Casa Sommer, 2021. - Autoria própria.	77
Figura 81 - Casa Trindade Baptista, 1899. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987.	78
Figura 82 - Casa Trindade Baptista, 2021. - Autoria própria.	78
Figura 83 - Casa do Conde de Monte Real, Segundo quartel do Séc. XX. - MATOS, Marina Freitas de - Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos. Porto : (S. N.), 1987	82
Figura 84 - Casa do Conde de Monte Real, 2021. - Autoria própria.	82
Figura 85 - Hospital Condes Castro Guimarães e entrada das urgências. Vista do cruzamento da Av. do Ultramar com a Rua Padre José Maria Loureiro. - Google Street View.	84
Figura 86 - Entrada principal do Hospital Condes Castro Guimarães. Vista do cruzamento da Rua Padre José Maria Loureiro com a Rua D. Francisco de Avilez. - Google Street View.	84
Figura 87 - Hierarquia viária. - Autoria própria.	85
Figura 88 - Corredor de vista Oeste. - Autoria própria.	86
Figura 89 - Corredor de vista Sul. - Autoria própria.	86
Figura 90 - Corredor de vista Norte. - Autoria própria.	86
Figura 91 - Corredor de vista Este. - Autoria própria.	86
Figura 92 - Transportes públicos. - Autoria própria.	87
Figura 93 - Utilização dos lotes. - Autoria própria.	88
Figura 94 - Densidade de Vegetação. - Autoria própria.	89
Figura 95 - Saída da Av. 25 de Abril para a Av. do Ultramar em direção ao lote. - Autoria própria.	90
Figura 96 - Cruzamento da Av. do Ultramar com a Rua Padre José	

Maria Loureiro. Nota-se toda a vista para o mar e Costa Sul do Tejo. - Autoria própria.	90
Figura 97 - Lote visto da Rua Padre José Maria Loureiro olhando para Sul. - Autoria própria.	91
Figura 98 - Lote visto da Rua Padre José Maria Loureiro olhando para Este. - Autoria própria.	91
Figura 99 - Lote visto do cruzamento da Rua D. Francisco de Avilez e a Rua Padre José Maria Loureiro. (Antiga entrada principal do Hospital). - Autoria própria.	92
Figura 100 - Passeio pedonal descendo a Rua D. Francisco de Avilez. - Autoria própria.	92
Figura 101 - Lote visto da Rua D. Francisco de Avilez. - Autoria própria.	93
Figura 102 - Rua D. Francisco de Avilez e a forte presença do Jacarandá. - Autoria própria.	93
Figura 103 - Lote visto da Av. do Ultramar. - Autoria própria.	94
Figura 104 - Av. do Ultramar visto do cruzamento com a Rua Padre José Maria Loureiro. - Autoria própria.	94
Figura 105 - Avenida do Ultramar. - Autoria própria.	95
Figura 106 - Rua D. Francisco de Avilez. - Autoria própria.	97
Figura 107 - Rua Padre José Maria Loureiro. - Autoria própria.	99
Figura 108 - Maquete do Edifício Egas Moniz da FMUL. - Autoria própria.	101
Figura 109 - Vista interior do espaço de circulação e escada dedicada à leitura e estudo do projeto <i>California University of Science and Medicine</i> por parte dos CO Architects. - Mario Cipresso - CO Architects Journal (Em linha). California : CO Architects, 2015. <i>Getting Started: Inside the Design Process of a Startup Medical School</i> . Disponível em: https://coarchitects.com/getting-started-inside-design-process- startup-medical- school/	102
Figura 110 - Vista da entrada para o pátio exterior. - Mario Cipresso - CO Architects Journal (Em linha). California : CO Architects, 2015. <i>Getting Started: Inside the Design Process of a Startup Medical School</i> . Disponível em: https://coarchitects.com/getting-started-inside-design-process- startup-medical- school/	102
Figura 111 - Fachada inspirada no padrão sequencial do DNA Humano. - Eric Oh. Miba Architects' University of Cyprus Medical School Proposal Combines Lab and Social Space (Em linha) 13 Mar 2016. ArchDaily. Disponível em: https://www.archdaily.com/783536/miba-architects- university-of-cyprus-medical-school-proposal-combines-lab- and-social-space/	103
Figura 112 - Lozenge Composition with Red, Gray, Blue, Yellow, and Black. Por: Piet Mondrian, 1924 - 1925. CARMEAN, JR., Elmer Arthur - <i>MONDRIAN The Diamond Compositions</i> (Em linha). Washington : National Gallery of Art, 1979. Disponível em: https://www.nga.gov/ content/dam/ngaweb/research/ publications/pdfs/mondrian-diamond-compositions.pdf/	104

Figura 113 - Edifício do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro. - MINISTÉRIO da Educação e Saúde - MES. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes	105
Figura 114 - Fachada Sul do Hospital Sant'ana, Parede. Vista de barco. - ARRUDA, Luísa - <i>Hospital de Sant'ana. 100 Anos Sanatório De Sant'ana</i> . Lisboa : Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2004. ISBN: 972-8761-05-8	106
Figura 115 - Architectura Portuguesa, nº9, Setembro de 1908. Artigo do Arq. Costa Campos. - ARRUDA, Luísa - <i>Hospital de Sant'ana. 100 Anos Sanatório De Sant'ana</i> . Lisboa : Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2004. ISBN: 972-8761-05-8	107
Figura 116 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 50. - MILLS, Alden Brewster - <i>The modern small hospital and community health center</i> . Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946. Pp. 50.	109
Figura 117 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 51. - MILLS, Alden Brewster - <i>The modern small hospital and community health center</i> . Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946. Pp. 51.	110
Figura 118 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 60. (Detalhe arquitetónico das comunicações verticais que rematam o início da torção na planta do piso. - MILLS, Alden Brewster - <i>The modern small hospital and community health center</i> . Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946. Pp. 60.	111
Figura 119 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 61. - MILLS, Alden Brewster - <i>The modern small hospital and community health center</i> . Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946. Pp. 61.	112
Figura 120 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 107. - MILLS, Alden Brewster - <i>The modern small hospital and community health center</i> . Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946. Pp. 107.	113
Figura 121 - Vista aérea da proposta e envolvente. - Autoria própria.	115
Figura 122 - Maquete de estudo da volumetria. - Autoria própria.	117
Figura 123 - Foto-montagem da maquete de estudo para melhor entender o conceito da “Janela para o Mar”. - Autoria própria.	118
Figura 124 - Esboços de processo. Parte 1. - Autoria própria.	119
Figura 125 - Esboços de processo. Parte 2. - Autoria própria.	120
Figura 126 - Esboços de processo. Parte 3. - Autoria própria.	121
Figura 127 - Esboço da entrada a Noroeste. - Autoria própria.	122
Figura 128 - Esboço da fachada Norte e praça. - Autoria própria.	123
Figura 129 - Esboço do pátio visto da cobertura percorrível. - Autoria própria.	124
Figura 130 - Perspetiva Explodida. - Autoria própria.	125
Figura 131 - Planta de Cobertura. - Autoria própria.	131
Figura 132 - Planta do Piso 3. - Autoria própria.	133

Figura 133 - Planta do Piso 2. - Autoria própria.	135
Figura 134 - Planta do Piso 1. - Autoria própria.	137
Figura 135 - Planta do Piso 0. - Autoria própria.	139
Figura 136 - Planta do Piso -1. - Autoria própria.	141
Figura 137 - Planta do Piso -2. - Autoria própria.	143
Figura 138 - Corte AA'. - Autoria própria.	145
Figura 139 - Corte BB'. - Autoria própria.	147
Figura 140 - Corte CC'. - Autoria própria.	149
Figura 141 - Corte DD'. - Autoria própria.	151
Figura 142 - Corte EE'. - Autoria própria.	153
Figura 143 - Corte FF'. - Autoria própria.	155
Figura 144 - Corte GG'. - Autoria própria.	157
Figura 145 - Corte HH'. - Autoria própria.	159
Figura 146 - Corte II'. - Autoria própria.	161
Figura 147 - Corte JJ'. - Autoria própria.	163
Figura 148 - Alçado Sul. - Autoria própria.	165
Figura 149 - Alçado Norte. - Autoria própria.	167
Figura 150 - Alçado Este. - Autoria própria.	169
Figura 151 - Alçado Oeste. - Autoria própria.	171
Figura 152 - Render 1. - Autoria própria.	173
Figura 153 - Render 2. - Autoria própria.	174
Figura 154 - Render 3. - Autoria própria.	175
Figura 155 - Render 4. - Autoria própria.	176
Figura 156 - Render 5. - Autoria própria.	177
Figura 157 - Render 6. - Autoria própria.	178

Índice de Quadros

Quadro 1 - Pisos -2 e -1. Código de designação, legenda e área de espaços.	126
Quadro 2 - Piso 0. Código de designação, legenda e área de espaços.	127
Quadro 3 - Piso 1. Código de designação, legenda e área de espaços.	128
Quadro 4 - Piso 2. Código de designação, legenda e área de espaços.	129
Quadro 5 - Piso 3. Código de designação, legenda e área de espaços.	130

1. Introdução

Cascais é uma Vila feita de memórias. É sem dúvida um dos locais de Portugal com maior potencial para se desenvolver e tornar-se numa cidade de grande beleza, mantendo as suas raízes históricas e o seu carácter paradisíaco, que combina tão bem com o seu clima e vistas para o mar.

Cascais foi considerada a Capital da Juventude Europeia no ano de 2018. Um fator que se espera estar sempre ligado à faixa etária juvenil é o da educação. Seja o ensino Primário, Básico, Secundário ou Superior, é de preferência comum que todas as etapas estejam sempre presentes de maneira a acompanhar o crescimento dos seus residentes.

Infelizmente, o Ensino Superior está bastante ausente, contando com apenas três instituições de ensino no Concelho. Felizmente, a intenção de erguer mais espaços de ensino superior no sítio é uma intenção comum da grande maioria dos residentes e uma vontade já manifestada pelo atual presidente da CMC, Carlos Carreiras.

Constitui motivação direta para este trabalho a presença constante do autor no Concelho, como residente há mais de 20 anos e, como tal, a visão e desejo de orientar o crescimento de Cascais, no que toca a soluções arquitectónicas e, através destas, resolver as problemáticas indicadas em seguida.

A problemática a ser abordada no presente documento, nomeadamente, no capítulo de proposta de projeto final de arquitetura, será a falta de estabelecimentos de ensino superior em Cascais e como combater a dependência dos estudantes residentes à capital portuguesa, ao resto do país e estrangeiro, oferecendo mais opções e apoio na presente categoria.

O presente estudo visa analisar Cascais, inicialmente numa fase de independência do Concelho em relação à sua envolvente e ao resto do país. Focou-se a pesquisa no tema do Sistema Alimentar e das suas constituintes seis fases. Esta pesquisa, tem como objetivo perceber o nível de auto-sustentabilidade do Concelho assim como localizar e entender como as zonas de produção alimentar, transformação e consumo se espalham pelo território e diferentes tipos de solo. Será ainda objeto de análise as tipologias dos equipamentos que se apresentam no Concelho.

Um dos estudos realizados para melhor entender o conceito de ensino estará presente sob a forma dum projeto de reformulação dum edifício que acolhe a primeira etapa do mesmo, sendo este o ensino básico. Será um trabalho de grupo realizado no Workshop de PFA no presente ano, trabalhando sobre a Escola EB1 N° 36, nos Olivais, Lisboa. Tendo como base o projeto de ampliação, realizado posteriormente, pelo Atelier de arquitetura José Adirão Arquitetos.

Será então analisada a história de Cascais, até à atualidade, seguindo o caminho de crescimento que a Vila tem vindo a percorrer no último século. Tenciona-se com esta contextualização, perceber a natureza das suas raízes, analisar a arquitetura e assim, resolvendo a problemática analisada, projetando uma solução arquitectónica “Feita de Memórias”.

2. Fases do Sistema Alimentar em Cascais

O sistema alimentar em Cascais foca-se principalmente nas fases: da produção; da comercialização; do consumo e dos resíduos. Cascais é uma Vila na zona oeste de Lisboa constituída por quatro freguesias: Cascais e Estoril, Alcabideche; São Domingos de Rana; Carcavelos e Parede.

Avaliando espacialmente as formas urbanas e tipologias das diferentes fases do sistema alimentar em Cascais, nota-se a existência de uma vasta diversidade de nos atributos de: área ocupada; apoio de edificado e tipo de edificado.

Começando pela produção, Cascais produz alimentos maioritariamente através de atividades piscatórias e de produção de produtos biológicos cultivados na Quinta do Pisão, hortas urbanas, hortas comunitárias ou hortas privadas dentro de certas propriedades dos habitantes locais. A Quinta do Pisão que se classifica como a maior zona de cultivo em Cascais, situada na Serra de Sintra, dispõe de várias plantações espalhadas pela Quinta e, ainda, uma zona pedagógica com a existência de animais típicos duma quinta como: burros; ovelhas; cavalos; etc.



Figura 1 - Cascais.

São poucas as construções de edificado que dão apoio à Quinta. Nota-se apenas uma zona de receção e centro de informações à entrada e um abrigo em madeira na zona das plantações. As Hortas Comunitárias são espaços espalhados por Cascais posicionadas estrategicamente pela CMC, em zonas de carácter urbano, junto a habitações e ocupam espaços bastante mais reduzidos comparativamente à Quinta do Pisão. Nestas hortas, estão frequentemente presentes vários abrigos em madeira para os hortelãos guardarem os seus materiais. Nesta zona, o utilizador pode alugar a sua parcela e produzir os seus próprios produtos. É importante referir que o Vinho de Carcavelos é produzido com

base em diversas vinhas especialmente, a da Horta comunitária da Quinta da BelaVista. Passando para a atividade piscatória, esta é praticada de duas formas em Cascais, nomeadamente: através da pesca nas praias, geralmente a partir das 19h; nas arribas e rochas ao longo da estrada do Guincho; em pontões na Baía de Cascais ou junto à Boca do Inferno na Guia. Muitos pescadores usam embarcações durante o período diurno ou noturno, embarcações essas que são atracadas fora da Marina de Cascais, na praia dos pescadores situada na Baía de Cascais. Todo o equipamento como redes, jaulas e abrigos para os pescadores estão localizados no enfiamento adjacente à praia e que dá acesso pedonal à Marina de Cascais.



Figura 2 -Marcação de zonas de Produção em Cascais.

Na Fase da Transformação, os resultados da minha investigação são escassos pois localizam-se mais no interior, a norte do Concelho, nomeadamente na zona de Mafra. Nota-se que existe a transformação de alimentos maioritariamente das pastelarias e padarias com produção própria, nos restaurantes, principalmente os restaurantes de marisco. Estão também situados por Alcabideche, junto ao vale vários moinhos de vento que eram usados para moer o trigo, mas infelizmente estão desativados neste momento. Uns conservados para fins decorativos e de memória histórica da freguesia e outros em abandono. A quinta do Pisão transforma também alimentos produzidos no próprio espaço sendo para sopas, doces, mel, ou produtos derivados de animais, embora em baixa quantidade pois não dispõem dum edifício próprio para a transformação de muitos produtos.



Figura 3 - Marcação dos principais acessos viários em Cascais.

A distribuição dos alimentos é feita apenas pelo meio terrestre usando os principais acessos viários de acesso a Cascais como as autoestradas A16 e A5 e ainda a a Nacional N6 ou Marginal. Os alimentos circulam em carrinhas de mercadorias, geralmente dos produtores ou de vendedores de pequenas lojas e mercearias, ou então através de veículos pesados que abastecem os grandes armazéns dos três centros comerciais presentes em Cascais. Muitos dos estabelecimentos do comércio que vendem produtos biológicos e não só, abastecem os seus *stocks* dirigindo-se ao MARL (Mercado Abastecedor da Região de Lisboa) situado em São Julião do Tojal. Relativamente aos alimentos derivados do mar, a distribuição é feita internamente entre o pescador e familiares e amigos ou então é feito o transporte pedonal de cerca de 50 metros entre o pontão da praia dos pescadores – onde os barcos estão atracados e fazem a descarga do peixe – para o edifício da DocaPesca onde será, posteriormente, comercializado.

A comercialização dos alimentos é a fase do sistema alimentar onde se nota uma maior variedade nas tipologias. Portanto, existe o Cascaishopping, o CascaisVilla e o Auchan, ambos caracterizados pelo grande volume como o edificado se apresenta. Junto a estes três, geralmente estão presentes grandes espaços abertos para estacionamento coberto com diferentes pisos, ou até um terminal de Autocarros. Um vasto espaço de circulação pedonal e viário, tendo uma grande influência na forma como as vias viárias se desenrolam em torno destes edifícios. No seu interior, para além da venda de produtos variados como eletrónica, roupa ou serviços dispõe da venda de produtos alimentares em pequenas lojas, restauração ou um Supermercado. Reduzindo agora a espacialidade, mas ainda com uma forma urbana que se distingue em Cascais, temos o Mercado da Vila ou, também conhecido como Mercado de Cascais. Este espaço é protegido por uma alta

tenda de polímero branco que cobre um espaço aberto onde as pessoas podem vender ou comprar produtos biológicos de produção própria. A quinta do Pisão para além dum espaço de produção é também um espaço onde as pessoas podem comprar produtos plantados de forma natural e recolher diretamente da terra. Aqui, como foi anteriormente dito, a compra ou venda de produtos é feita diretamente aos agricultores sem o apoio de qualquer edifício próprio para tal finalidade. Existem ainda espaços de comercialização que dispõem dum pequeno edifício, geralmente uma moradia no centro de Cascais restaurada para esse fim. Temos presente também pequenos pontos de venda de produtos normalmente situados no rés-do-chão de residências geminadas. Este tipo de espacialidade é muitas vezes encontrado no centro de Cascais, como na Rua Direita, na Alameda dos Combatentes da Grande Guerra ou na Avenida D. Carlos I.



Figura 4 - Mapa de densidade do Comércio em Cascais.

O Consumo é feito maioritariamente sob a forma de restaurantes. Encontram-se restaurantes sob a forma ambulante/*street food* como é o caso dos “*Hot Dogs da Guia*”, negócio que surgiu à mais de trinta anos através numa carrinha Citroën amarela que ainda hoje se mantém no mesmo sítio e tem bastante sucesso. Temos outros casos presentes como os típicos restaurantes apoiados por uma esplanada que utilizam o rés-do-chão de habitações do centro de Cascais ou então, pontualmente temos restaurantes que utilizam o terraço de forma a fugir ao grande movimento turístico que se nota nas ruas de Cascais nomeadamente no Verão. Há ainda restaurantes que tem o seu próprio edifício, as vezes mais reservado como é o caso dos restaurantes de marisco ao longo da estrada do guincho e outras vezes em sítios com mais afluência de pessoas, na rua direita por exemplo.

Os Resíduos em Cascais são tratados duma forma cuidada. Cascais é um Concelho que se preocupa intensamente com a pegada ambiental. Dessa forma,

encontramos um grande número de pontos de descarte ao longo de Cascais. Sob a forma de ecoponto acima do nível da terra ou com depósito subterrâneo. A reciclagem é bastante incentivada, portanto há pontos de reciclagem espalhados nas praias, nas ruas do centro ou até em zonas habitacionais perto dos limites do Concelho. Todos os resíduos são tratados nos armazéns da Cascais Ambiente, na Estrada de Manique. Aqui encontra-se um espaço bastante amplo e com apoio de diversos edifícios não só como escritórios para os fins da Cascais Ambiente, mas também para o tratamento dos resíduos e ainda garagens para estacionamento e oficinas para manutenção de todos os veículos relacionados com a limpeza e recolha de resíduos em Cascais. Encontramos ainda o edifício das Águas de Cascais na Aldeia de Juzo sendo um edifício de 3 pisos bastante comprido e compacto que não utiliza qualquer parte do terreno exterior. Localizado também perto da Aldeia de Juzo, embora de certa forma afastado para uns terrenos mais rurais e longe dos principais acessos viários, situa-se a ETAR (Estação de Tratamento de Águas Residuais). É um grande espaço que dispõem de diversas formas de edificado, sendo os mais destacados, os grandes cilindros onde se efetua o tratamento, efetivamente. Na costa da Guia, junto ao mar e ainda relacionado com a ETAR, encontramos o segundo edifício, mas, desta vez, do tratamento na fase líquida. O edifício é sem dúvida inferior comparativamente ao anterior, não se notam relacionados espacialmente de nenhuma forma, nem à cor, nem tipologia, nem mesmo nenhuma ligação visível acima do nível de terra como poderia ser o caso de partilharem a mesma via viária, ou linha de água / vale. Os dois edifícios estão completamente independentes um do outro, em comum é o eventual mau cheiro que deixam nas proximidades.

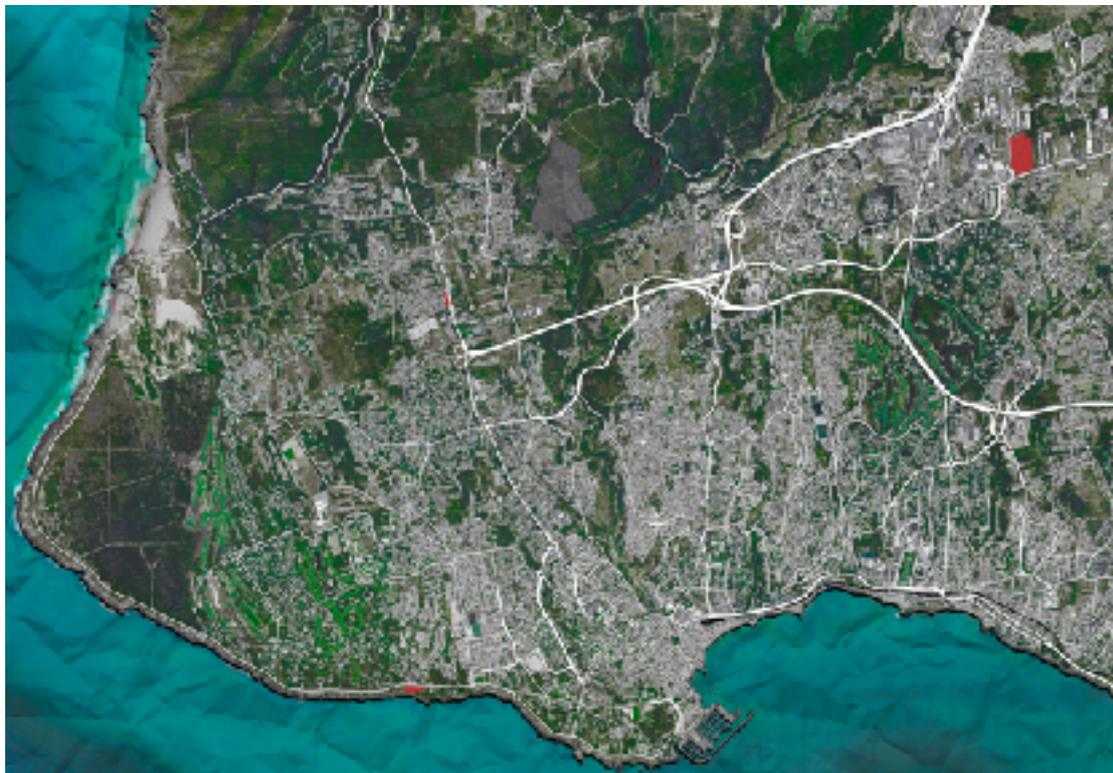


Figura 5 - Marcação dos pontos de Tratamento de Resíduos em Cascais.

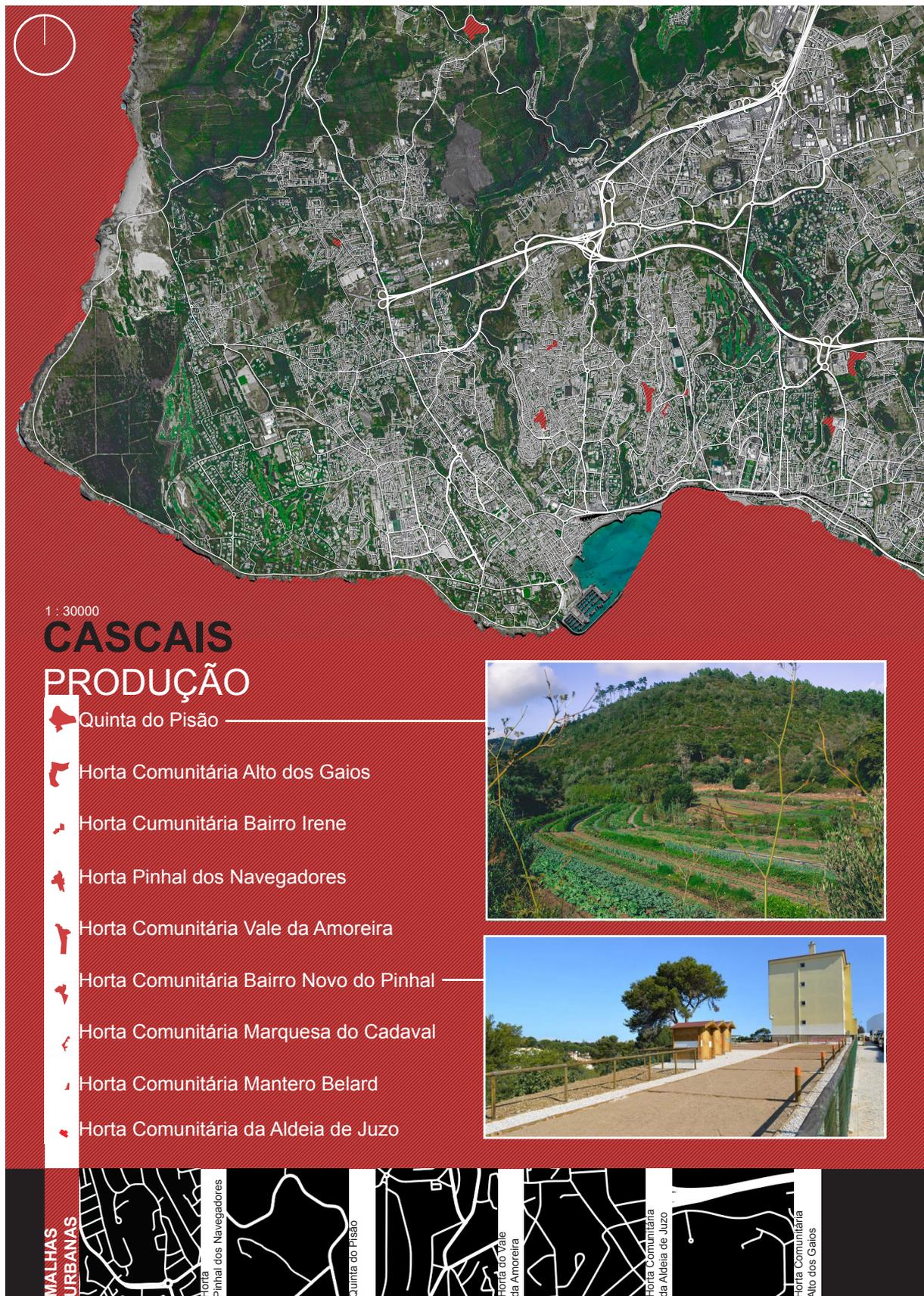


Figura 6 - Pannel Nº 1. Produção



Figura 7 - Painel Nº 2. Comércio e consumo



Figura 8 - Painel Nº 3. Resíduos

3. Workshop PFA

Na primeira semana de junho, deu-se lugar ao Workshop de PFA de 2021. Os alunos foram divididos em grupos e após uma breve apresentação de cerca de seis projetos de arquitetura, foi lançado o desafio para o grupo de trabalho apresentar, no final dessa semana, um projeto de reabilitação ou ampliação ou até alteração do programa através de desenhos, maquetes e foto-montagens. Este processo poderia ter um resultado tanto realista como utópico. A intenção principal do workshop era explorar as nossas capacidades de organização, criatividade e comunicação gráfica num grupo de trabalho, partilhar conhecimentos e aprender mais acerca do projeto com o respetivo arquiteto.

O grupo, formado pelos alunos: Bernardo Custódio, Catarina Santos, Luís Ferreira, Luís Guerreiro, Rita Faria, Rita Rodrigues, Rodrigo Silvestre e a ex-aluna Inês Pedroso como monitora do mesmo, foi responsável pelo trabalho desenvolvido que focava-se no projeto da Escola EB1 nº36, projetada em 1972, Olivais, pelo arquiteto Raul Cerejeiro. A escola teve então um projeto de reabilitação e ampliação pelo arquiteto José Adrião e respetivos associados, responsáveis pela apresentação do projeto no workshop e monitorização dos grupos ao longo da semana.

Após análise do projeto e de todo o seu interior pelo atelier José Adrião Arquitetos, decidimos tocar o menos possível no interior e focarmos as nossas energias no espaço exterior, nomeadamente a cobertura, em conjunto com novos caminhos e espaços criados na envolvente que teciam as diferentes malhas presentes ao redor e enfatizavam a praça da Viscondessa do Olivais, em simultâneo criar novas passagens que atravessavam o terreno da escola e percorriam espaços de permanência designados ao lazer e de passagem em diferentes materialidade e devidamente adaptados para serem usados pelos habitantes dos Olivais de todas as idades. O grupo completou a sua apresentação com esquiços, diagramas, foto-montagens e maquete.

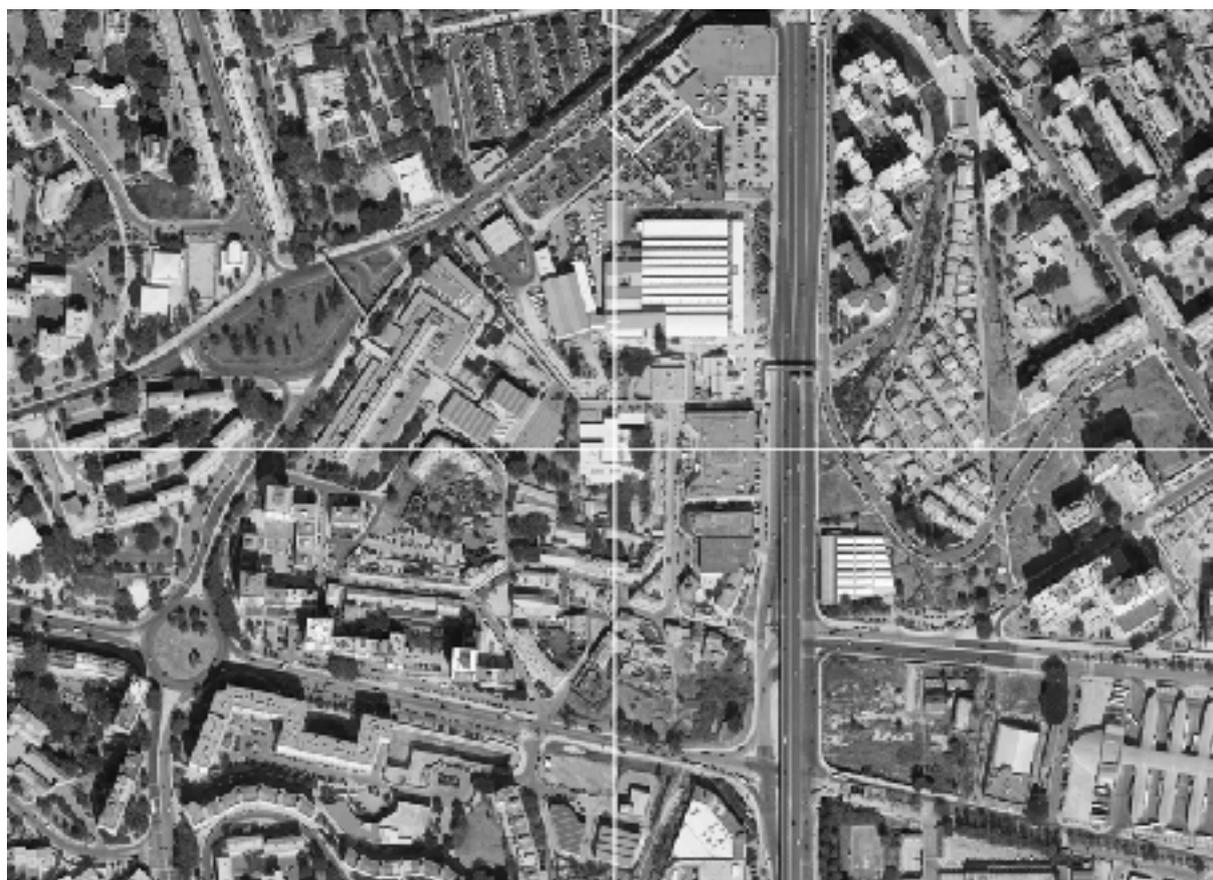


Figura 9 - Escola 36

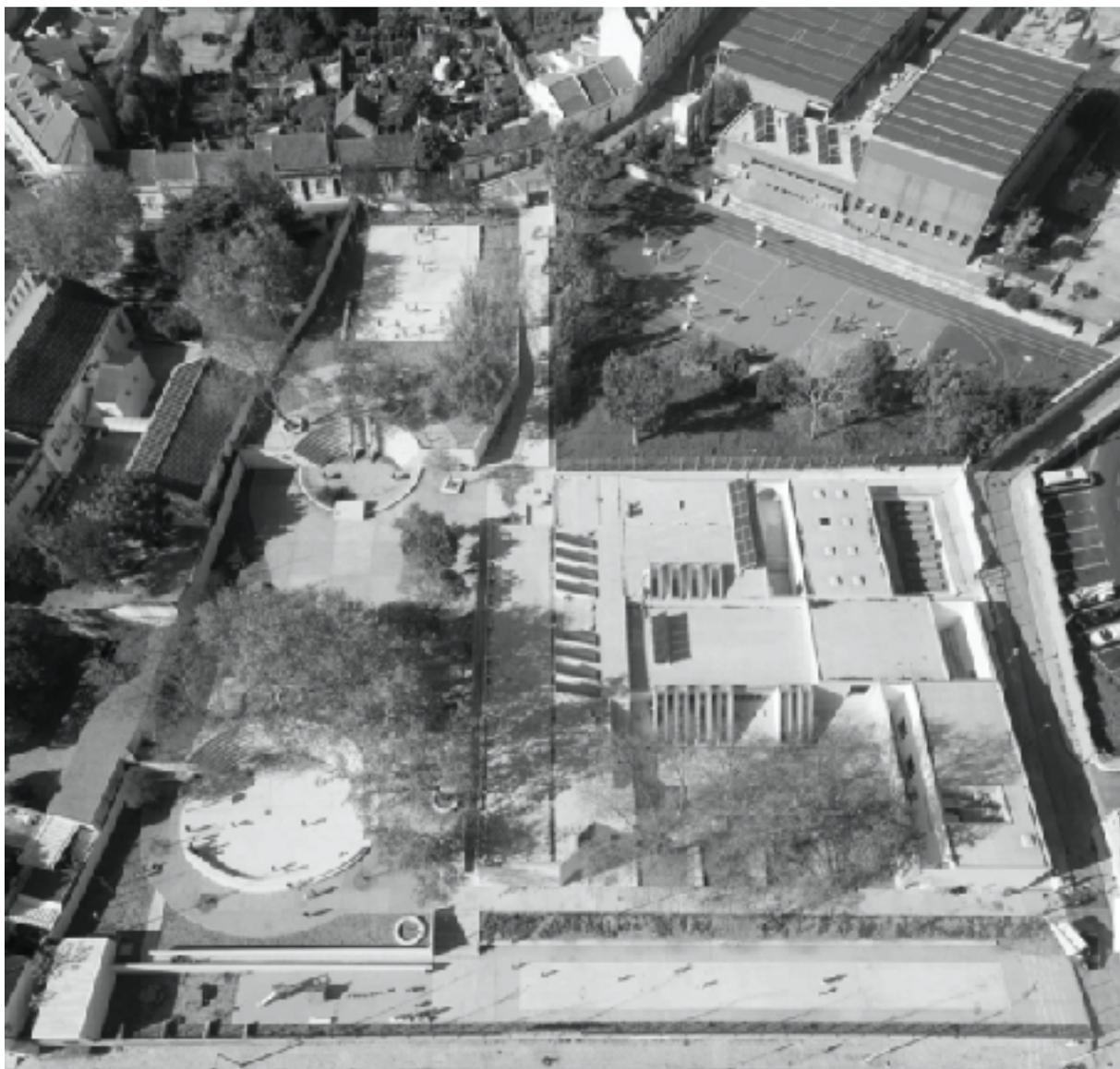


Figura 10 - Vista aérea de cobertura

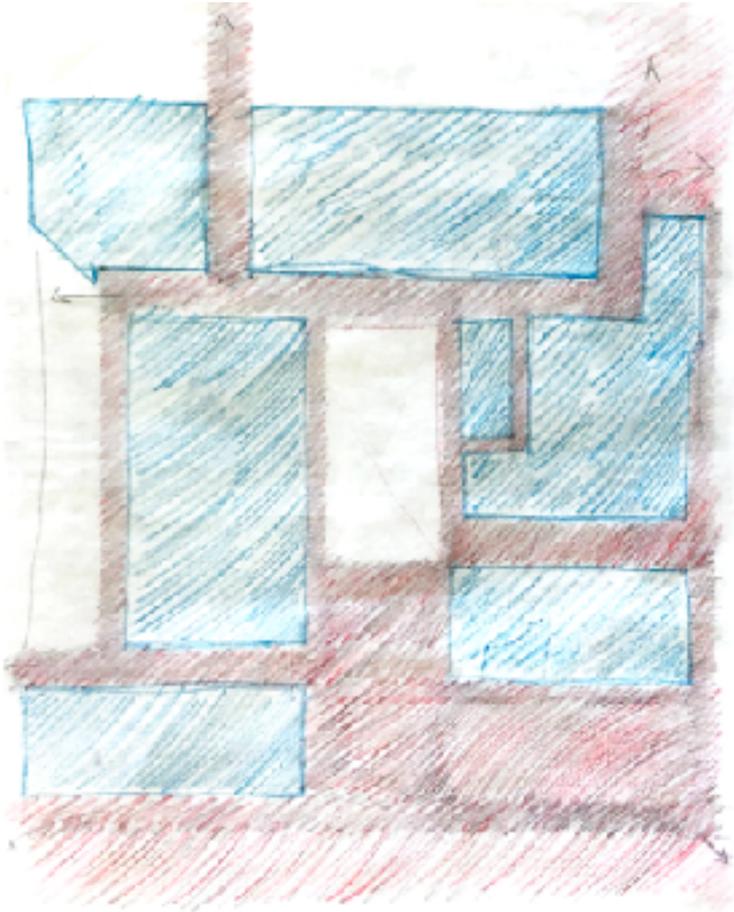


Figura 11 - Matriz

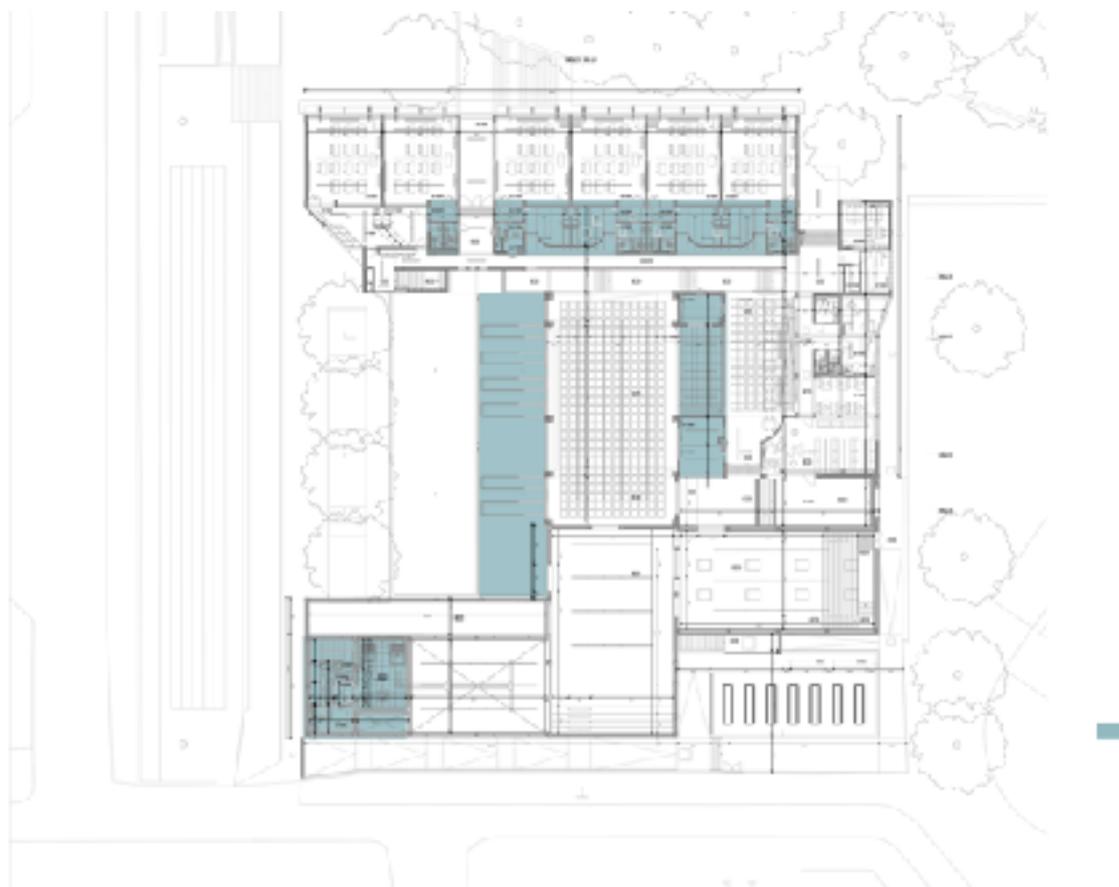


Figura 12 - Volumes



Figura 13 - Vista aérea da proposta



Figura 14 - Cobertura proposta

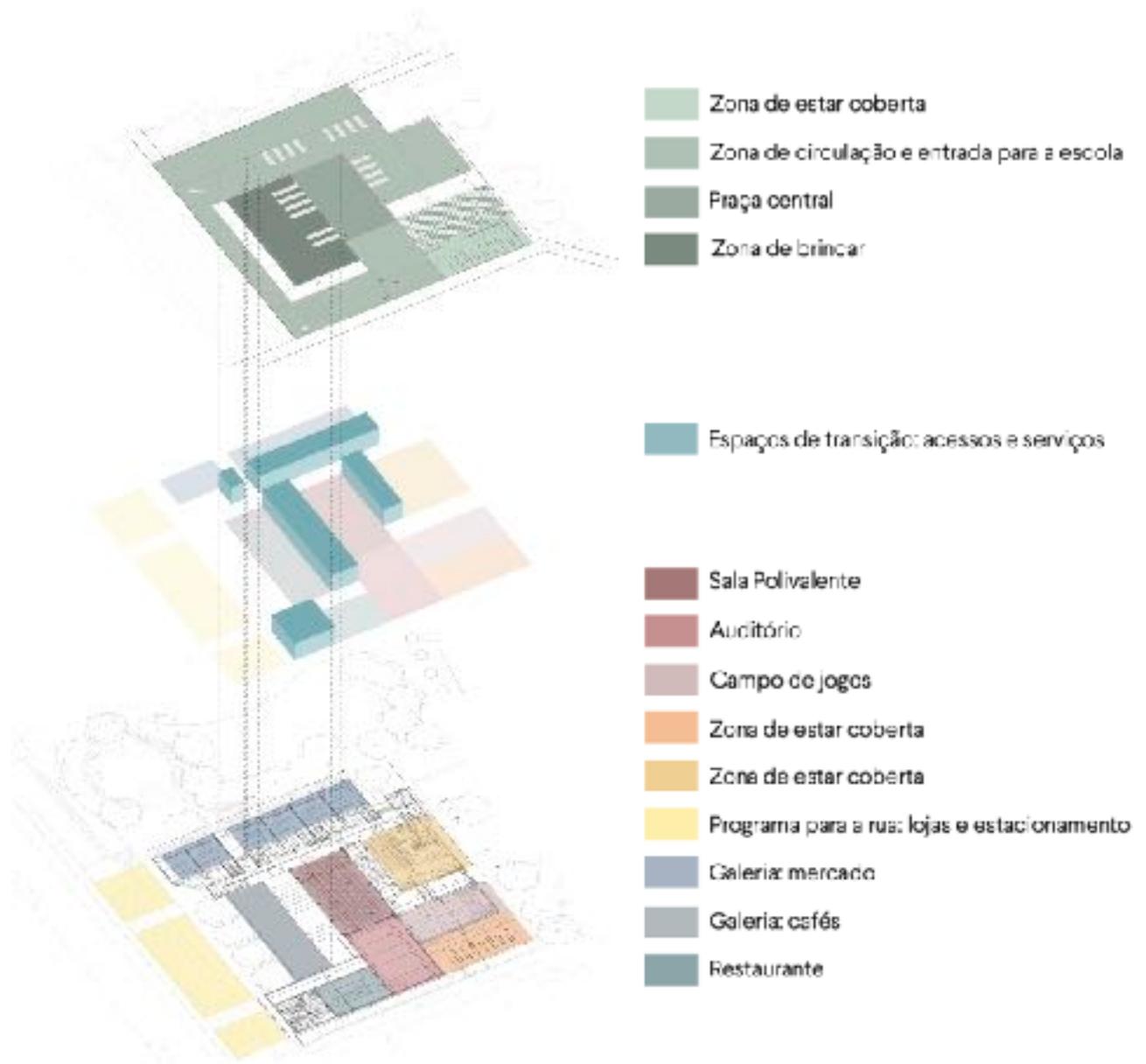


Figura 15 - Espaço público



Figura 16 - Ambiente Interior



Figura 17 - Antigo Ginásio



Figura 18 - Ambiente exterior



Figura 19 - Ambiente exterior



Figura 20 - Maquete. Vista de topo



Figura 21 - Maquete. Espaço exterior



Figura 22 - Maquete. Lanternins



Figura 23 - Maquete. Pormenor dos lanternins

Memória Descritiva

A ideia de transformar a escola numa praça, nasce, em primeiro lugar, da fragilidade dos limites que circundam o edifício e da possibilidade de ligação às diferentes cotas e malhas urbanas da envolvente. Converter a escola num espaço público vai não só abrir o programa para a cidade, criando um novo espaço central no bairro e organizador do traçado, mas também potenciar o carácter público e urbano do edifício original. A matriz do projeto é revelada, aos poucos, na organização por camadas e na própria espacialidade do edifício que traça naturalmente ruas e praças, em torno de um elemento central, a sala polivalente. Partindo da forma fundamental da praça, é na cobertura que se encontra a possibilidade de repensar este novo espaço que vai refletir o carácter original dos espaços cobertos que surgem, agora, como vazios complementares da praça, na cobertura.

Deste modo, é invertido o sentido natural de chegada e entrada num edifício, sendo a cobertura o novo lugar de estar privilegiado e de ligação com a cidade. Feito o levantamento dos programas e características de um espaço público central na cidade, foi-se complementado a caracterização original do edifício e do próprio lugar onde este se insere. Permanecem apenas os volumes de acessos e serviços do projeto original e o esqueleto do edifício. Ao mesmo tempo, são adicionadas escadas, rampas e outras ligações que potenciam a circulação, assim como bancos, árvores e outros tipos de planos que geram sombras e marcam os locais de recreio e permanência.

4. Projeto Final de Arquitetura

Introdução à problemática

A Vila de Cascais conta com 213 mil habitantes dos quais cerca de um terço são jovens. O elevado número de jovens contribuiu o título de Capital Europeia da Juventude em 2018. O grande número de estudantes residentes em Cascais é fortemente apoiado por instituições de ensino a nível básico e secundário porém existe uma grande escassez no ensino superior para apoiar as ambições dos jovens residentes. Apenas 3 instituições leccionam em Cascais, nomeadamente, a NOVA SBE, em Carcavelos, a ESSA (Escola Superior de Saúde de Alcoitão) e a Escola Superior de Hotelaria e Turismo no Estoril. É necessário que os jovens percorram uma distância de 30km, aproximadamente, entre o centro de Cascais e Lisboa, que demora, nas horas de ponta, sensivelmente uma hora e trinta minutos a percorrer, tanto de transportes como de carro, devido à forte afluência de condutores residentes no Concelho que estudam ou trabalham em Lisboa.

Com o crescimento de Cascais e de forma a tornar o Concelho mais autónomo, o presidente da CMC, Carlos Carreiras, demonstra, em fevereiro de 2017, a intenção de erguer a nova Faculdade de Medicina de Cascais, juntamente com a instituição de ensino privado da Católica, no terreno do antigo hospital que serviu a Vila desde 1940, o hospital Condes Castro Guimarães, respetivamente, na zona central histórica. Procedeu-se à demolição do edifício e cercado do terreno, porém foi então que a Católica desistiu do processo, por razões desconhecidas — talvez pelo surgimento da nova localização no Tagus Park — o que deixou Cascais com a expectativa e o desejo, ainda por realizar de ver nascer a nova Faculdade de Medicina de Cascais.

Acompanhando a intenção do Presidente da CMC o terreno do antigo Hospital Condes Castro Guimarães reúne todas as condições necessárias para receber a nova faculdade de medicina de Cascais. O terreno que ocupa metade de um quarteirão partilhado com o edifício dos CTT Cascais, a loja do cidadão com todo um estacionamento subterrâneo que segue a Vila e ainda residências. Num raio de 200 metros, os estudantes, docentes e funcionários do espaço poderão usufruir de diversos serviços tais como restauração mercado, papelaria, bancos etc. Dentro da zona histórica e numa envolvente alcançável até 10 minutos de carro, as residências são abundantes e as condições para receber e apoiar estudantes e novos trabalhadores do espaço são favoráveis. Neste espaço, seriam leccionadas aulas teóricas e de simulação em conjunto com o Hospital de Cascais em Alcabideche onde seriam leccionadas aulas práticas. Na faculdade propõe-se ainda um piso totalmente equipado com espaços designados para a investigação científica.

Deste modo, o edifício propõe oferecer um novo espaço de ensino superior em Cascais para os jovens estudantes, onde será possível obter graus de licenciatura, mestrado e doutoramento na área da medicina; estacionamento subterrâneo reservado a docentes e trabalhadores da instituição; uma nova praça de permanência e circulação que resolve a passagem entre as três ruas que circundam o quarteirão na sua zona norte.

Análise Territorial de Cascais

Cascais, é um Concelho pertencente ao distrito de Lisboa, Portugal. Situa-se na região mais a Oeste a cerca de 30Km da capital e faz fronteira com o Concelho de Sintra e Oeiras. Outrora uma pequena Vila que se dedicava maioritariamente às atividades piscatórias, hoje já conta com cerca de 214 134 habitantes (2021) e uma área territorial de 97,4km². Ainda assim, o termo cidade, apesar de se justificar com base nos casos demográficos, ainda não foi considerado e portanto mantém-se a denominação de Vila de Cascais.

Os seus acessos podem ser feitos pelas vias rápidas A5 e A16, a Nacional 6, pelo aeródromo de Tires e pela linha ferroviária com terminal no Cais do Sodré, Lisboa. Apesar da Marina de Cascais, não existem conexões de barcos turísticos ou de transporte público com Lisboa ou a Margem Sul do Rio.

Atualmente, é um local de cultura e de bastante atividade turística, nomeadamente no verão, graças ao clima, ao horizonte desafogado com conexão com a Serra de Sintra e devido às numerosas praias, banhadas pelo Oceano Atlântico, possível devido ao afastamento do Concelho em relação ao leito do Rio Tejo.

Os principais locais turísticos, são o Cabo da Roca (Ponto mais a Oeste do Continente Europeu), Praia do Guincho, Boca do Inferno, CCC (Centro Cultural de Cascais), Casa das Históricas Paula Rego, Parque Marechal Carmona, Praia de Santa Marta, Marina de Cascais, Forte da Cidadela, Baía de Cascais, Centro Histórico, Rua Direita e Paredão Marítimo de Cascais.

A atividade da população é predominante no horário diurno, já no horário noturno a escassez de locais de lazer e diversão faz com que os visitantes e habitantes locais recorram a Lisboa.

A caracterização do solo é predominantemente rural na zona mais interior e a oeste do Concelho. O solo urbanizado concentra-se no centro de Cascais, junto à Baía, capaz de tirar proveito dos principais acessos, atividades e ligação com o mar.



Figura 24 - Cascais. Carta Hidrográfica



Figura 25 - Cascais. Mapa de Ventos

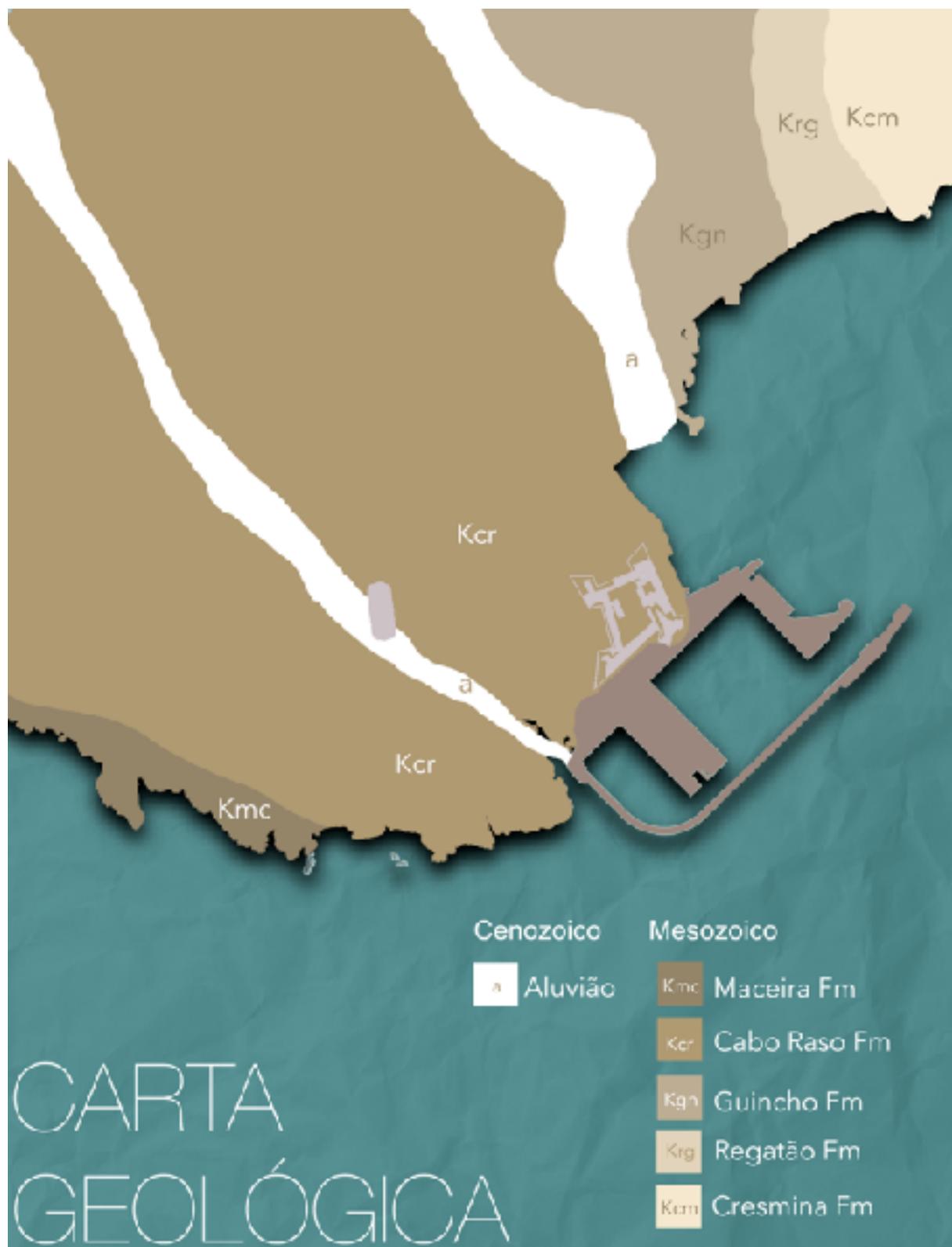


Figura 26 - Cascais. Carta Geológica

Contextualização Histórica

“O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Aí tem a célebre história de Cascais”²

Até finais do século XIX, Cascais nunca foi mais que uma simples Vila, com modestas construções religiosas ou particulares, e largamente ignorada pela Corte e pela Nobreza. No entanto, após o terramoto de 1755, a margem direita do Tejo, a oeste de Lisboa, começou a tornar-se popular, em parte por escapar aos piores efeitos do terramoto. O palácio da Ajuda foi construído em Belém, Marquês de Pombal construiu o seu próprio palácio em Oeiras, e assim os limites ocidentais de Lisboa começaram a expandir-se em direção a Cascais.

Com o crescimento da cidade de Lisboa assim como o desenvolvimento dos transportes urbanos e a vulgarização do banho de mar, a sociedade lisboeta começou a acorrer para novas praias mais distantes da capital. A começar por Belém - local onde se ancorava a barca real - seguindo-se Pedrouços - considerada a primeira praia aristocrática dos arredores da capital - Algés, Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias e por fim, Paço de Arcos.

Fugindo a esta continuidade geográfica, o próximo passo para a expansão de praias partindo da capital do país seria uma Vila de carácter marítimo burguês-piscatório decadente, denominada por Cascais. Esta seria palco para um conjunto de novas estâncias balneares de maior importância da região de Lisboa e consequentemente o centro do cosmopolitismo “snob”. Naquela época existiam apenas duas freguesias, a de Nossa Senhora da Assunção e a de Nossa Senhora da Ressurreição de Cristo. Após 1755 a segunda igreja foi totalmente destruída e a primeira acabou por reunir todas as funções paroquiais.

² PESSOA, Fernando - *Carta a Ofélia Queirós*. Lisboa, 29 de setembro de 1929



Figura 27 - Igreja de Nossa Senhora de Assunção, no segundo quartel do Séc. XX



Figura 28 - Igreja de Nossa Senhora de Assunção, 2021

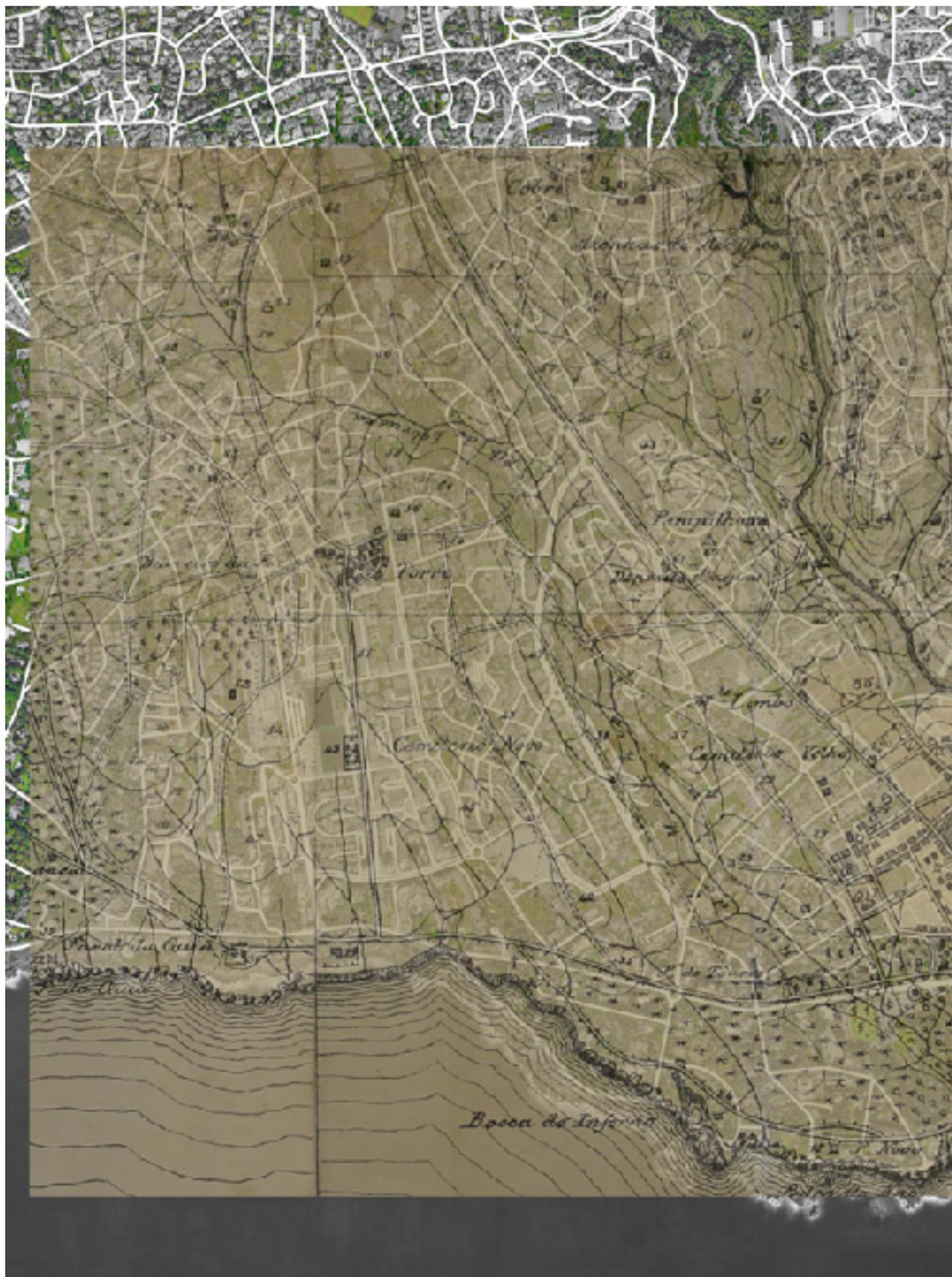


Figura 29 - Sobreposição da carta militar de Cascais datada de 1864 com a carta da Vila em 2020





Figura 30 - Formação dos primeiros bairros em 1864, sobrepostos à carta da atual da Vila.



Foi em 1870, após o rei D. Luís I, decidir escolher a Vila para passar o fim desse verão e satisfazer as suas necessidades e paixões pela marinha que as instalações militares começaram sumariamente as suas adaptações à nova função de Paço Real onde a Família Real habitava dois meses por ano. Os nobres, a alta sociedade e a classe média-alta logo o seguiram, e construíram as suas residências de verão à beira-mar. Muitas eram moradias bastante grandiosas, e os núcleos desses palacetes ainda permanecem imponentes no litoral.

Esta preferência real foi responsável pela súbita importância que a Vila assumiu, ao receber os favores da corte e da aristocracia.

Ramalho Ortigão, em 1888, avalia a vocação elitista de Cascais da seguinte maneira:

“Com os primeiros dias de setembro, terminou o período consagrado pela moda à vilegiatura de Sintra. Desde que o mês de agosto finda, até que S. Carlos começa, prescrevem as praxes que a estação marítima suceda à estação de montanha. Enchem-se nesta época, até deitar por fora, as praias de banhos da baía do Tejo e do litoral, desde Setúbal até Âncora. Lisboa inteira debanda. (...) Mas, de todas as praias portuguesas, é principalmente Cascais a que herda de Sintra a *elite* do seu verão.”³

Ramalho acrescenta à sua crítica:

“Para corresponder à posse deste privilégio de chique balnear, Cascais, além da serenidade azul da sua baía e da cidadela em que por algum tempo reside a família real, dispõe apenas de um medíocre hotel, de um clube de *sport* e de um casino de aspeto pacato como o de uma botica hospitaleira, onde à noite se joga ou se bailarica ao piano. O *Sporting Club* instalou-se no recinto anteriormente conhecido pelo nome de *parada*, e deu ao lugar um arzinho de civilização, que não deixa de surpreender um pouco numa praia nacional. (...) Desde que o casino se abre, as salas fecham-se, e a convivência faz-se nessa espécie de praça pública, coberta por um tecto e guarnecida por um certo número de cadeiras.”

Este texto, caracteriza, portanto, as precárias estruturas da estância e nota-se ainda a complementaridade entre a praia e a montanha - Cascais e Sintra - que fora alargada na última década do Séc. XIX aos “Estoris”.

Pelo gosto dos nossos reis, é criado o “Triângulo Turístico” da zona da capital, envolvendo Lisboa, Sintra e Cascais.

³ ORTIGÃO, Ramalho - O País e a sociedade portuguesa. As Farpas. Vol. VI, pp. 297. (1943)

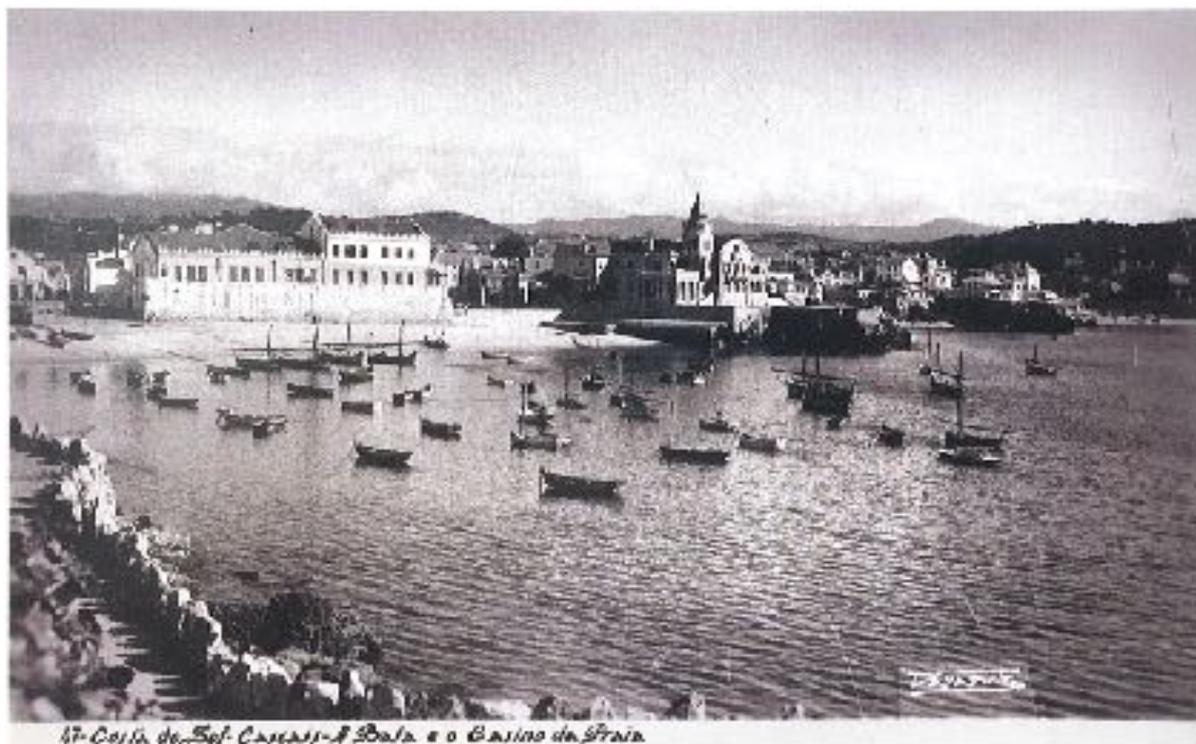


Figura 31 - Praia da Ribeira, no início do Séc XX. Ao fundo encontra-se o casino da praia



Figura 32 - Praia da Ribeira, 2021



Figura 33 - Carta de Cascais em 1896



Figura 34 - Carta de Cascais em 2020

A partir de 1871, surgem em Cascais uma série de casas de qualidade - algumas das quais enumeradas por Raul Proença -, um casino e um clube de desporto bastante exclusivo. A dualidade “estância da corte / aldeia de pescadores” que caracterizou Cascais, é o carácter responsável pelo constante crescimento de veraneantes à medida dos anos.

Cascais é um exemplo típico do aproveitamento de um sítio outrora urbanizado, há mais de 300 anos, através de transformações urbanísticas e arquitetónicas. O resultado deste processo é apreciado por Raul Proença em 1924.

“Se se dissesse, porém, que Cascais era belo, seria uma mentira. Como aos Estoris, falta-lhe plano, arquitetura, e, se exceptuarmos uma dúzia de casas, quando muito, tudo o mais precisava de ser deitado abaixo. A situação é que é admirável pelo recorte da baía, pela amenidade da temperatura, pela série de perspectivas que de qualquer ponto se descobrem, e que formam um conjunto cheio de harmonia e até de grandeza. À parte velha de Cascais, com as suas casinhas de pescadores, alguns prédios antigos, as praças solitárias onde os homens do mar secam as redes, juntaram-se no último meio século os prédios sem gosto, com as raras excepções que iremos indicando. Na Avenida Valbom, junto à estação, as casas de D. António Lencastre, Eduardo Plácido, Conde de Calhariz, Duquesa de Palmela e D. Nuno de Almada, todas com frente ao mar, quasi batidas pelas ondas, são na maioria chalés, género construtivo inadequado ao ambiente, pecha de que, entretanto se salvam algumas pelo bom gosto e a bela moldura dos jardins.”⁴

Tal como se verificou com outras estâncias balneares nacionais e estrangeiras, também Cascais viu o seu desenvolvimento e aumento de interesses dependente de “promotores” e “beneméritos”.

“Uma vez a Cascais para nunca mais” este provérbio retratava a distância física, e psicológica, quase insuperável do burgo decadente a Lisboa devido ao seu difícil acesso para quem não possuía embarcações.

Esta situação alterou-se com uma importante melhoria realizada por Joaquim António Vellez Barreiros, Visconde da Nossa Senhora da Luz. Nascido no interior do forte de São Julião em Carcavelos, proprietário em Lisboa e bastante rico, rendeu-se à beleza da Baía de Cascais e foi em 1859 que se tornou o diretor das Obras Públicas e nesse mesmo ano começaram as obras da estrada que regenerou Cascais com a sua ligação direta a Oeiras. A ligação viária entre Cascais e a Capital fora, portanto, facilitada com este projeto que fazia conexão em Oeiras com a via pré-existente, razoavelmente bem conservada, construída pelo Marquês de Pombal em meados do Séc. XVIII, resultando num maior fluxo de veranistas que anteriormente passavam férias em Paço de Arcos. Já no início da Segunda Guerra Mundial com o grande número de refugiados, incluindo muitas famílias reais europeias, houve um crescente fluxo de pessoas, e surge ainda a necessidade de um bom caminho que permita o rápido transporte de tropas em caso de emergência. Foi então que, o Ministro das Obras Públicas Duarte Pacheco promoveu a

⁴ PROENÇA, Raul - Aos Estoris e Cascais. Guia de Portugal. Lisboa e Arredores, pp. 599. (1982)



Figura 35 - Casa Lencastre, no primeiro Quartel do Séc. XX



Figura 36 - Casa Lencastre, 2021



Figura 37 - Praia da Duquesa e Casas Loulé e Lencastre, em meados do Séc. XX.



Figura 38 - Praia da Duquesa e Casas Loulé e Lencastre, 2021

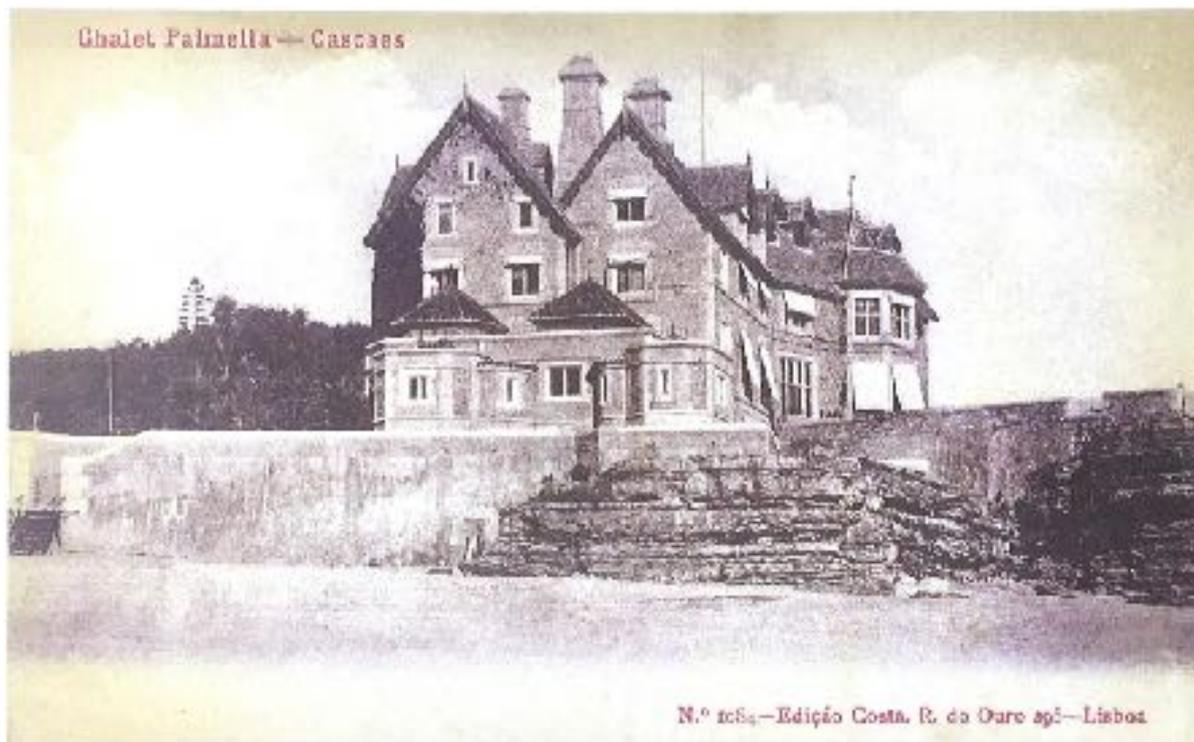


Figura 39 - Chalet Palmela, no início do Séc. XX



Figura 40 - Chalet Palmela, 2021

construção da "Marginal" (construída em 1940-1944), que substituiu grande parte da antiga estrada costeira e muitas das travessias ferroviárias. A Marginal terminava originalmente no limite de Cascais, mas no ano de 1945 estendeu-se até ao centro da Vila, obrigando a tapar a Ribeira das Vinhas.

Em 1863, o Visconde, após um ano de veraneio na Vila, constrói, no alto da bela vista, a sua casa e tomou a iniciativa de agenciar o "Passeio da Vila" - um pequeno parque localizado no centro, sobre a Ribeira das Vinhas - hoje, denomina-se por Jardim Visconde da Luz. Este fora o primeiro equipamento do género a ser implementado em Cascais e que, consoante os modelos internacionais prescreviam, tal seria indispensável para a requalificação dum lugar com intenções de estância veraneio. Em 1864 a estrada com ligação a Oeiras foi finalmente concluída, e logo após esta, em 1868, surgiu outra de igual importância com ligação a Sintra que fora custeada pelo Estado.

Estas duas vias trouxeram uma melhor comunicação entre Lisboa, Cascais e Sintra, que conseqüentemente originaram o hábito de vir tomar banhos a estas praias e foram os elementos base que deram início ao conceito de modernização da Vila. Somando a constante progressão nas construções e requalificação das existentes, Cascais provou tornar-se uma Vila independente que reúne todas as condições de prosperidade.

Pedro Barruncho descreve, em 1873, o desenvolvimento da Vila durante este importante conjunto de anos. Fala do aparecimento de diversas ótimas moradias que pontuavam o local, mas insiste em dois edifícios de maior importância. Inicialmente, o Teatro Gil Vicente, com a sua construção concluída em 1868, no centro da malha urbana histórica.

"É uma bela e espaçosa casa, de sólida construção, em que foram guardados todos os preceitos que estas obras requerem, e prima pela elegância e comodidades. Em poucas terras, fora de Lisboa ou Porto, se encontrará teatro igual. (...) Aqui têm vindo representar as companhias dos teatros da capital, e algumas estrangeiras. As famílias que vêm a banhos também ali hão dado brilhantes representações. Em Cascais há curiosos, mui distintos, da arte dramática" ⁵

Passaram, pelo seu palco, algumas das melhores figuras e companhias do teatro nacional. Paralelamente deu-se o grande sucesso do teatro de amadores com a frequente participação da melhor sociedade veraneante em Cascais. Esta tradição mantém-se nesta casa e a ela liga-se, hoje em dia, a companhia de teatro TEC - Teatro Experimental de Cascais. Esta casa servia também como um fator de civilização da Vila. Elemento esse indispensável na modernização de estâncias balneares do século XIX, como já acontecia nas praias de Inglaterra. Para além do Teatro Gil Vicente já referido, o outro elemento a que Pedro Barruncho faz referência é o Casino de Cascais. A sua construção começou em 1873 sobre a Praia da Ribeira - Também chamada Praia dos Pescadores ou Praia do Rei - o nome dá-se por se localizar na foz da ribeira que atravessava a Vila. O casino era visto por muito como um "barracão sem ambiente" e Ramalho Ortigão compara-o ainda como

⁵ BARRUNCHO, Pedro Lourenço de Seixas Borges - *Apontamentos para a História da Vila e Concelho de Cascaes*. Lisboa : Typografia Universal, 1873 pp. 150-151.



Figura 41 - Paredão de Cascais, junto à praia da conceição, no início do Séc. XX



Figura 42 - Paredão de Cascais, junto à praia da conceição, 2021

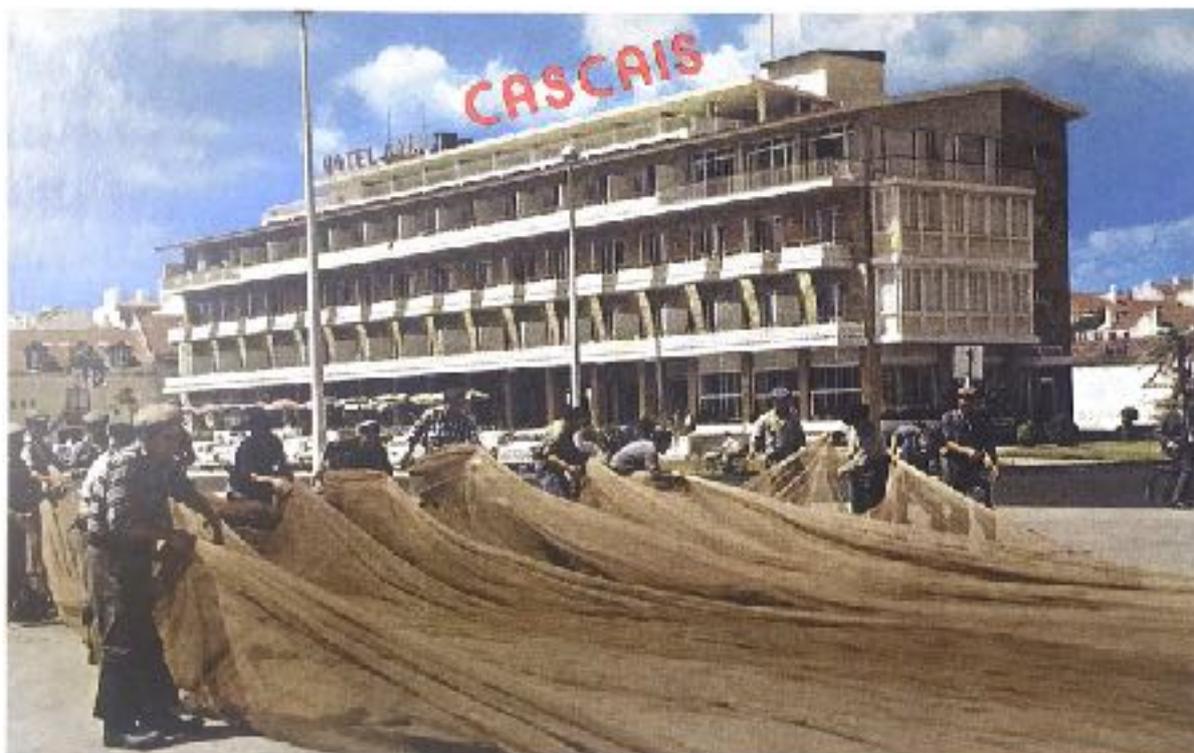


Figura 43 - Pescadores em atividade junto ao Hotel Baía, nos finais do Séc XX



Figura 44 - Pescadores em atividade junto ao Hotel Baía, 2021

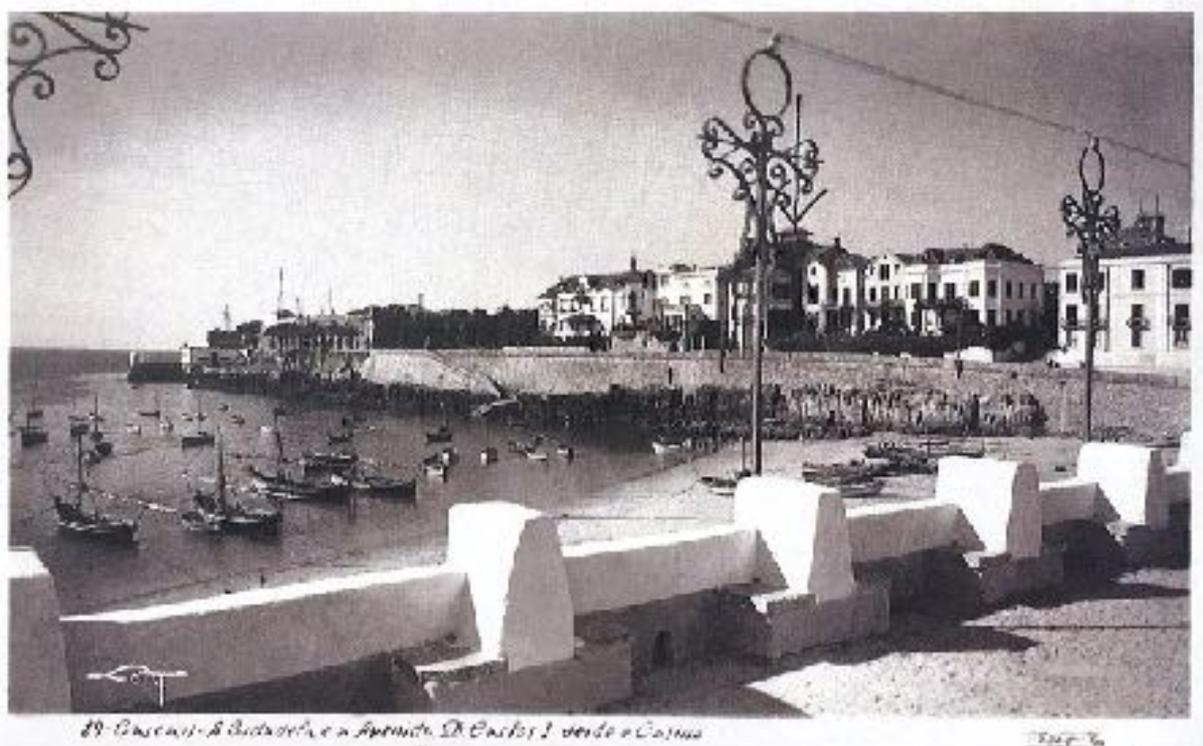


Figura 45 - Praia da Ribeira, Avenida D. Carlos I e Cidadela, meados do Séc. XX



Figura 46 - Praia da Ribeira, Avenida D. Carlos I e Cidadela, 2021

uma botica hospitaleira. O espaço fora efetivamente alvo duma rápida construção e de baixos custos, com o objetivo de responder à procura que tão rapidamente surgira. Este sucesso deu-se, tal como o teatro, por ser um “novo elemento de civilização” na Vila e, neste caso, apesar do seu fraco carácter e a ausência de grandes luxos ao seu redor, tornou-o num espaço muito reconhecido aos visitantes de Cascais. Um elemento do projeto que encheu sempre com imensas multidões, principalmente nos dias de regata, foi o seu terraço sobre o mar que se estendia perpendicularmente em relação ao edifício e resguardava-se por um grande toldo.

A intenção de construir um casino com melhores condições em Cascais, ficou comprometida quando o Monte Estoril começou a desenvolver e a instalar equipamentos similares.

Outro evento social importante a referir foi a primeira tourada de Cascais, em 1869. Quase exclusivamente praticado por jovens aristocratas, contemplava o gosto marialva desse tempo e esta categoria de evento fundiu-se às tradições da Vila. Foi praticado durante muitos anos em espaços improvisados, até ao aparecimento da Praça de Touros que serviu de local definitivo para as touradas. Acontecimentos como as touradas e o teatro, assim como todas as atividades balneares, faziam parte das principais e exclusivas experiências que Cascais oferecia, já que nenhuma outra estância balnear na zona de Lisboa as oferecia.

Ainda em 1873, ergue-se a primeira construção, privada, à entrada da Vila nos limites Este. Construída pelos Duques de Palmela, é considerada uma das melhores habitações de verão da região. Está implementada sobre os alicerces do antigo forte da Conceição - que deu o nome à praia adjacente -, no extremo de um imenso parque que fazia a separação entre Cascais e Monte Estoril. O Palácio Palmela teve como arquiteto responsável o inglês Thomas Henry Wyatt.

Entre o revestimento de pedra rústica, os telhados de duas águas com águas-furtadas e uma entrada angular com a típica concentração de decoração, tal como se nota na arquitetura revivalista inglesa, era de notar, com superior admiração à habitação, o envolvente jardim devidamente cuidado e meticulosamente colocado sobre a encosta, cujo traçado foi desenhado pelo mesmo arquiteto sob indicações da Duquesa que ali passou grande parte do seu tempo. Tal parque, bastante semelhante aos que se encontravam em Sintra, embora à vista de todos, servira como um dos pontos de encontro mais famosos durante a época balnear onde a própria Duquesa fazia, com a presença da rainha, a sua quermesse anual de caridade.

Quase simultaneamente, fora concluído com a contemporaneidade das obras da cidadela, o palacete do Duque de Loulé - ainda assim conhecido. Foi mandado construir pelo próprio e pelo conde de Vale dos Reis. Este ergue-se sobre o oposto promontório à casa do Duque de Palmela e fecha assim, do lado oeste, a praia da Conceição. A habitação é, de facto, emblemática, tanto pelo seu elaborado desenho, assim como, pela sua cuidada implantação sobre as rochas. O projeto é de Luís Caetano Pedro d'Ávila, que mostrou ter capacidades decorativas capazes de agradar à época graças aos seus estudos em Paris com Charles Garnier.



Figura 47 - Avenida Emídio Navarro, na segunda metade do Séc. XX



Figura 48 - Avenida Emídio Navarro, 2021



Figura 49 - Jardim defronte da Cidadela e Monumento ao Regimento de Infantaria nº 19, em meados do Séc. XX



Figura 50 - Jardim defronte da Cidadela e Monumento ao Regimento de Infantaria nº 19, 2021

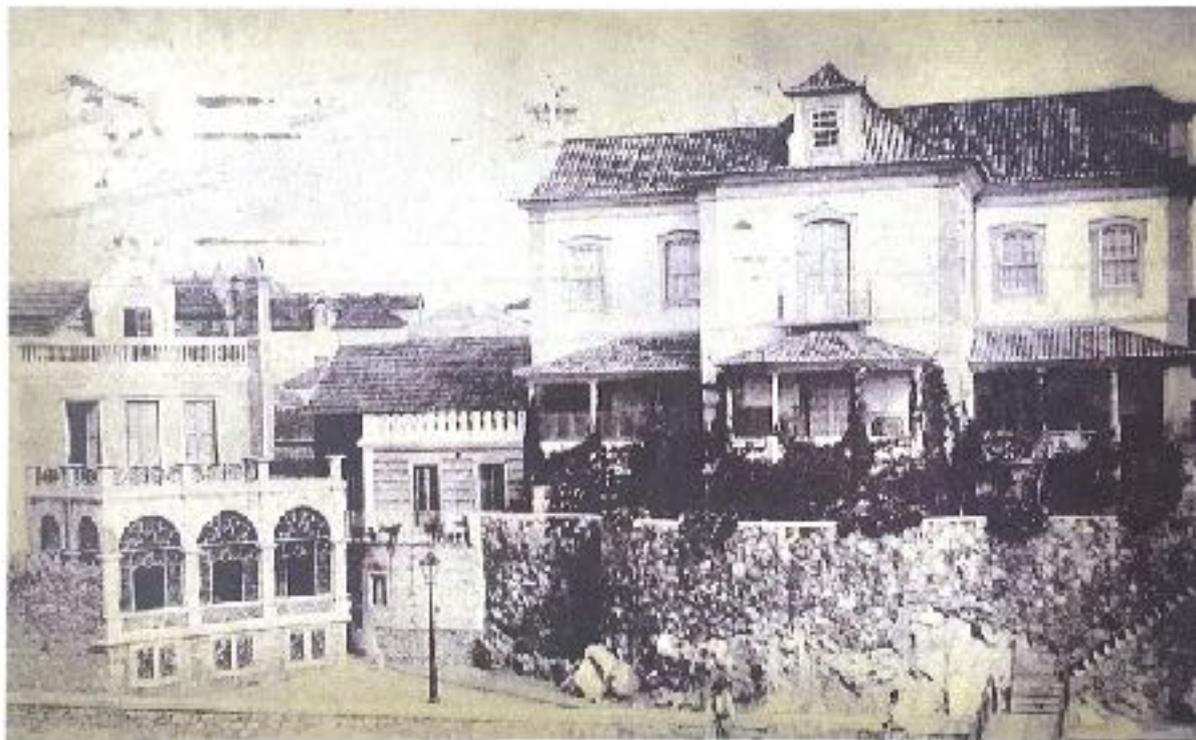


Figura 51 - Casa de Maria Amália Vaz de Carvalho, no início do Séc. XX

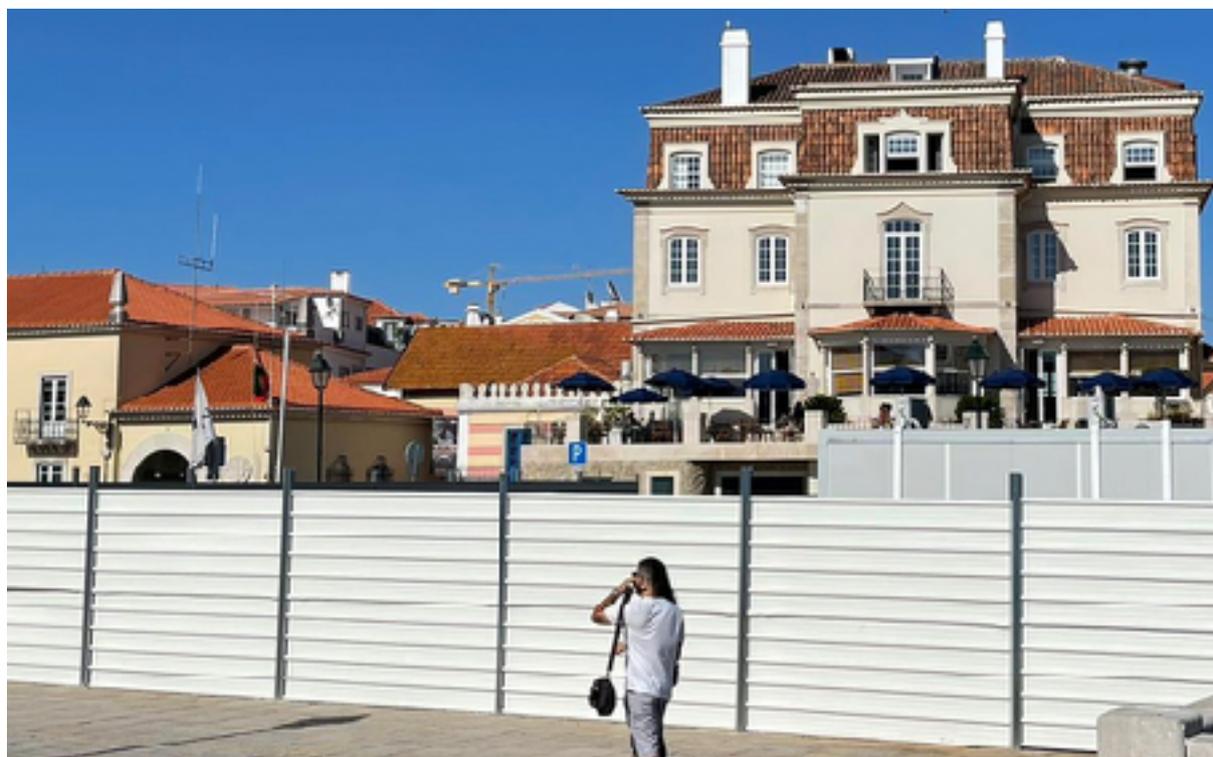


Figura 52 - Casa de Maria Amália Vaz de Carvalho, 2021

Outra notável referência das recentes edificações da época, em Cascais, é o palácio e parque do Visconde de Gandarinha, responsável pela compra do paço dos Condes de Monsanto e Cascais, arruinado pelo terramoto de 1755. Junto a este, juntava-se um longo terreno desde o começo da Estrada da Guia até à Boca do Inferno. Aqui surge, um segundo aglomerado de importantes casas e jardins, paralelo ao já presente na praia da Conceição. Sempre tirando grande partido da ligação com o mar e das encostas rochosas como fundações.

Em meados da segunda metade do século XIX, as obras realmente dignas de atenção em Cascais são os dois aglomerados já referidos. O da praia da Conceição e o dos terrenos da Gandarinha, assim como o casario piscatório - presente sobre as duas margens da Ribeira das Vinhas, o Jardim Visconde da Luz e o Casino da Praia da Ribeira.

Atualmente, ainda subsistem duas obras nos terrenos de Gandarinha: a Ponte sobre a praia de Santa Marta e a casa dos condes de Olivais e Penha Longa junto ao farol da Guia - *Chalet* onde o príncipe D. Carlos passou algumas noites de verão, durante o seu casamento e antes de herdar o trono em 1889.

Esta época de modernização de Cascais e conseqüente crescimento de urbanização e da sua importância nota-se uma modificação sobretudo na ocupação da frente marítima desde a praia da Conceição, e o Farol da Guia, sem se ter registado qualquer intervenção de maior importância no espaço previamente edificado à exceção do calcetamento de certas ruas. Para além dos casos referidos anteriormente foram poucos os outros casos que deram lugar ao baixo nível de remodelação na Vila pós-terramoto. Somente algumas construções que preencheram os vazios deixados após 1755, o exemplo de duas habitações que ainda hoje se conservam: a de D. António de Lencastre e a de D. Nuno de Almada, respetivamente.

Verificam-se ainda algumas remodelações em casas antigas, por novos proprietários. Entre estes estão o Palácio de D. Inês da Cunha - Posteriormente adquirido pelos Condes da Guarda e hoje ocupado pela Câmara Municipal de Cascais, O antigo solar dos Falcões - comprada pela Condessa de Magalhães- e a casa que a Duquesa de Palmela comprou para a sua amiga Maria Amália Vaz de Carvalho - hoje servindo de estalagem.

Na sétima década de oitocentos dá-se ainda três notáveis fatores na modernização da Vila de Cascais. Em 1871 abre o Lisbonense, o primeiro hotel de Cascais com vista para a praia da Ribeira. Em seguida, o Hotel Globo - localizado onde hoje está inserido o Hotel Baía. Cascais crescia, assim como o seu turismo. Começavam a aparecer anúncios dos hotéis no Diário de Notícias de Lisboa.

Cascais foi alvo de diversos melhoramentos na segunda metade do século XIX. Dois grandes melhoramentos foram sem dúvida o aparecimento da iluminação elétrica em vez de gás em 28 de setembro de 1878 e em 1888 o abastecimento de água. Em 1879 nasce a sociedade responsável pelo *Sporting Club*. Especula-se que, os irmãos Pinto Basto, sócios dos fundadores do Sporting Club, foram os responsáveis por introduzir a modalidade de ténis em Cascais - Na altura denominado por Lawn-Tennis. À volta do Jardim da Sede do Sporting Club surgirá o



Figura 53 - Praia da Ribeira e Habitações da Avenida D. Carlos I. Início do Séc. XX. Casas Marconde, Leitão, Formigal, Pancada e Juca Santos.



Figura 54 - Praia da Ribeira e Habitações da Avenida D. Carlos I. 2021

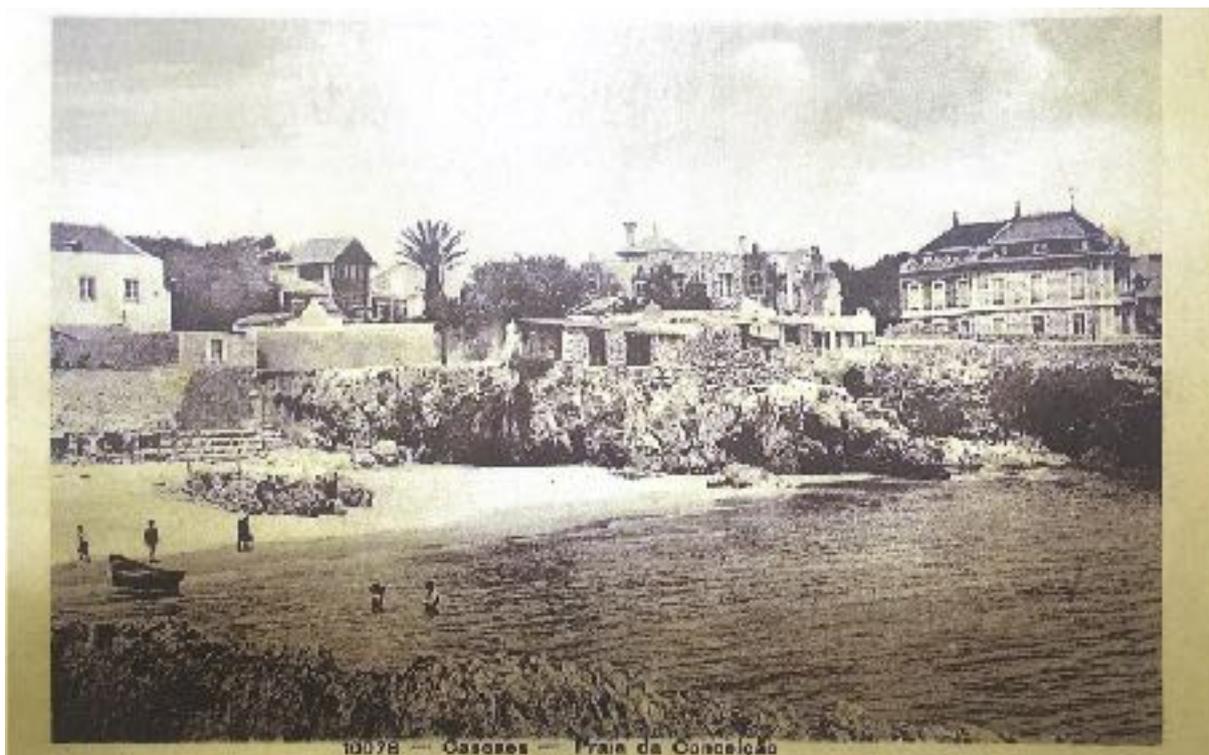


Figura 55 - Praia da Rainha, erradamente apresentada na altura como praia da Conceição, no primeiro quartel do Séc. XX. Ao fundo à direita encontra-se a Casa de Loulé



Figura 56 - Praia da Rainha, 2021

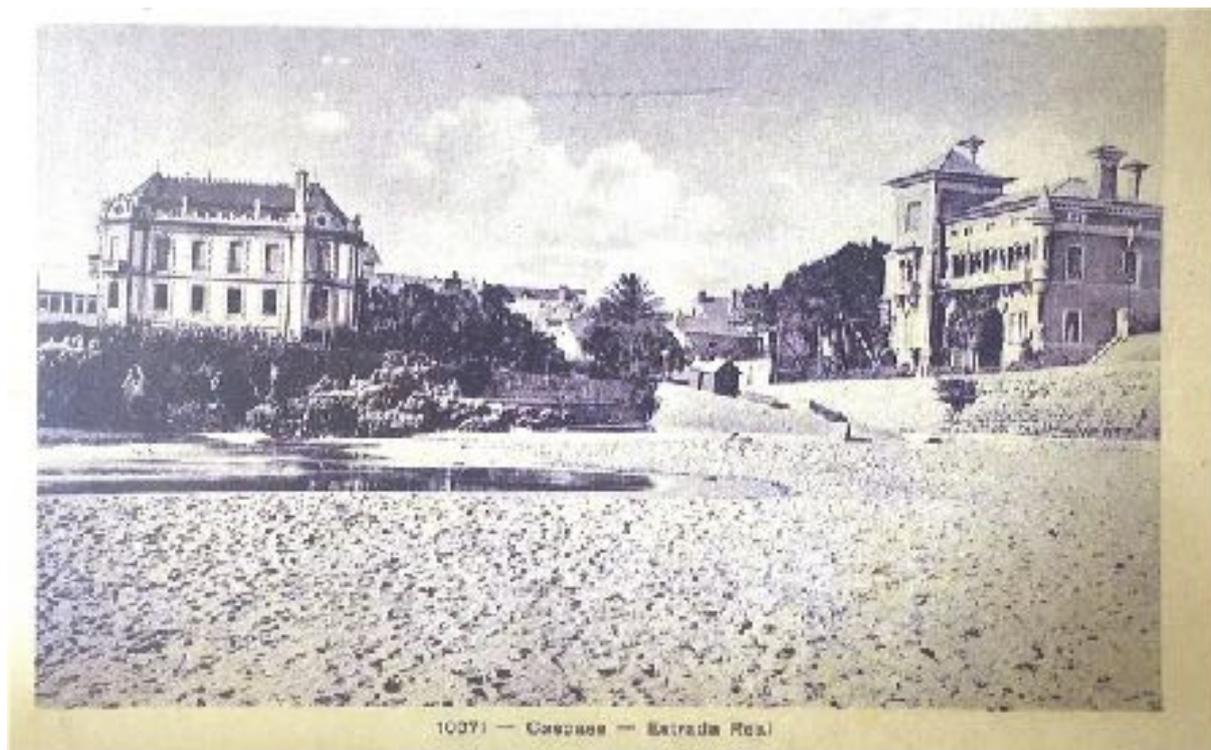


Figura 57 - Praia da Conceição e Casas Loulé e Lencastre, no primeiro quartel do Séc. XX



Figura 58 - Praia da Conceição e Casas Loulé e Lencastre, 2021

segundo jardim da Vila, bastante maior que o Visconde da Luz. Este estará inserido numa zona mais desafogada do centro e, mais tarde, traçar-se-á o novo bairro habitacional de Cascais - O bairro da Vista Alegre.

As últimas duas décadas do século XIX marcam o pico de Cascais como estância balnear de prática comum. Apesar de tudo, até 1889, Cascais continuava bastante isolada e, para muitos lisboetas, era um horizonte inacessível alcançável apenas através duma carruagem puxada por cavalos ou por um barco no mar agitado. Porém, nesse mesmo ano surge um acontecimento importante. É inaugurada a estação terminal de Cascais da linha Ferroviária que fazia a ligação a Lisboa por uma via única de Cascais a Pedrouços, utilizando locomotivas a vapor. Os passageiros partiam do Terreiro do Paço até Pedrouços, onde apanhariam o comboio a vapor para Cascais. O serviço ferroviário foi construído pela Real Companhia de Caminhos de Ferro, tendo sido durante algum tempo também propriedade da Sociedade Estoril. Sem dúvida foi um acontecimento bastante importante e que marcou o progresso da Vila e veio complementar os acessos anteriores, mais rudimentares e limitados, como embarcações ou as duas únicas estradas presentes - ligação a Sintra e Oeiras. O comboio era conhecido como o vapor de rodas lisboense. A sua capacidade não ultrapassava as 36 pessoas em duas viagens diárias entre Cascais e Lisboa para cada sentido. Ainda assim foi um sucesso imediato, e as viagens de um dia de Lisboa a Cascais tornaram-se populares. Em 1890, a linha estendia-se de Pedrouços a Alcântara, sendo em 1892 alargada para via dupla. O próximo prolongamento foi para o Rossio, no centro de Lisboa, através de um túnel - atualmente abandonado. Em 1895, o ramal existente foi construído de Alcântara ao Cais do Sodré, e em 1926 a via foi eletrificada. O comboio permitia que as pessoas residissem em Cascais e trabalhassem em Lisboa, e a população residente começou a aumentar fortemente, a par do número de casas.

As viagens habituais, demoravam, tanto por terra como pelo mar, entre 4 a 5 horas, e o seu custo era demasiado elevado, limitando assim as visitas das classes médias às praias cascalenses. Finalmente o vapor de rodas, veio celebrar o final dessa época tornando ligações entre Lisboa e Cascais muito mais acessíveis. O caminho ferroviário, que permanece atualmente, só foi completado a 4 de setembro de 1895 com estação em Cais do Sodré. Anteriormente, a ligação fazia-se entre Pedrouços e Cascais com 11 estações pelo caminho e era necessário utilizar o vapor de rodas - propriedade de Frederico Burnay - desde o aterro.

“O comboio iniciou de facto uma nova era. Desapareceram para sempre nesse longínquo ano de 1889 os chars-à-bancs e os omnibus e foram desaparecendo os barcos das carreiras, como os caíques de velas latinas que pertenciam a José Luís de Miranda. Substituíram pois, ainda, alguns anos, os vapores de rodas que resistiram até os primeiros anos do nosso século.”⁶

O comboio veio, sem dúvida, oferecer um dinamismo a Cascais e potencializar o desenvolvimento de toda a margem marítima que ia ao longo da linha entre Cascais e Lisboa.

⁶ ANDRADE, Ferreira de - *Monografia de Cascais*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 1969. pp. 112



Figura 59 - Multidão junto ao caminho-de-ferro de Cascais, no início do Séc XX. Eventualmente para saudar a Família Real. Ao fundo destaca-se a Casa Faial



Figura 60 - Estrada adjacente à Linha de Cascais, 2021



Figura 61 - Antigo Palácio dos Condes da Guarda, no segundo quartel do Séc. XX



Figura 62 - Edifício da CMC, 2021



Figura 63 - Praça 5 de Outubro, em meados do Séc. XX



Figura 64 - Praça 5 de Outubro, 2021

Ainda nestas últimas décadas, durante a presidência da Câmara Municipal de Cascais por Jayme Artur da Costa Pinto, começam a surgir certos melhoramentos urbanos tais como novas habitações e a projeção das duas principais Avenidas. Primeiramente, a Avenida Valbom que começou a sua abertura em 1882 para facilitar a entrada na Vila pela estrada nacional n.º67 proveniente de Lisboa, mas só teve a sua conclusão e abertura definitiva em 1894 de forma a articular a estação de Cascaes com o centro da Vila passando pela ponte sobre a Ribeira das Vinhas - Nessa época, havia três pontes sobre o rio. A mais antiga fora construída em 1646 por ordem de D. João IV, destruída no terramoto de 1755 e reconstruída após o acontecimento. A Avenida D. Carlos I foi a segunda a ser inaugurada a 9 de setembro de 1899 que ligava a praia da Ribeira ao forte da Cidadela, ao longo do mar e tinha continuidade em direção aos terrenos da Guia e ao novo parque. Nesta sua fase de desenvolvimento, foi erguido sobre um antigo fosso, entre a muralha da cidadela e o mar, o passeio Maria Pia equipado com bancos de ferro fundido ao longo do espaço, esplanadas e vegetação exótica que contribuía para o estilo que a Vila ambicionava e era bastante apreciado pelos veraneantes ao longo dos 150 metros por onde esta Avenida se estendia sobre as rochas. Foi aqui que foram plantadas as primeiras palmeiras em Cascais viradas para um extenso panorama sobre o mar e os barcos de pescadores atracados na baía.

Logo em 1896, surge a segunda esplanada — Príncipe Real D. Luís Filipe, adjacente à Avenida Maria Pia, mais perto do mar e que vinha completar a estância balnear de Cascais, à semelhança das mais variadas estâncias internacionais, tais como Nice e Brighton, com os seus passeios marítimos, ou *digue-promenades*. Outro exemplo será na Avenida D. Carlos I, no espaço vazio junto ao mar que o terramoto de 1755 disponibilizou. Mandada construir por Joaquim da Silva Leitão, em 1896, é um dos melhores exemplos do séc. XIX, duma habitação de verão peculiar. Nesta agradável habitação com uma planta e volumetria convencional que ocupa quase a totalidade do estreito lote em que está inserida, é usada uma tipologia urbana convencional e vãos generosos que enfatizam a direção do olhar sudeste, onde a luz natural que entra se reflete no mar da baía. Nota-se toda uma estrutura de varandas, composta por elementos metálicos que acompanha o exterior do alçado principal e que destaca uma funcionalidade e estética diferentes da envolvente. A sua função trata-se dum prédio de rendimento com várias entradas. A habitação serviu de modelo para uma longa série, não só em Cascais, mas em todas as outras praias nacionais nos finais do século XIX.

“Como se vê do projecto, e como já dissemos, a casa é isolada, com janellas em todas as suas frentes, e compõem-se de quatro pavimentos, em que residem duas famílias, mas podendo n’elles residir três ou quatro, pois que foram dispostos cada um para uma família. Tem as suas entradas bem independentes, dispondo inteiramente das melhores acomodações, tendo os seus compartimentos também todos independentes. (...) A casa propriamente dita, isto é, sem os terraços a sueste, mede 12m,20 de frente por 20m,0 de fundo e o terreno total, com terraços, jardins, isolamento, etc., mede 15m,0 de frente e 27,0 de fundo ou seja 432m2,0.”⁷

(S. A.) - *A Construção Moderna*, Anno III, 1 de Dezembro de 1902, nº79.



Figura 65 - Casa Silva Leitão e Avenida D. Carlos I, no início do Séc XX



Figura 66 - Casa Silva Leitão e Avenida D. Carlos I, 2021



Figura 67 - Passeio Maria Pia e as primeiras palmeiras de Cascais, 1896



Figura 68 - Passeio Maria Pia, 2021

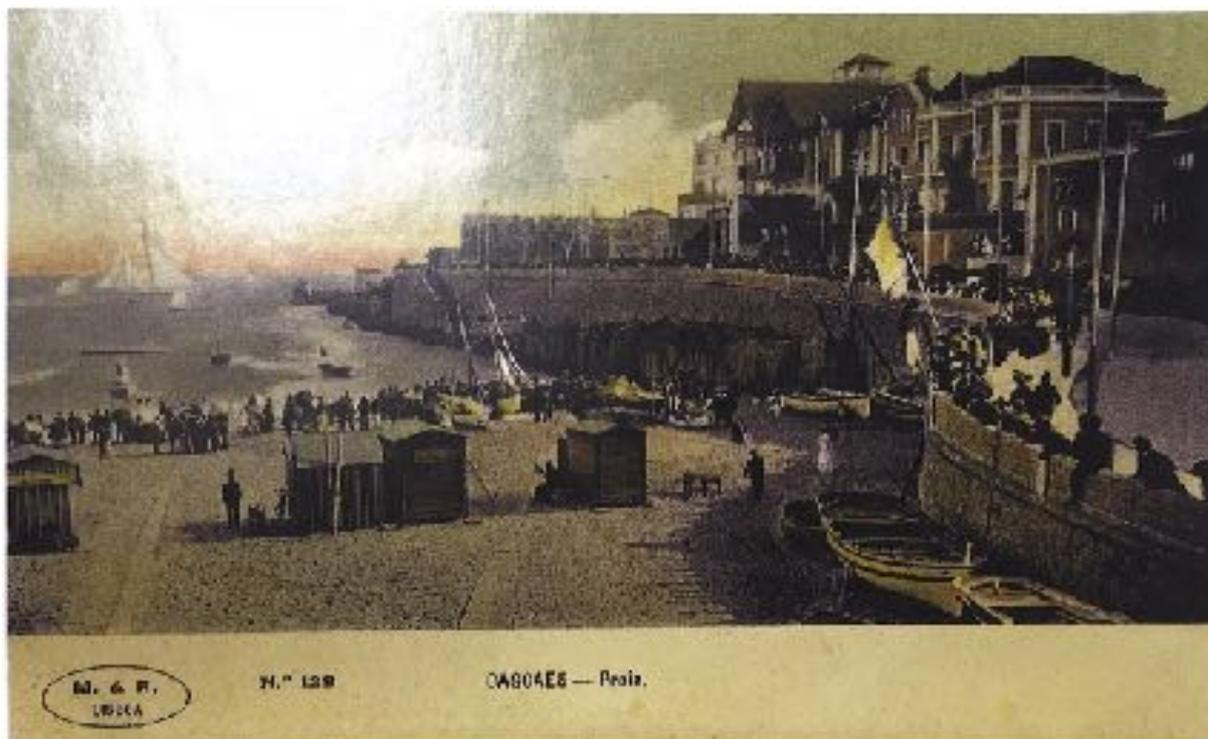


Figura 69 - Avenida da República e escadas do Baluarte, segundo quartel do séc XX



Figura 70 - Avenida da República e escadas do Baluarte, 2021

A falta de casas próprias e fraca qualidade das presentes, era sem dúvida uma das razões pelas quais várias famílias, de estrato social elevado, que, através de vontade de carácter social, criaram a sua habitação no Monte Estoril.

Outro ótimo exemplo das primeiras habitações particulares a surgirem em Cascais é a casa Faial. Encomendada novamente pela família Palmela, em 1896, ergue-se junto à Praia da Conceição a ocidente da primeira casa da família. Inspirada no modelo de Wyatt e bastante semelhante quanto à sua volumetria, cobertura e revestimento rústico embora mais simplista no seu programa e com diferentes matérias e cores o que transmite um carácter menos inglês em relação à outra. Na mesma zona, entre a casa Faial e a Loulé surge ainda outro exemplo curioso por nome de António de Lencastre. Traz consigo um gosto revivalista e triunfante que afirma a diferença e provoca a admiração com a sua volumetria tradicional de *chalet* embora utilizando no corpo principal um torreão lateral que remete ao palacete italiano. Notam-se os elementos decorativos neogóticos e manuelinos.

Nas proximidades do Farol de Santa Marta, erguem-se outros três projetos pertinentes de mencionar. Sendo uma delas a residência do secretário do Rei D. Carlos, conde de Arnozo, construída em cerca de 1890 e designada por “casa minhota” e que vem introduzir pela primeira vez em Cascais a questão da “casa portuguesa”.

Descrita por Ramalho Ortigão da seguinte forma:

“Com o seu pequeno eirado sobre uma arcaria de meio ponto, a sua porta de alpendre num patamar de escada exterior, ao lado do retábulo em azulejo do santo padroeiro da família, as janelas de peito guarnecidas de rótulas entre cachorros de pedra destinados às varas do estendal e servindo de misula aos vasos de craveiros e manjericos, em frente do poço de roldana, no mais doce e tranquilo sorriso de outrora.”⁸

Somando a caracterização feita por António Costa:

"Grossamente, caracteriza-se meramente por um rés do chão de arcadas, um primeiro andar com alpendres e janelas de ângulo numa evidente eficácia e captação da luz"⁹

Já a casa que Jorge O'Neill mandou construir além da Ponte de Santa Marta — hoje o Museu Condes Castro Guimarães — desenhada por Francisco Vilaça, pintor e com conhecimentos em arquitetura, sugere uma Vila teatral de verão apaixonada pela natureza e virada de frente para o mar que apenas um artista nos seus melhores tempos de inspiração conseguiria alcançar.

⁸ ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante*. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1943

⁹ COSTA, António (et al.) - *Palácio da Cidadela de Cascais*. Carregado : SOARTES - Artes Gráficas, 2011. pp. 111.



Figura 71 - Praia da Conceição e Casa Faial e Palmela, no primeiro quartel do Séc. XX



Figura 72 - Praia da Conceição e Casa Faial e Palmela, 2021



Figura 73 - Torre de São Sebastião, Vivenda O'Neil, 1905



Figura 74 - Torre de São Sebastião, Vivenda O'Neil, 2021

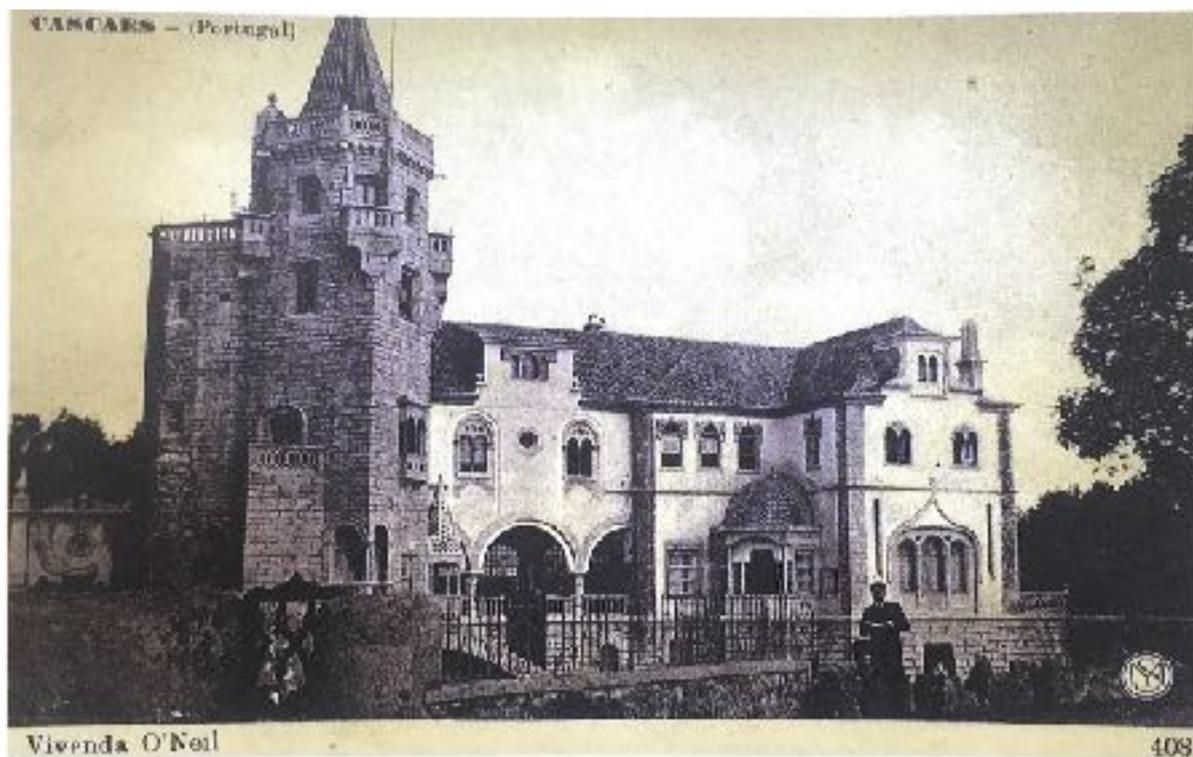


Figura 75 - Vivenda O'Neil, 1905



Figura 76 - Vivenda O'Neil, 2021

Esta foi a residência que maior impacto teve, como descreve Carlos Malheiro Dias:

“É à beira desta estrada (Guia), de incomparável beleza, com os seus dilatados panoramas marítimos e agrestes, entre serra e mar, que o Sr. Jorge O’Neill erigiu a mais teatral Villa de verão, que a imaginação de um artista possa idealizar em horas de inspirada fantasia, em pleno delírio de grandezas Quando dobrada a última muralha da cidadela, passado o recinto do tiro aos pombos e a linda casa minhota do Sr. Conde de Arnoso se descobre o primeiro lanço de mar para a esquerda e a casa O’Neill para a direita, o mais apaixonado admirador da natura voltara, sem hesitar, as costas ao oceano, quebrando na contemplação embevecida desse palácio de drama histórico. (...) A casa do Sr. Jorge O’Neill é, digamo-lo sem demora, conjuntamente com o palácio do Sr. Marquês da Foz, em Torres Novas, um dos mais belos, dos mais harmoniosos, dos mais pitorescos edifícios que a opulência de um fidalgo (...)”

“O gosto de um artista e a ciência de um arquiteto tem nos últimos cinquenta anos levantado em terra portuguesa. Nada se pode comparar, entre os centros de edificações pretensiosas com que se enfeitaram Cascais e Estoris, a esta morada de príncipe, teatralmente erecta na sua escarpa e onde se veêm reunidos os mais originais motivos arquitetónicos compilados pelo alemão Albrecht Haupt no seu tratado de Renascença em Portugal. (...) Projecto de Vilaça - um pintor -, a torre de S. Sebastião deve a esta colaboração ilustre, tão inteligentemente solicitada, a sua impressionante beleza decorativa. Com a sua torrela de menagem, e os minaretes, as suas adufas, o seu alpendre da “Sempre Noiva”, a sua varanda românica, as suas cúpulas de azulejo, os seus telhados mouriscos, as suas janelinhas de colunas geminadas, essa casa ficou sendo, miraculosamente, mais do que um edifício, uma pintura. A adaptação, de estilos diversos a um mesmo conjunto harmónico, guiada por um notabilíssimo talento selecionador, alcançou produzir, na multiplicidade, na variedade e no pitoresco uma obra-prima. Duvido que um arquiteto tivesse podido combinar elementos na aparência tão heterogéneos em composição tão harmoniosamente ornamental. Para que a casa O’Neill assim resultasse bela, foi indispensavel ao autor do projecto libertar-se das fórmulas consagradas à arte de construir e insurgir-se contra os preconceitos clássicos, que imobilizam a imaginação mesmo a mais ousada, de um arquiteto.”¹⁰

Para além da modernização que surge anos mais tarde, foram poucos os arquitetos capazes de ultrapassar a valorização constante dos aspetos ornamentais sobre os seus valores estruturais. Raul Lino foi um dos poucos arquitetos com as capacidades necessárias, e mostrou-nos, em 1902, com a terceira casa construída em Santa Marta. A habitação de D. António Avillez passou para a posse da família Espírito Santo e é hoje propriedade da Câmara Municipal e de Cascais. Constituída por pequenos vãos, e elementos como arcos de abertura arabizantes, alpendres, coruchéus cónicos, ameias e telhados escalonados, traduz o vocabulário tradicional em toda a sua relação de interior e exterior em toda a extensão desta obra com raízes da arquitetura mediterrânea do sul de Portugal. Por fim, a sua decoração demonstra o entendimento da “casa portuguesa” por parte de Raul Lino.

¹⁰ DIAS, Carlos Malheiro - A Casa O’Neill. *Ilustração Portuguesa*, nº30, 17 de Setembro de 1906



Figura 77 - Casa de Santa Maria e Farol de Santa Marta, no segundo quartel do Séc. XX



Figura 78 - Casa de Santa Maria e Farol de Santa Marta, 2021

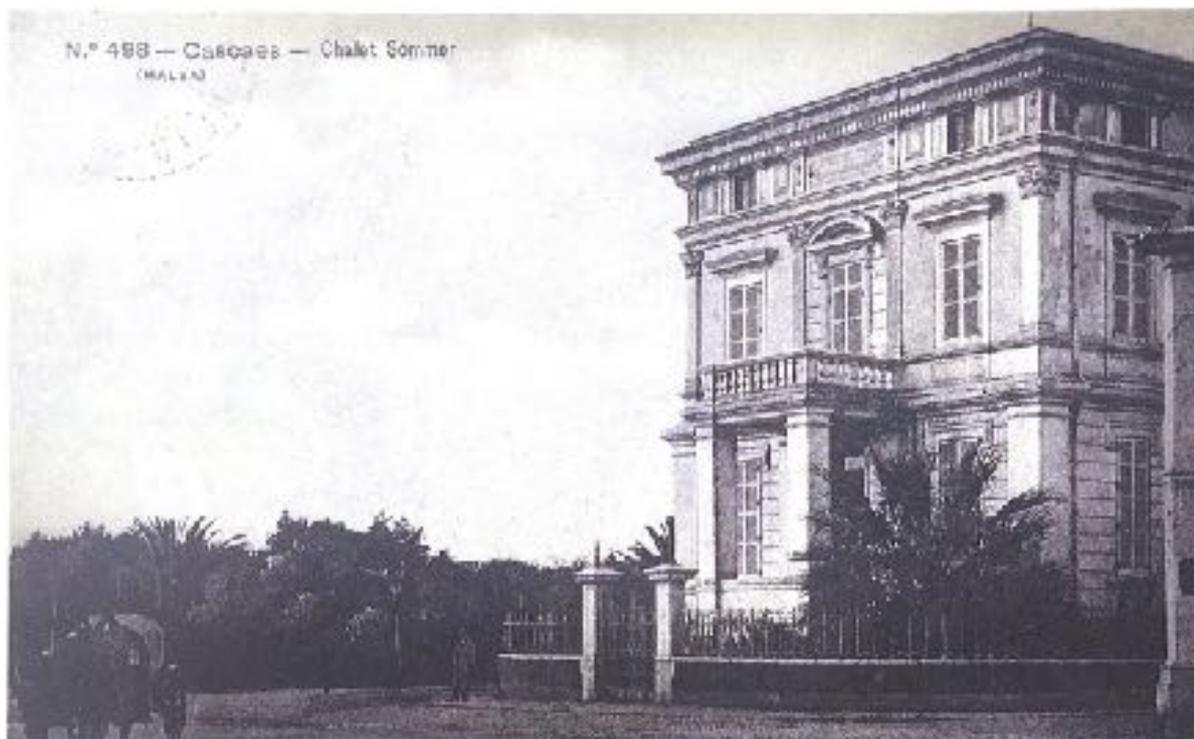


Figura 79 - Casa Sommer, no início do Séc. XX.



Figura 80 - Casa Sommer, 2021



Figura 81 - Casa Trindade Baptista, 1899



Figura 82 - Casa Trindade Baptista, 2021

Este excerto publicado em “A Construção Moderna” explica um pouco acerca da premissa “Incompreensão da casa portuguesa” acima descrita em direta análise com o trabalho de Raul Lino e a casa de Jorge O’Neill:

“Como todos os inovadores, o Sr. Raul Lino é discutido e os seus processos de delineamento de habitações, apreciados diversamente, pois que sempre foi certo que “em gostos não há disputas”. Seja como for o que é incontestável é que o alcance social e educativo da arquitectura está reconhecido em toda a parte e todos os que concorrerem para educar o gosto do publico bem merecem da civilização. Construir segundo modelos (...)”

“ (...) Vindos de outros países, sem ter em conta nem o clima nem o modo de vida de aquele a que se destina a casa que se edifica é concorrer para a desnacionalização, para o abastardamento da arte.” ¹¹

Para dar seguimento ao percurso da arquitetura no final do séc XIX em Cascais, é pertinente o exemplo de outras duas habitações que surgem. Ambas geminadas e localizadas na Avenida D. Carlos I, exatamente em frente à entrada do Forte da Cidadela. Erguem-se em 1899 a pedido do conselheiro Luís Augusto Perestrelo e por Trindade Baptista, respetivamente. Apesar da sua planta convencional a fachada é rica em detalhes tais como: frisos, mísulas, frontões e molduras.

Após a construção da “Casa de Santa Maria” ter sido concluída, em 1902, esta marcou-se durante os próximos, quase vinte anos, como a última construção de qualidade e digna de alguma importância arquitectónica em Cascais.

Em 1920, com o crescimento do hábito de veranejar em Cascais, novas famílias deslocam-se até à Vila. As famílias de classe média, por norma, alugam casas de pescadores para se hospedarem já outras famílias erguem novos exemplos de grandes habitações, embora, estes novos projetos, não acrescentem grande importância de arquitetura.

Exemplos que, apesar de não merecerem tal destaque, ainda hoje permanecem na zona histórica de Cascais, como a casa dos Condes de Monte Real, baseada em alguns valores no conceito de Casa Portuguesa do Projeto de Raul Lino, localizada na esquina Av. D. Carlos I e ainda o Palacete Seixas, caracterizado pelas suas empenas de pedra e a cobertura pontiaguda no seu torreão, erguido junto à praia da Ribeira e ao *chalet* D. Maria Amália Vaz de Carvalho.

Cascais tinha todas as condições para ser um local de verão elegante. Tanto em casas alugadas como nos seus luxuosos *chalets*, todos os visitantes e família de utilizadores da praia de Cascais, que por lá passaram, acabam por, inspirados nas melhores praias estrangeiras, limitar a utilização do espaço com certas regras de vivência.

¹¹ (S. A.) - Casa do Ex.mo Sr. O’Neill, *A Construção Moderna*, Anno III, 20 de Maio de 1902, nº60.

“Para formar uma estação de banhos, há que ter largas Avenidas ensombradas de árvores, bonitos passeios com bancos, elegantes *chalties* entremeando com outras edificações mais modestas, hotéis razoáveis onde se encontre boa comida e pousada confortável, iluminação nas ruas e praças, asseio por toda a parte, um ou dois clubes elegantes para as valsas e os jogos à noite, um parque para os passeios (...) tudo isto se encontra em Cascais, além de muitos outros atractivos que fazem daquela Vila uma estação de águas a valer”¹²

A realidade era outra da descrita no excerto acima retirado da “Gazeta dos Caminhos de Ferro”. Apenas existiam duas Avenidas, como já referidas, a Av. D. Carlos I e a Av. Valbom, respetivamente, ambas sem arvoredo presente e não tão “largas”. As alamedas - Maria Pia e Príncipe Real D. Luís Filipe não passavam de meras esplanadas sobre o mar. Hotéis que reuniam as condições mínimas, existia apenas um e locais para atividades noturnos apenas o casino de Cascais permanecia sobre a praia da ribeira como já descrito anteriormente por Ramalho de Ortigão - “um boticário hospitalar” ; “barracão sem ambiente”. O clube da parada, as touradas e o teatro eram as únicas atividades dignas de atração, na época. Mais tarde surgem ainda duas atividades. Com a vinda de D. Luis para Cascais, surgem as regatas da baía, evento bastante importante e elemento que ainda hoje define a ligação marítima da Vila. Esta atividade trouxe figuras ilustres como o Rei de Espanha e o Príncipe de Gales. D. Carlos implementa também, nos terrenos da Gandarinha a moda do tiro aos pombos e aos pratos e nos pinhais dos oitavos, a caça.

A Praia da Ribeira, chamada também de Praia Grande, era a única praia onde se preparava os toldos e barracas de lonas e, inclusive as famosas pequenas cadeiras de madeira. Era a única praia onde se tomava banho em Cascais, situada bem no centro das duas Avenidas, bem perto de tudo o que valeria a pena visitar.

“Estamos na praia da Ribeira, que é até tão pequenina mas a que nós chamamos, pomposamente, Praia Grande. (...) A praia da Conceição ainda não foi descoberta. Dizem que há de facto, lá para aquele lado, uma praia muito grande. Mas é uma deslocação, e não tem aconchego. Para que ir tão longe se temos a nossa “Praia Grande”, onde cabemos todos à vontade e nos divertimos tanto?”¹³

Os visitantes usufruíam da praia nas horas da manhã enquanto que à tarde destinava-se a atividades de lazer como burricadas nas matas vizinhas, *pic-nics*, socializar na esplanada caminhadas pelas dunas do Guincho ou a típica visita à Boca do Inferno.

Em 15 de agosto de 1899, Cascais teve ainda o privilégio de ser inaugurada a iluminação eléctrica da Vila antes do Monte Estoril e mesmo antes de Lisboa. Foi o

¹² (S. A.) - Campos, Termas e Praias (Cascais). *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Setembro de 1899.

¹³ FALCÃO, Pedro - *Cascais Menino*. Cascais : Junta de Turismo da Costa do Sol, 1970. p. 87.

último grande melhoramento digno que estava em falta para colocar Cascais como uma das mais altas estâncias balneares internacionais.

“(...) a mais pura aristocracia os narizes que ali à noite, se torcem ao passar pelas sarjetas e os ventres que se desarranjam em conflito com a água das canalizações.”

14

Apesar dos esforços de Costa Pinto à frente da Câmara Municipal de Cascais e outros dirigentes, Cascais, a real estância balnear, visitada pelos melhores elementos da sociedade portuguesa, não deixou de ser considerada uma pacata vilegiatura que não atingiu o cosmopolitismo de outras célebres estâncias internacionais.

Existiram, de facto, partindo de iniciativas particulares bastante notáveis, um conjunto de novos edifícios que se encontram, naquele tempo, dentro dos mais prestigiados na arquitetura portuguesa.

Cascais acabou por passar uma temporada que passaria pelo seu esquecimento e troca de habituais utilizadores para o Monte Estoril. Tal situação deu-se, não só, com a vinda de indesejados visitantes ligados à burguesia, como também, devido ao pouco cuidado referente à organização urbana e infra-estruturas.

Tal situação iria reverter-se na segunda metade do Séc. XX, já num contexto de sociedade portuguesa completamente diferente em que a atenção da política de turismo nacional daria uma verdadeira atenção a Cascais simultaneamente com a sua gradual mudança para ser considerada uma zona residencial privilegiada na envolvente de Lisboa.

¹⁴ Álvaro Pinheiro Chagas, op cit., pp. 355-356.



Figura 83 - Casa do Conde de Monte Real, Segundo quartel do Séc. XX



Figura 84 - Casa do Conde de Monte Real, 2021

Hospital Condes Castro Guimarães.

Anteriormente, no terreno indicado em seguida, hoje desocupado, existiram outros equipamentos, que por sinal, tinham uma ligação com a área da medicina.

Precisamente no ano de 1932, Henrique Leal Pancada doou à Santa Casa da Misericórdia de Cascais um terreno com o objetivo da edificação dum novo hospital que visa substituir o antigo na posse da instituição.

A construção do tal hospital foi concretizada graças a diversos acontecimentos tais como: importantes verbas que o Governador do Estado Novo concebeu; donativos de particulares; o legado deixado por Condes de Castro Guimarães e, finalmente, à anterior situação já referida, relativamente à doação do terreno em causa. O hospital teve então a sua construção concluída em 1940. Este novo hospital de Cascais ficou denominado Condes Castro Guimarães.

Em 1941, um ano após a sua construção, começou a rechear-se o edifício com todo o equipamento necessário, desde aparelhos de diagnóstico, cirúrgicos e de laboratório de análise. Grande parte, foram adquiridos através de diversas entidades particulares que os doaram.

Deu-se, em 1944, um processo de ampliação. Para além das enfermarias já existentes, surgiu uma outra destinada à pediatria, e ergue-se ainda uma capela. O hospital, no ano de 1973, já dispunha de 250 camas, sendo que 40 destas estavam inseridas em quartos particulares, quatro blocos operatórios, uma maternidade moderna e um laboratório. Estavam ainda disponíveis diversos serviços nomeadamente sanguíneo, raio X, pediatria e cardiologia. A administração do hospital passou para a mão do estado em 1975.

Nota-se ainda na carta militar de 1864 a existência do “Cemitério Velho” que serviu a Vila, este localizava-se no quarteirão a norte da Rua Padre José Maria Loureiro junto ao lote onde, cerca de 30 anos depois surgiria o Hospital Condes Castro Guimarães. O cemitério entretanto foi destruído e encerrou a sua atividade logo após a construção do “Cemitério Novo” na zona da Torre, a Oeste do Centro histórico de Cascais e que ainda hoje permanece ativo.

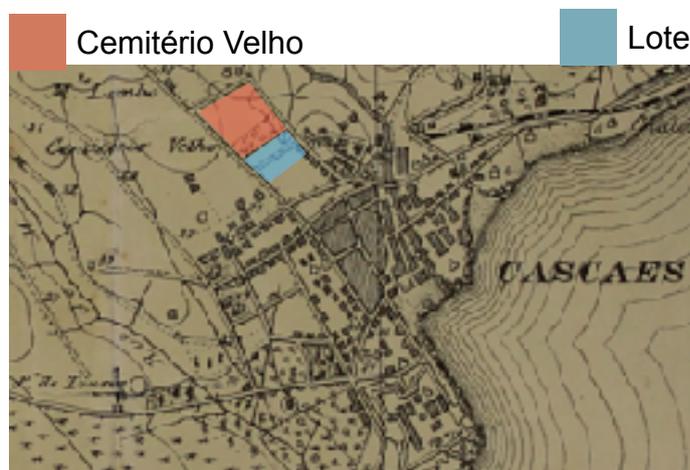




Figura 85 - Hospital Condes Castro Guimarães e entrada das urgências. Vista do cruzamento da Av. do Ultramar com a Rua Padre José Maria Loureiro



Figura 86 - Entrada principal do Hospital Condes Castro Guimarães. Vista do cruzamento da Rua Padre José Maria Loureiro com a Rua D. Francisco de Avilez

Análise do Quarteirão

O terreno situa-se na zona mais a norte do centro histórico de Cascais, circundado por três ruas. A Rua Padre José Maria Loureiro de sentido único descendente, nos limites norte do terreno, que faz a separação com o edifício do Externato Nossa Senhora de Assunção; A Rua D. Francisco de Avilez, também esta de sentido único descendente, que define os limites do lado Este do terreno e faz a separação com vários blocos residenciais de carácter residencial unifamiliar e social; por último a Av. do Ultramar de sentido, único ascendente que passa pela loja do Cidadão, Correios de Cascais e Finança e faz ligação com a Av. 25 de Abril, de maior afluência viária. A Av. do Ultramar encontra-se correntemente em requalificação desde novembro de 2020 com data prevista de conclusão em janeiro de 2021. O plano de requalificação promete mais segurança para o peão com passeios mais largos e divisórias, lugares de estacionamento para condutores com mobilidade reduzida e ainda trabalhos pluviais. Este novo plano foi tomado em consideração no presente projeto.

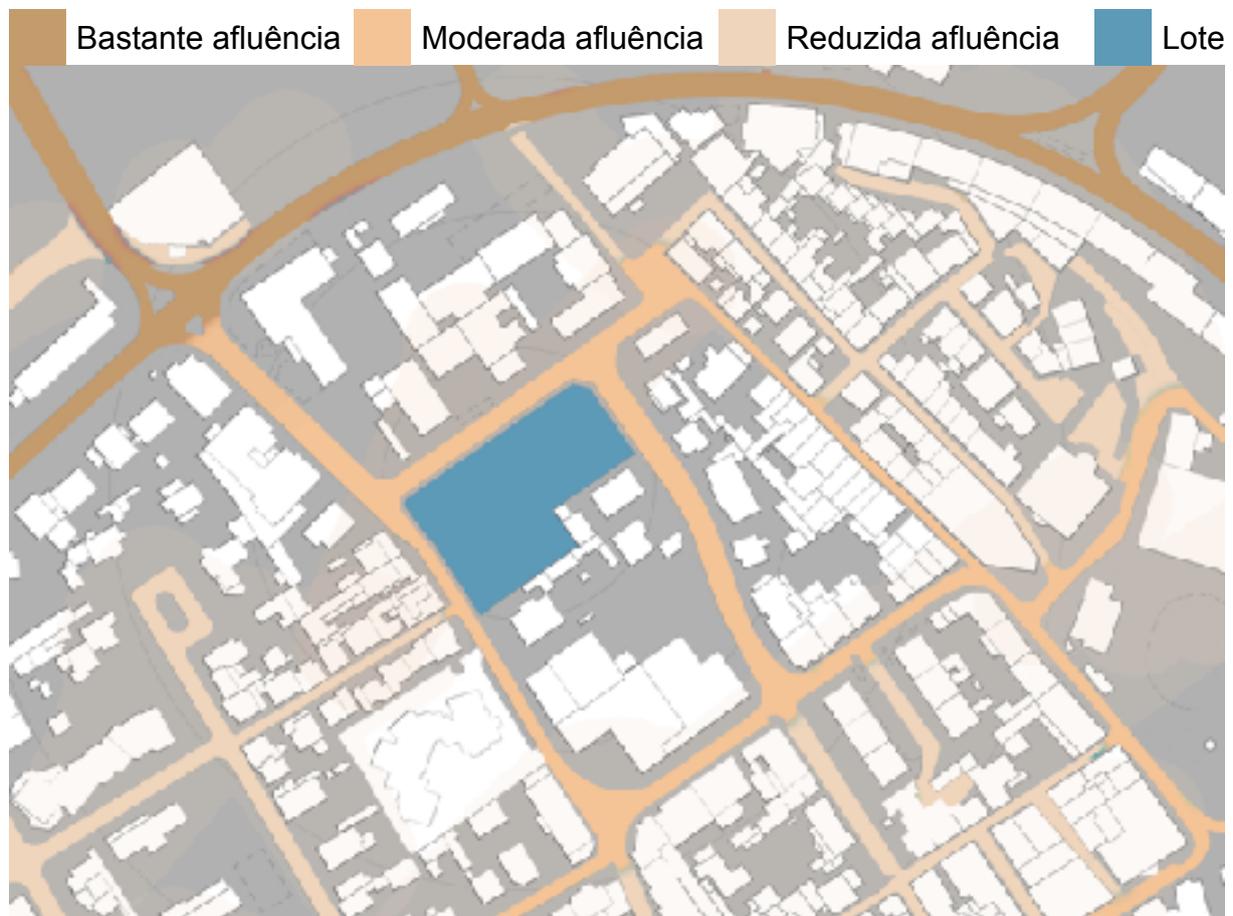


Figura 87 - Hierarquia viária

Quanto à visibilidade do terreno, este encontra-se a uma cota mais elevada relativamente à Baía de Cascais e tem uma continuação de edifícios implementados entre o mesmo e o mar, de relativa baixa altura que não obstrui a ligação visual com o oceano e a costa sul do Rio Tejo. É relativamente protegido do vento proveniente de norte graças ao alto edifício, também em construção, no terreno do antigo Hotel Cidadela.

A análise sonora do terreno que se encontra inserido nos limites da zona histórica, envolvido maioritariamente por residências, apresenta um nível sonoro baixo. As notas de som predominantes são de crianças a brincar, provenientes de norte, e som dos carros, embora longínquo, igualmente de norte.

Analisando as ruas envolventes quanto ao mapa de cheiros, sente-se um cheiro predominante de vegetação, proveniente da Rua D. Francisco de Avilez graças à grande densidade de Jacarandás plantados na rua. Além disso, é possível sentir umas notas olfativas fracas relacionadas com alimentação, efetivamente a partir do meio dia, vindas das residências a este do terreno e sul proveniente dos restaurantes e pastelaria.



Figura 88 - Corredor de vista Oeste



Figura 90 - Corredor de vista Norte



Figura 89 - Corredor de vista Sul



Figura 91 - Corredor de vista Este

Relativamente aos acessos do terreno, podem ser viários e pedonais. Para os visitantes que dispõe de veículo, o acesso será feito vindo de norte pela Av. 25 de abril seguido pela Av. do ultramar ou vindo de sul atravessando toda a zona histórica utilizando a Rua Visconde da Luz, seguido pela Rua Manuel Joaquim de Avelar e finalmente acessando, o terreno pela Av. do Ultramar. O estacionamento pode ser feito em paralelo nas ruas envolventes, ou através do parque subterrâneo disponibilizado a sul do quarteirão. Pedonalmente e em conjunto com a utilização de transportes públicos, encontram-se três estações de autocarros a norte do terreno, afastados cerca de 100 a 200 metros em linha reta. A estação ferroviária de Cascais está a 10 minutos a pé se seguir a Av. 25 de abril em direção ao centro de Cascais a Nordeste.

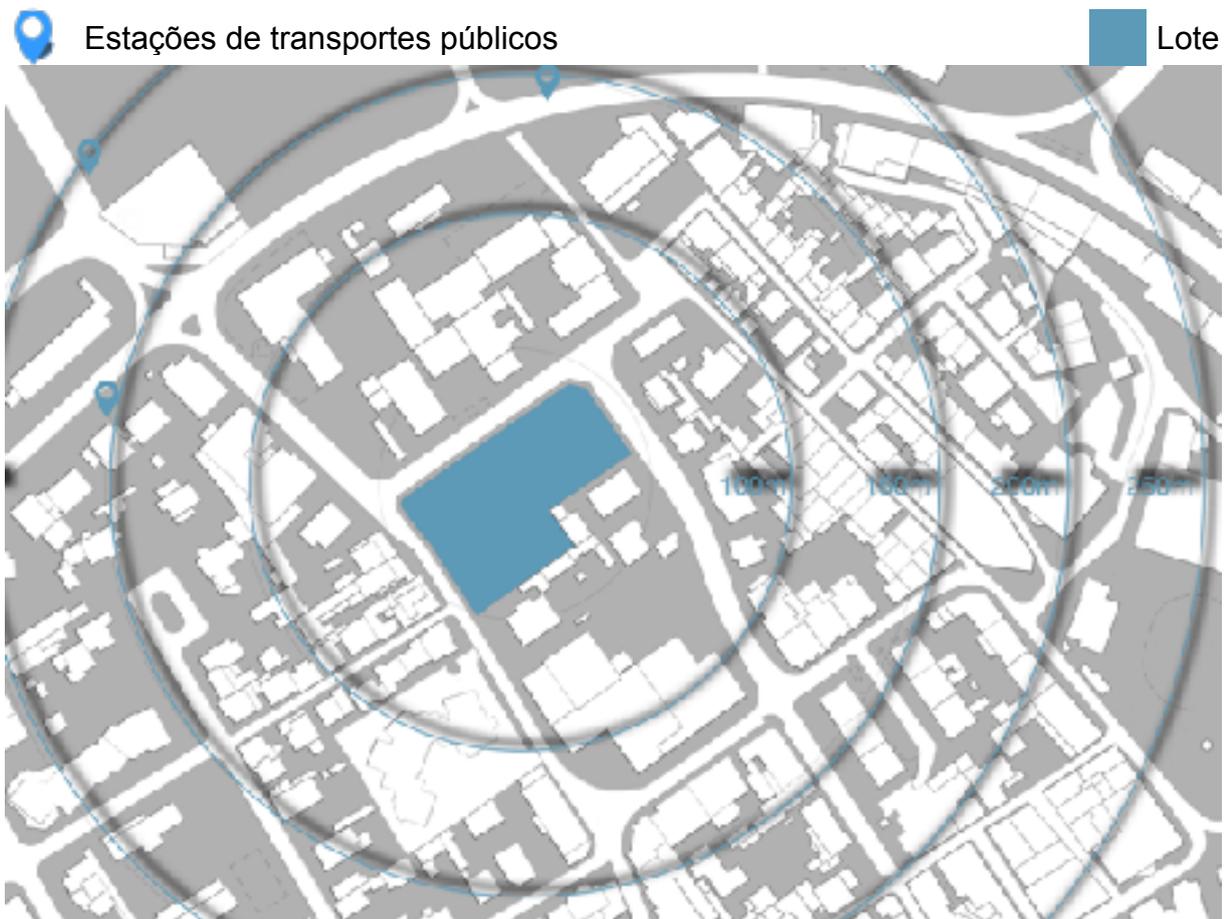


Figura 92 - Transportes públicos

O terreno tem um forte apoio de serviços dos lotes envolventes afastados no máximo até 250 metros em linha reta e que, regra geral, podem ser alcançados em menos de 5 minutos a pé. Serviços sociais e financeiros tais como, finanças, Loja do Cidadão, Segurança social, Correios CTT de Cascais e uma variedade de bancos. Serviços de restauração também está presente em enorme variedade tanto a sul do quarteirão como ao longo da Av. 25 de Abril. Serviços de comércio diverso, inclusivé o Ponto das artes para material escolar, está situado no topo da Av. do Ultramar a 1 minuto a pé do terreno. Por fim, estão ainda presentes dois estabelecimentos de ensino primário na envolvente, a Escola Básica de 1º Ciclo José Jorge Letria, a Oeste e o Externato Nossa Senhora da Assunção, imediatamente a Norte.

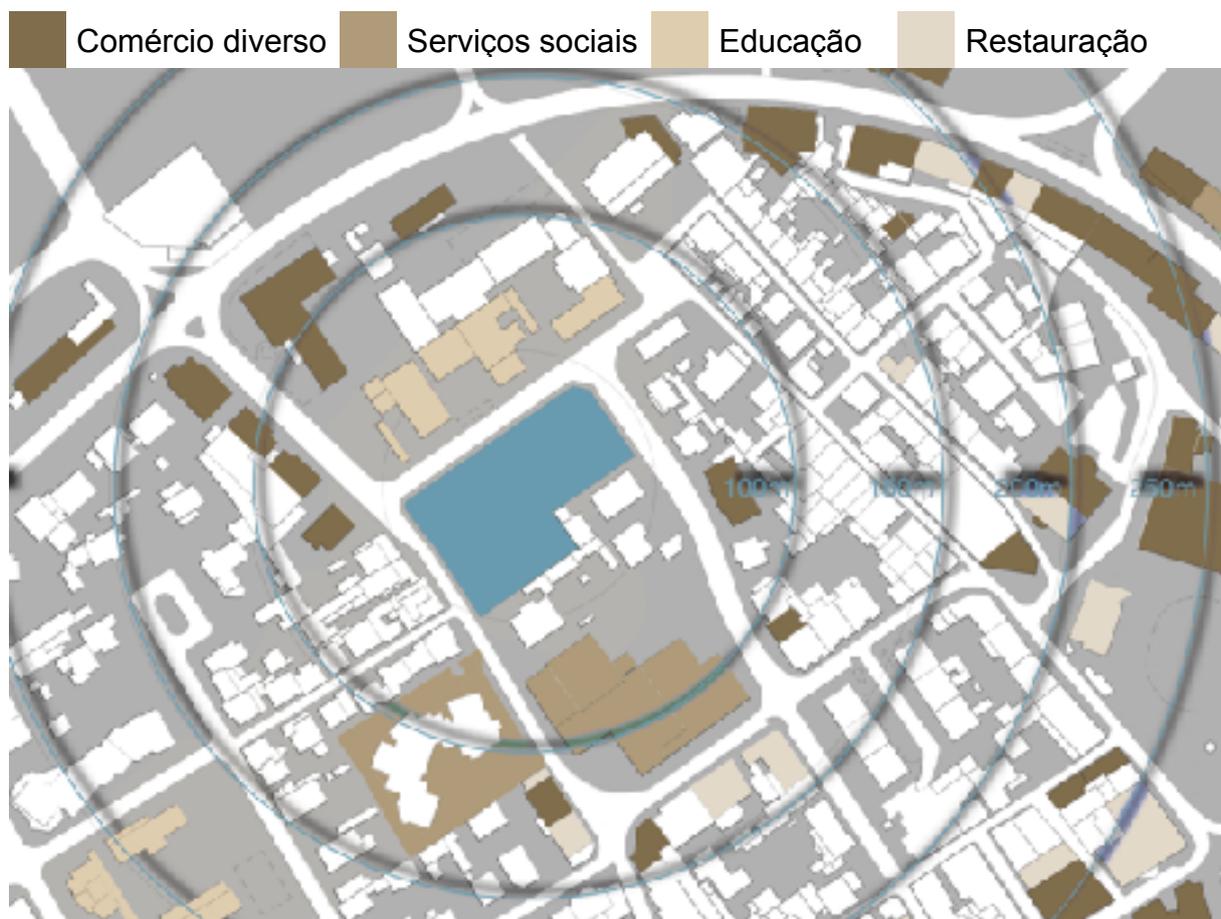


Figura 93 - Utilização dos lotes

Na vegetação envolvente, notam-se diferentes espécies de árvores e arbustos maioritariamente de grande densidade e copa alta. As espécies presentes são: o Jacarandá, o Eucalipto, o Plátano, a Palmeira das Canárias, a Grevílea e o Carvalho-Alvarinho.

O Jacarandá é a espécie predominante e que melhor caracteriza a Rua D. Francisco de Avilez. Encontra-se ao longo de toda a extensão da mesma. É também a espécie mais visível e perto do lote.

Além da vegetação de maior densidade como foi mencionada anteriormente, notam-se ainda pequenos jardins relvados em terrenos privados e pequenos arbustos inseridos.

A cerca de 200 metros a Este do lote, é possível alcançar o Jardim Público Visconde da Luz, onde a sua vegetação é composta por relvado, pequenos arbustos e três espécies de árvores de copa alta: a Casuarina, o Salgueiro-chorão e o Jacarandá.

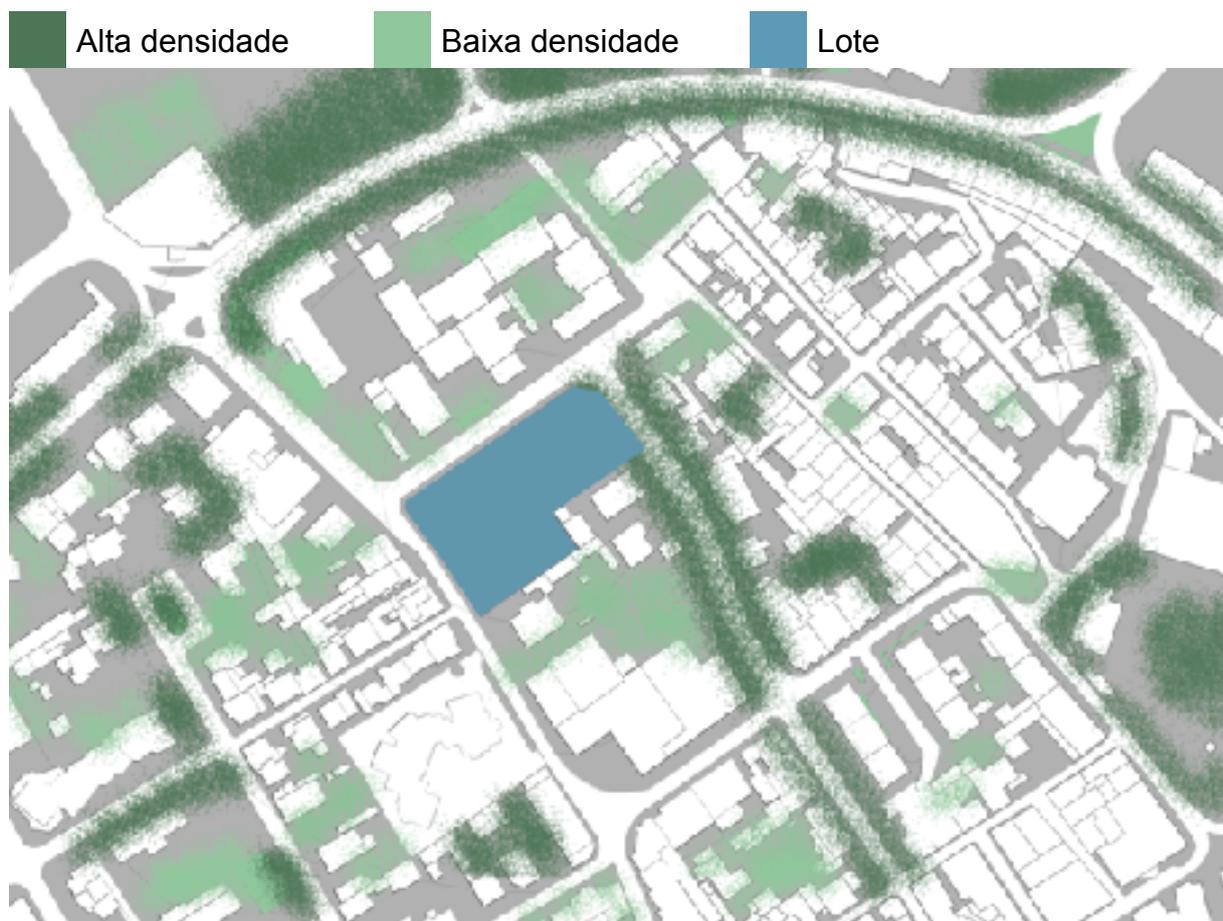


Figura 94 - Densidade de Vegetação



Figura 95 - Saída da Av. 25 de Abril para a Av. do Ultramar em direção ao lote.



Figura 96 - Cruzamento da Av. do Ultramar com a Rua Padre José Maria Loureiro. Nota-se toda a vista para o mar e Costa Sul do Tejo.



Figura 97 - Lote visto da Rua Padre José Maria Loureiro olhando para Sul



Figura 98 - Lote visto da Rua Padre José Maria Loureiro olhando para Este



Figura 99 - Lote visto do cruzamento da Rua D. Francisco de Avilez e a Rua Padre José Maria Loureiro. (Antiga entrada principal do Hospital)



Figura 100 - Passeio pedonal descendo a Rua D. Francisco de Avilez.



Figura 101 - Lote visto da Rua D. Francisco de Avilez



Figura 102 - Rua D. Francisco de Avilez e a forte presença do Jacarandá



Figura 103 - Lote visto da Av. do Ultramar.



Figura 104 - Av. do Ultramar visto do cruzamento com a Rua Padre José Maria Loureiro



Figura 105 - Avenida do Ultramar





Figura 106 - Rua D. Francisco de Avilez





Figura 107 - Rua Padre José Maria Loureiro



Estado da Arte

Sem qualquer conhecimento aprofundado acerca do funcionamento e dinâmica de espaços de um estabelecimento dedicado ao ensino como também área da medicina recorri a vários métodos nomeadamente presenciais e de pesquisa on-line e de leitura para perceber quais seriam os fundamentos que teria de ter em conta para sustentar o projeto da Faculdade de Medicina de Cascais.

Comecei por entrevistar alunos e docentes de Medicina para entender qual era o tipo de uso que estes davam aos espaços de lazer, de ensino e de passagem nas faculdades onde estudavam e/ou trabalhavam. Após as entrevistas foi possível visitar a Faculdade Medicina da Universidade Lisboa e a Faculdade Medicina Dentária Egas Moniz, no Seixal. Apesar da altura crítica de pandemia no início do ano 2021 consegui aceder a inúmeros espaços interiores e falar com diversas pessoas no interior da faculdade que me ajudaram a entender a vivência e dinâmica do edifício. A fotografia e notas escritas foram os métodos que me ajudaram a recordar, mais tarde, o interior dos edifícios.



Figura 108 - Maquete do Edifício Egas Moniz da FMUL

Através da pesquisa on-line deparei-me com um atelier norte-americano designado por CO Architects que se dedicam principalmente a projetar hospitais e faculdades de medicina. Sendo este o maior forte do atelier, analisei diversos projetos realizados pelos mesmos, e até outros que não passaram do papel, para entender melhor o programa e áreas dos espaços, e também como é que estes se harmonizavam entre pisos e se apoiavam entre si. O Projeto *California University of Science and Medicine* foi um dos que se destacou pela sua organização estratégica em manter uma utilização do espaço flexível e eficiente entre os utilizadores enfatizando a interação social dos mesmos e o movimento interior e exterior entre edifício e terreno. Estes princípios foram-me bastante úteis.



Figura 109 - Vista interior do espaço de circulação e escada dedicada à leitura e estudo do projeto *California University of Science and Medicine* por parte dos CO Architects.



Figura 110 - Vista da entrada para o pátio exterior

Outro grande apoio que tive foi a descoberta do concurso de arquitetura intitulado *University of Cyprus Medical School*. De entre diversas propostas destacou-se a do atelier MIBA Architects em conjunto com Calderon-Folch-Sarsanedas Architects. O projeto ficou classificado em 2º lugar do concurso e embora não tenha vencido, as soluções apresentadas para combinar espaços de investigação laboratorial com todos os restantes espaços de ensino e lazer tanto interior como exterior apoiou inspirou imenso o projeto da Faculdade de Medicina de Cascais. Um detalhe que me cativou e foi o ponto fulcral que os arquitetos levaram a avante foi o padrão de biblioteca genética que mostra a sequência do DNA Humano, aplicado na fachada do edifício em função de pele com palas horizontais e verticais simbolizando a ligação à medicina no próprio edifício.



Figura 111 - Fachada inspirada no padrão sequencial do DNA Humano.

A pintura do pintor Piet Mondrian com o título *Diamond Compositions* caracterizada pelo seu enquadramento a 45° que desafia o alinhamento natural do olhar e a suposição correta dum alinhamento geométrico na tela, encorajou e inspirou a resolver as plantas dos pisos do projeto, incluindo uma torção a 45° assim como rematar e cozer ambos os alinhamentos mantendo uma harmonia estrutural entre pisos, vãos e comunicações verticais com alinhamentos estratégicos para o exterior dispendo inclusivé duma circulação dos utilizadores fluída e natural no interior.

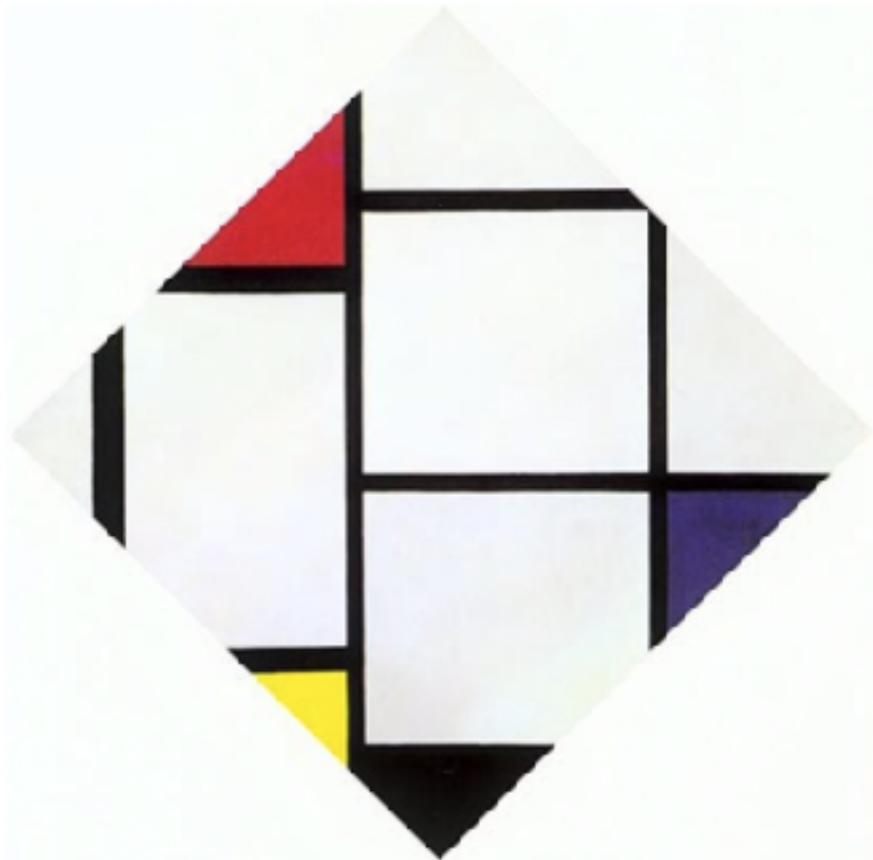


Figura 112 - Lozenge Composition with Red, Gray, Blue, Yellow, and Black. Por: Piet Mondrian, 1924 - 1925

Os traços e formas de projectar dos arquitetos Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Álvaro Siza Vieira, foram sempre princípios presentes em todo o processo de desenvolvimento do edifício proposto para da Faculdade de Medicina de Cascais. Entre muitos exemplos, a solução do Quebra-Sol ou *brise-soleil* idealizado por Le Corbusier na construção do Edifício do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro, foi um dos projetos que inspirou a manipulação da luz para o interior do projeto. Através de palas horizontais e verticais, estrategicamente colocadas na fachada em continuidade com os vãos, cria-se a oportunidade de difundir a luz natural para o interior, mesmo em fachadas que não estão diretamente viradas para a posição. Outras vertentes desta solução são a criação de jogos de luz e sombra ou a intenção de proteger a iluminação direta para certos espaços interiores. A “pele” que cobre toda a envolvente do volume constituída por estas palas, cria ainda um ritmo uniforme e métrico.



Figura 113 - Edifício do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro

Finalmente, foi ainda necessário entender o funcionamento, dinâmica e necessidade de espaços interiores e exteriores em edifícios ligados à medicina embora, não estivessem diretamente ligados com o ensino médico. Nomeadamente hospitais e sanatórios. Os sanatórios são um ótimo exemplo para ser estudado neste contexto uma vez que estão conectado à vertente médica e tomam um ótimo partido do espaço exterior e harmonia com a natureza, com o objetivo de aceder ao ar puro das serras e em alguns casos à maresia do oceano.

Nos fins do Séc. XIX, a tuberculose gerou o pânico na Europa e de forma a combater a doença, os Sanatórios começam a surgir nos países mais desenvolvidos do Continente.

Um dos principais objetivos da Assistência Nacional aos Tuberculosos - Instituição oficial portuguesa criada pela Rainha D. Amélia segundo a publicação da Lei de 17 de Agosto de 1899 - era criar hospitais marítimos que ajudassem, não só a curar os infetados assim como prevenir a doença para as gerações seguintes, fortalecendo o organismo das crianças.

Nessa altura, a Parede, no Concelho de Cascais, começou a ser conhecida não só pela sua praia, como também pelo seu micro-clima junto da mesma que ajudava a curar doenças ósseas, entre estas, a tuberculose óssea.

O Hospital de Santana foi então inaugurado a 31 de Julho de 1904, na Parede, e o seu legado pertenceu à Santa Casa da Misericórdia, cedido pela sua instituidora D. Claudina Chamiço.



Figura 114 - Fachada Sul do Hospital Sant'ana, Parede. Vista de barco

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Director-proprietario: MARIO COELHO
Secretario da redacção: ALVARO A. S. DUARTE
Companhia e Imprensa: Officio Typographico Central - L. Com. de L. 2012, 27 e 28
Phototypographische Anstalt J. Neuberger & Co. - Herrenstr. 15, Berlin S. O.

PORTUGUEZA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANTONIA, 19, 2.º — LISBOA

SANATORIO SANT'ANNA (PAREDE)

Architecto, Rosendo Carvalho

Convidado para esboçar a noticia sobre o bello edificio que constitue o motivo do n.º 9 da interessante revista *A Architectura Portugueza*, transji com a orientacão que sempre me assegou em rios espirito, do que as noticias sobre estes trabalhos de architectura, nunca deveriam ser feitas por architectos, porque me dá a impressão do tal se, cura que tambem os baptisava.

Uns architectos fazem os projectos, executar-nos e outros lhe fazem a critica.

Muito mais que em materia de arte difficil é sentir as mesmas impressões que outro teve na execucao do seu trabalho.

O que indiscutivelmente todo o architecto sente, seja o trabalho de quem fez, é a intuição da linha geral, do esthetic, porque não deve ser commum a todos os artistas, embora interpretada por diferentes formas.

Para isso, pôde muitas vezes haver uma divergencia de interpretação, mas o que ambos deixam a re tabida é a admiração pelo bello.

Isto é tanto mais verdadeiro quanto se reconhece a necessidade da intervencao dos architectos em todos os projectos, sejam elles destinados a sumptuosos palacios ou a modestas casas operarias.

Tanta arte ha n'um palacio de exposições como n'uma escola, tanta belleza artistica n'um theatro como n'um sanatorio, tanta inspiração n'um publico como n'uma escola primaria, quando o architecto ha referencia de cada um d'estes edificios, o traça nas suas linhas porosa dentro dos segredos da sua arte.

Entre nós, ainda hoje se julga que o architecto é simplesmente um elemento d'arte a utilizar nos edificios sumptuosos, e isto devida à falta de educacão artistica do país que não tem a noção do equilibrio das linhas, das proporções e que em geral quer ser executada a escala graduada e sujeita a regulamentações por vezes tolas e disparatadas.

Assim, muitos edificios por ali se nos apresentam como espantellos, avertermas que nos horrorizam e a que não é estranho ouvir dizer elogios!

Estes edificios abundam principalmente em edificios de caracter officia, chancelladas com a garantia das instancias superiores.

Para estes, que não tem a responsabilidade dos architectos, e ainda estafado por estar sempre ao dispor de quem o solicita, se louvavel intento de castigar algumas stulticias que por ali resuscitam a sua ignorancia, mettem a forca em obra alheia.

Para a critica dos trabalhos dos architectos, os nossos criticos, que os temes de valor, fortalecidos com o primor dos seus estylos e as bellas tranquillidades das suas prozas, nos resultador primorosos da sua literatura.

Mas emfim, tira que possa e temojo, porque o exemplo já li vem longe para dizer o amigo *Beaumont*.

O Sanatorio de Sant'Anna, em Paredes, pertence ao numero dos modernos edificios que teve a feliz condiçào de ser confiada a architectos.

Ao que parece já primitivamente outros architectos tinham ensaiado alguns estudos para o bello e humatorio ingenuo da *loc.ª de S.ª* (1). Amélia Bieira, que teve a kleia da fundacão do sanatorio da Foz de Arelha.

Por fallecimento d'essa senhora passaram os seus bens para a *loc.ª de S.ª* D. Claudio Coutinho e cural sobre a generosa missào de pôr em pratica tão benemerito legado, desenvolvendo a primitiva ideia e cedendo-lhe maiores rendimentos para o seu custeio.

As fins gerenciaes de tão nobre epi-christianismo juntara a benemerito senhora, a sua esclarecida orientacão, entregando a traça de um edificio d'aquella responsabilidade, ao euidico de um architecto.

Pôde confiar essa honrosa missào profissional ao meu collega e amigo Rosendo Carvalho um espirito esclarecido, estaloso, trabalhador e intelligente que ali firmou toda a sua actividade n'um estudo studado, resolvendo interessantes problemas de construcção e

architectura. Rosendo Carvalho, era um architecto experientado nos segredos da construcção, homem que estuda e acompanha a constante evolucao da sciencia, e como tal, os resultados deviam corresponder à sua boa vontade.

Para completar a sua obra, teve como principal cooperador, um architecto dos novos, um temperamento de artista, que se não tinha os segredos da construcção, tinha as vãos da inspiração.



Facada principal do edificio

Figura 115 - A Architectura Portugueza, n.º9, Setembro de 1908. Artigo do Arq. Costa Campos.

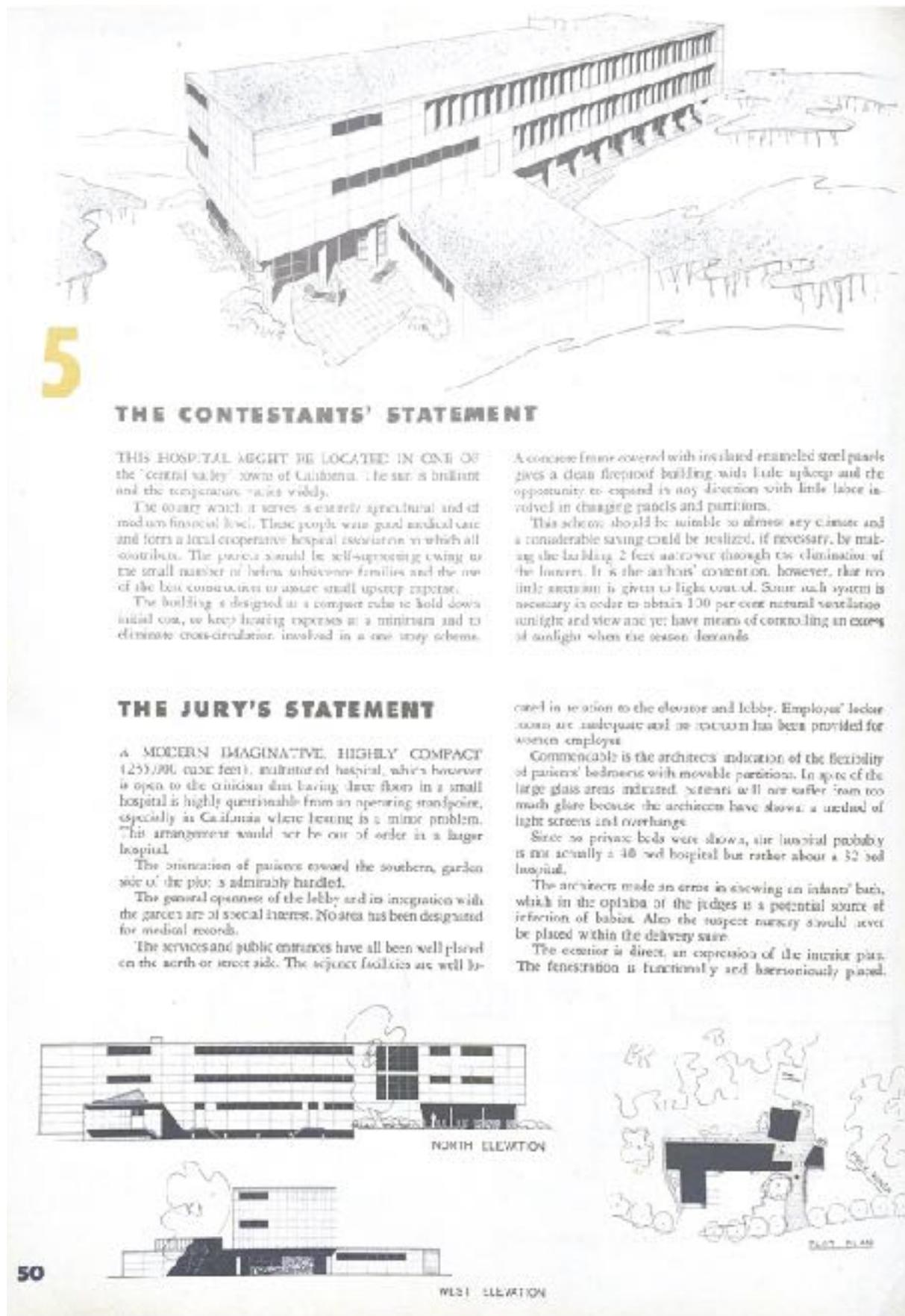
O livro, *The Modern Small Hospital and Community Health Center*, publicado em 1946, contém uma seleção de planos para pequenos hospitais e centros de saúde comunitários apresentados no concurso de 1944. O livro apresenta problemas discutidos na altura relativamente ao tema financeiro, nomeadamente aos custos necessários para erguer um edifício de tais dimensões e ainda, a apresentação de soluções combinadas com o planeamento e a fase construtiva de forma a tornar a operação mais económica.

Estão ainda incluídos artigos redigidos pelas principais autoridades hospitalares que fornecem informação importante acerca da organização administrativa e profissional, planeamento hospitalar e construção inclusivamente listas de verificação que contêm todo o tipo de equipamento necessário para os mais variados departamentos dum hospital.

Dos 41 projetos de pequenos hospitais e centros de saúde no livro, seguem-se os respetivos planos, assim como perspetivas desenhadas, a defesa dos Arquitetos e Designers responsáveis pelos mesmos e comentários dos júris do concurso. Entre todos, estão incluídos 12 planos premiados, dos quais 6 para pequenos hospitais e outros 6 para centros de saúde comunitários.

A leitura atenta dos comentários dos júris assim como a avaliação de ilustrações apresentadas, é fulcral para entender os pontos positivos e negativos de cada projeto e assim perceber como melhor organizar e projetar um edifício semelhante.

Seguem-se algumas páginas do livro em questão, com projetos, comentários e ilustrações relevantes ao tema.



5

THE CONTESTANTS' STATEMENT

THIS HOSPITAL MIGHT BE LOCATED IN ONE OF the "central valley" towns of California. The sun is brilliant and the temperature varies widely.

The country which it serves is chiefly agricultural and of medium financial level. These people want good medical care and form a local cooperative hospital association in which all contribute. The project should be self-supporting owing to the small number of below subsistence families and the use of the best construction to assure small upkeep expense.

The building is designed as a compact cube to hold down initial cost, to keep heating expenses at a minimum and to eliminate cross-circulation involved in a one-story scheme.

A concrete frame covered with insulated enameled steel panels gives a clean fireproof building with little upkeep and the opportunity to expand in any direction with little labor involved in changing panels and partitions.

This scheme should be suitable to almost any climate and a considerable saving could be realized, if necessary, by making the building 2 feet narrower through the elimination of the louvers. It is the architect's contention, however, that too little attention is given to light control. Some such system is necessary in order to obtain 100 per cent natural ventilation sunlight and view and yet have means of controlling an excess of sunlight when the season demands.

THE JURY'S STATEMENT

A MODERN IMAGINATIVE, HIGHLY COMPACT (255,000 cubic feet), multi-storied hospital, which however is open to the criticism that having three floors in a small hospital is highly questionable from an operating standpoint, especially in California where heating is a minor problem. This arrangement would not be out of order in a larger hospital.

The orientation of patients toward the southern, garden side of the plot is admirably handled.

The general openness of the lobby and its integration with the garden are of special interest. No area has been designated for medical records.

The services and public entrances have all been well placed on the north or street side. The adjacent facilities are well ha-

ced in relation to the elevator and lobby. Employee locker rooms are inadequate and no provision has been provided for women employees.

Commendable is the architect's indication of the flexibility of patients' bedrooms with movable partitions. In spite of the large glass areas indicated, patients will not suffer from too much glare because the architect has shown a method of light screens and overhangs.

Since no private beds were shown, the hospital probably is not actually a 40 bed hospital but rather about a 32 bed hospital.

The architect made an error in showing an infant's bath, which in the opinion of the judges is a potential source of infection of babies. Also the suspect nursery should never be placed within the delivery suite.

The exterior is direct, an expression of the interior plan. The fenestration is functional and harmoniously placed.

50

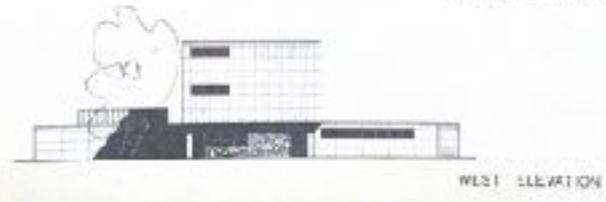
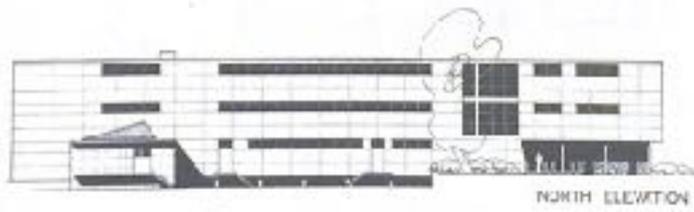


Figura 116 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 50

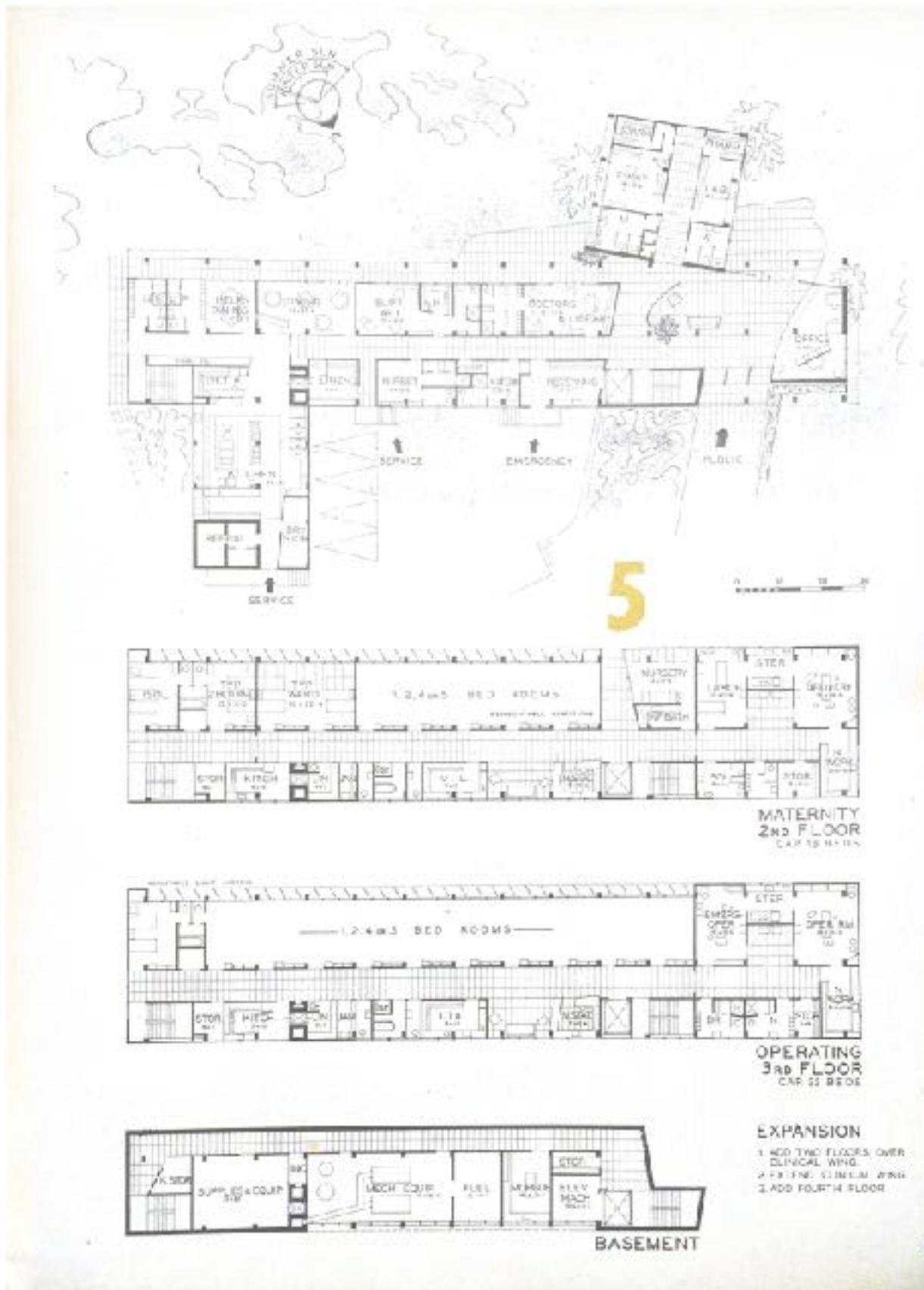


Figura 117 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 51

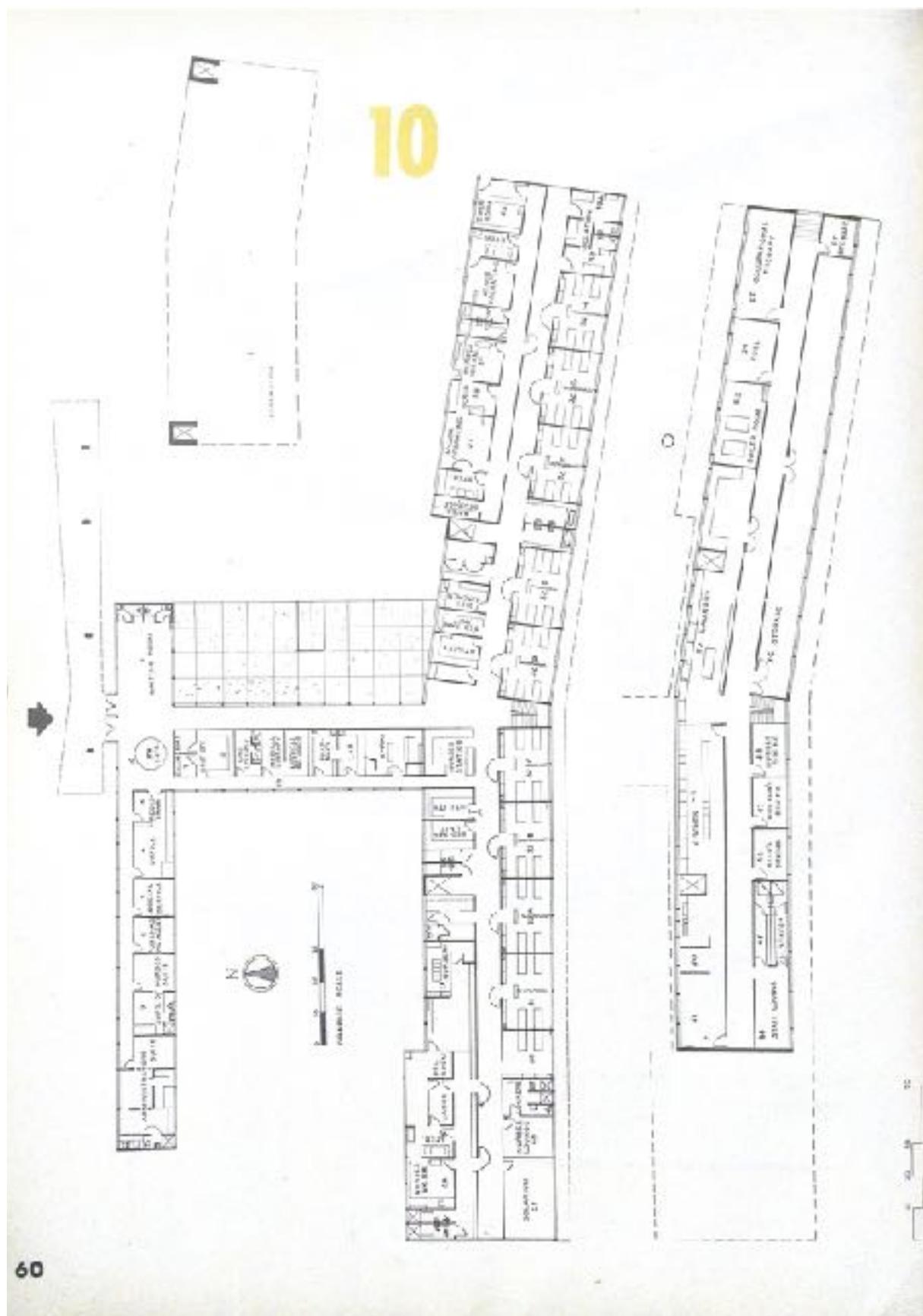
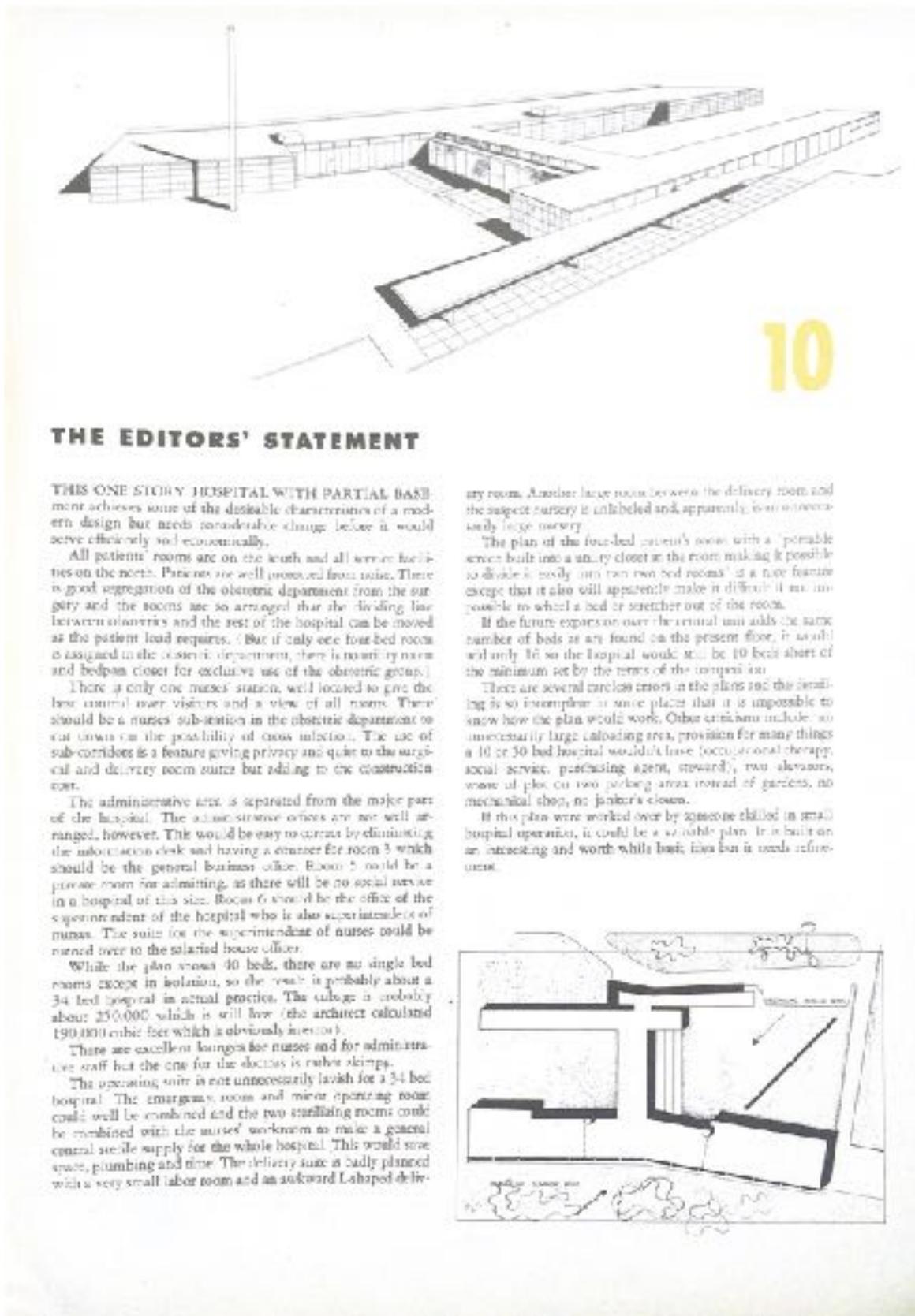


Figura 118 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 60. (Detalhe arquitetônico das comunicações verticais que rematam o início da torção na planta do piso.



THE EDITORS' STATEMENT

THIS ONE STORY HOSPITAL WITH PARTIAL BASEMENT achieves some of the desirable characteristics of a modern design but needs considerable change before it would serve efficiently and economically.

All patients' rooms are on the fourth and all service facilities on the fourth. Patients are well protected from noise. There is good segregation of the obstetric department from the surgery and the rooms are so arranged that the dividing line between obstetrics and the rest of the hospital can be moved as the patient load requires. (But if only one four-bed room is assigned in the obstetric department, there is no utility room and bedpan closet for exclusive use of the obstetric group.)

There is only one nurses' station, well located to give the best control over visitors and a view of all rooms. There should be a nurses' sub-station in the obstetric department to cut down on the possibility of cross infection. The use of sub-corridors is a feature giving privacy and quiet to the surgical and delivery room suites but adding to the construction cost.

The administrative area is separated from the major part of the hospital. The administrative offices are not well arranged, however. This would be easy to correct by eliminating the sub-station desk and having a counter for room 3 which should be the general business office. Room 5 could be a private room for admitting, as there will be no social service in a hospital of this size. Room 6 should be the office of the superintendent of the hospital who is also superintendent of nurses. The suite for the superintendent of nurses could be named over to the related house officer.

While the plan shows 40 beds, there are no single bed rooms except in isolation, so the result is probably about a 34 bed hospital in actual practice. The volume is probably about 250,000 which is still low (the architect calculated 190,000 cubic feet which is obviously incorrect).

There are excellent lounges for nurses and for administrative staff but the one for the doctors is rather skimpy.

The operating suite is not unnecessarily lavish for a 34 bed hospital. The emergency room and minor operating room could well be combined and the two sterilizing rooms could be combined with the nurses' workroom to make a general central sterile supply for the whole hospital. This would save space, plumbing and time. The delivery suite is badly planned with a very small labor room and an awkward L-shaped deliv-

ery room. Another large room between the delivery room and the suspect nursery is unlabeled and, apparently, is an unnecessarily large nursery.

The plan of the four-bed patient's room with a portable screen built into a utility closet at the room making it possible to divide it easily into two two bed rooms is a nice feature except that it also will apparently make it difficult if not impossible to wheel a bed or stretcher out of the room.

If the future expansion over the central unit adds the same number of beds as are found on the present floor, it is still not only 16 so the hospital would still be 10 beds short of the minimum set by the terms of the incorporation.

There are several careless errors in the plans and the detailing is so incomplete in some places that it is impossible to know how the plan would work. Other criticisms include: so unnecessarily large unloading area, provision for many things a 10 or 30 bed hospital wouldn't have (occupational therapy, social service, purchasing agent, steward), two elevators, waste oil plus oil two parking areas instead of gardens, no mechanical shop, no janitor's closet.

If this plan were worked over by someone skilled in small hospital operation, it could be a suitable plan. It is built on an interesting and worthwhile basic idea but it needs refinements.

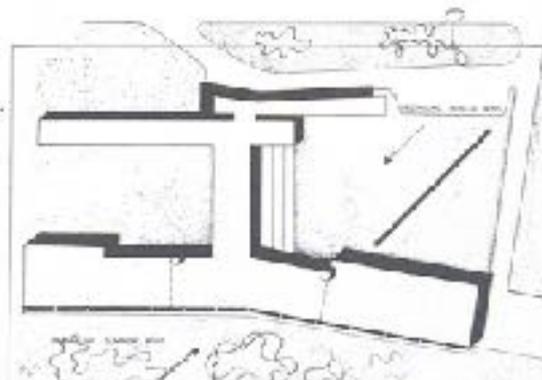


Figura 119 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 61



THE EDITORS' STATEMENT

30

THIS IS ONE OF THE BEST OF THE ULTRAMODERN plans with a low budget. All patients' rooms are on the garden side of the hospital and well shielded from the ambulance and service entrances. The nurses' station (only one is indicated) is arranged at the junction of the corridors on which there are patients' rooms and thus it can serve them all. The open terrace leading out onto the garden at room level is an attractive feature.

The surgery and obstetric unit are put together with a double corridor arrangement, permitting adequate segregation and yet common use of many facilities. The east end of the main wing is doubtless for maternity patients; it gives both good segregation and flexibility.

Low budget has been achieved in part because there is no suspect nursery, the pharmacy is very small, there is no separate admitting office and only one modest sized dining room for everybody working in the hospital. Only four private rooms are shown, so the hospital is actually of about 36 bed capacity.

No laundry is provided but it was not a requirement of the competition; there is a receiving room for linen. Also, the x-ray and laboratory are impossibly small and cramped, as are the doctors' toilet and locker room and the labor room. Seotage is adequate in size but has no elevator or dumb-waiter.

The arrangement of patients' rooms on only one side of the corridor, while very nice for patients, means long runs for the nurses. It is about 175 feet from the nurses' station to the door of the most distant patient's room. The nurses' station is very well located, however, for economy of nursing service. It controls the entrance and all patients' rooms. The provision of a lavatory in each patient's room will save steps for nurses.

The plan is poorly drawn as compared to many others entered in the competition and it is inadequately detailed. There is a good idea here but much more work is needed to make it useful.

The exteriors are simple and pleasing. The extensive use of air conditioning and radiant heating is a feature.

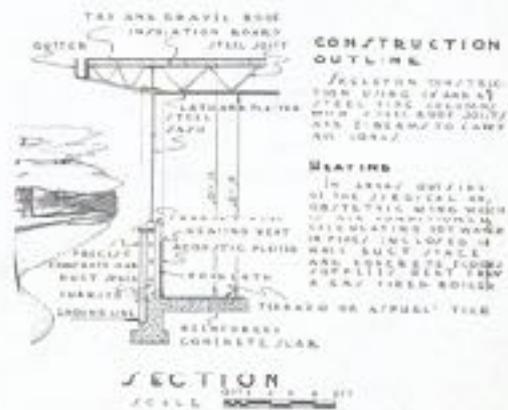
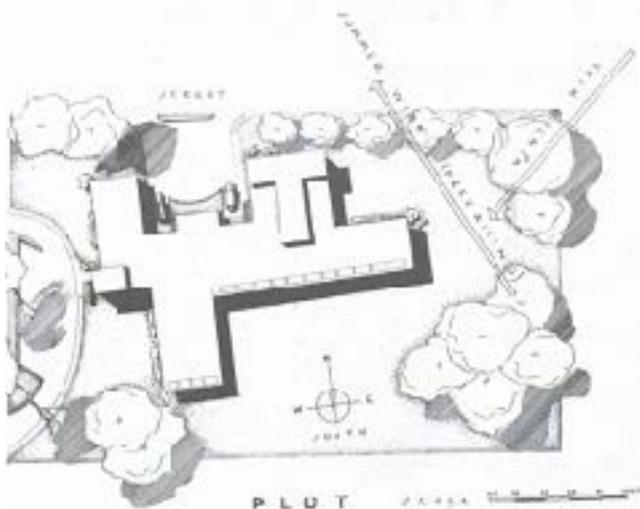


Figura 120 - The Modern Small Hospital and Community Health Center. Página 107



Figura 121 - Vista aérea da proposta e envolvente



Memória descritiva

A ideia do projeto sustenta-se na intenção de implementar o edifício da faculdade de medicina de Cascais no terreno onde outrora o antigo hospital de Cascais Condes Castro Guimarães serviu a Vila, de maneira a que o volume que alberga o programa se enquadre na zona histórica recorrendo a alinhamentos longitudinais e altimétricos com os edifícios nomeadamente residências presentes na envolvente, assim como a parcial permeabilização e utilização do lote.

O ponto fulcral na intenção da criação deste projeto passa não só por fazer uma união entre o programa definido para os utilizadores da faculdade, nomeadamente estudantes, docentes, investigadores e trabalhadores diversos, como também relacionar os residentes da envolvente histórica de Cascais com o terreno, proporcionando um atravessamento através do lote, sem a necessidade de recorrer ao interior no edifício. Une-se assim, através destas ligações que atravessam a praça os quatro vértices do terreno, que se situam a cotas diferentes, acompanhado o declive deste em direção ao mar.

O mar é visível da perspetiva do peão que desce a Avenida do ultramar, e a faculdade enfatiza essa visão emoldurando a paisagem através do volume, conseguido com um vazio que atravessa a fachada e da lugar a um espaço exterior comum de lazer no 2º piso. Esta solução parte não só de contrariar a sensação de barreira visual que o antigo edifício proporcionava mas também da intenção de estabelecer uma ligação entre a arquitetura e a natureza com uma ligação visual que ultrapassa toda a zona sul de Cascais, até ao mar.

Todo o edifício abraça o terreno a um cota suspensa tocando no solo em apenas três pontos. Desta maneira gera-se a existência de duas praças a cotas diferentes. Uma no centro outra adjacente no lado este. Com o propósito de circulação pedonal de atravessamento do quarteirão e acessos a diferentes espaços da faculdade: entrada principal, entrada da biblioteca, entrada secundária do auditório, entrada do refeitório e estacionamento subterrâneo. A circulação pedonal divide-se ao nível público e privado sendo que o público faz-se ao nível da rua destinado a qualquer pessoa utilizadora da faculdade ou não e o privado sob a cobertura do volume mais a sul que atravessa dois pisos e o seu acesso é através da varanda comum do piso 2 destinado às salas de aula teóricas.

A cota mais alta do volume situa-se a norte com a intenção de cortar o vento para as praças no centro do terreno, o restante volume desenrola-se numa peça única continua que percorre os pisos todos e descende juntamente com as cotas do terreno em direção ao mar que se situa a sul. Desta forma, o vento dominante proveniente de norte é cortado e a recepção de luz solar no interior do edifício e praças é aproveitada ao máximo. A iluminação natural é ainda conduzida para os espaços interiores através da pele presente das fachadas composta por palas verticais e horizontais semelhantes a solução do quebra sol utilizado por Le Corbusier como construtor do Edifício do Ministério, no Rio de Janeiro. Estas palas de coloração branca com rotações fixas previamente determinadas abrem-se frontalmente para a iluminação natural proveniente de sul e são capazes de refletir luz difusa para as salas de aula e restantes espaços com vãos nas fachadas a este.

A faculdade tem um total de 5 pisos que se nomeiam desde o -2 até ao 3 como: estacionamento, estacionamento e salas de manutenção, laboratórios de investigação, receção e zonas de estudo, salas de aula teóricas e administração.

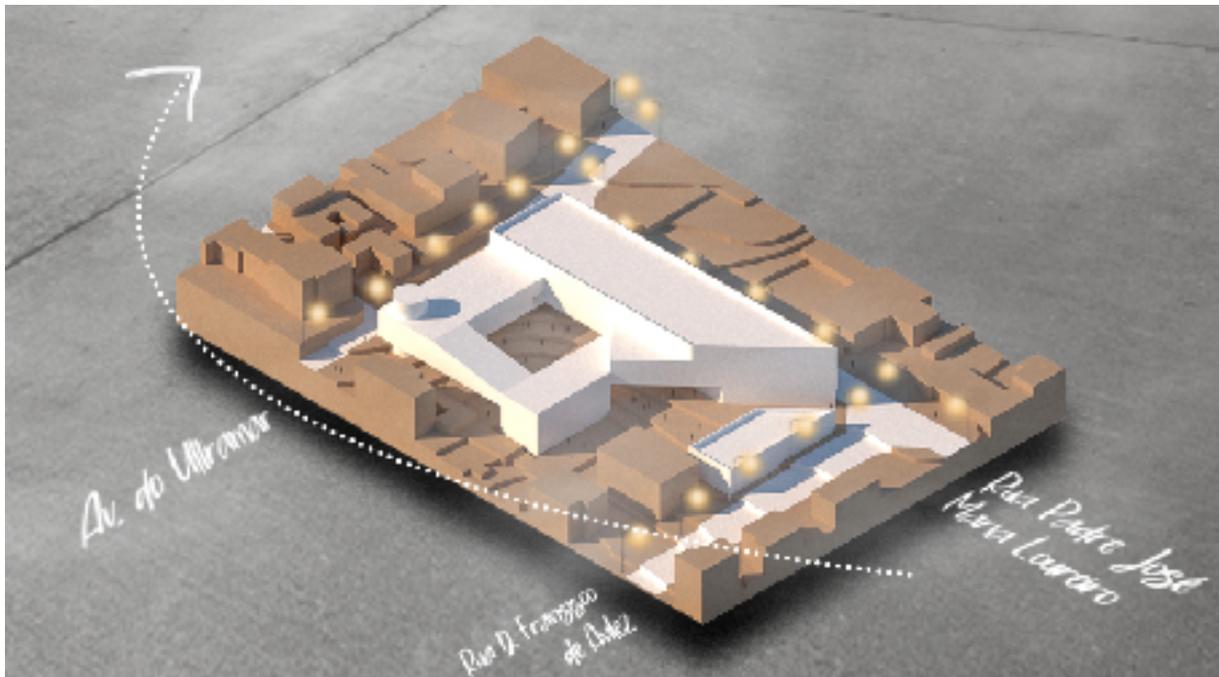


Figura 122 - Maquete de estudo da volumetria



Figura 123 - Foto-montagem da maquete de estudo para melhor entender o conceito da “Janela para o Mar”

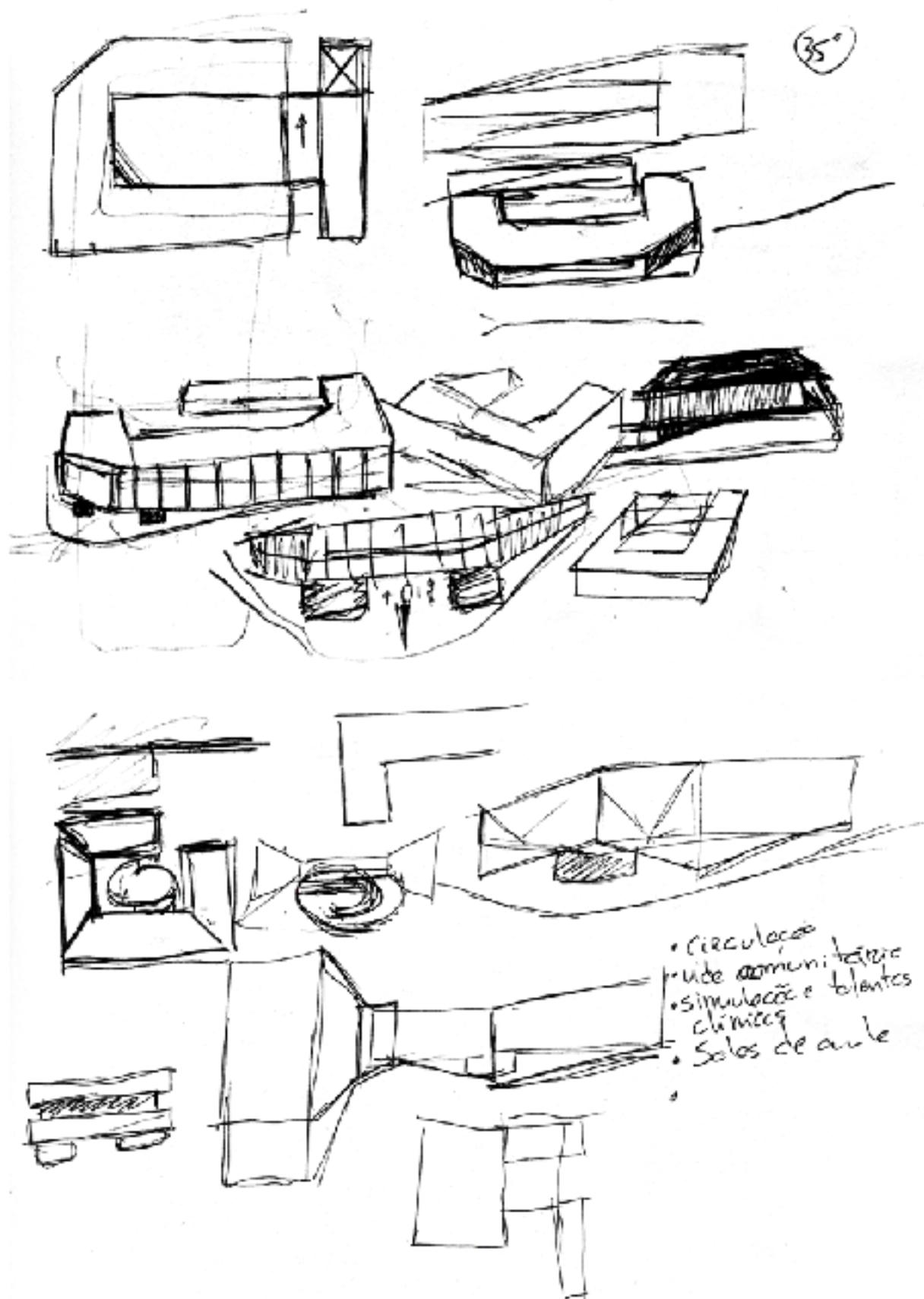


Figura 124 - Esboços de processo. Parte 1.

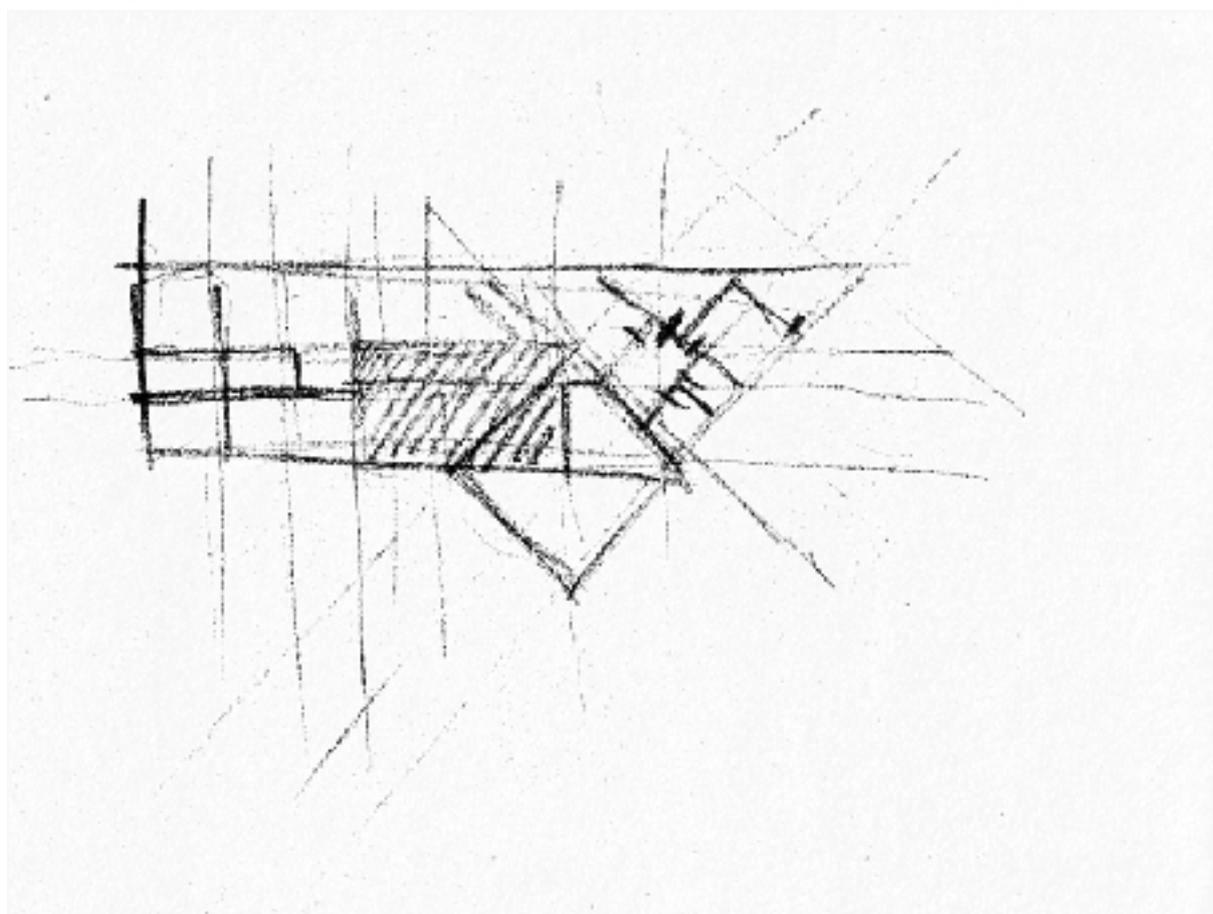
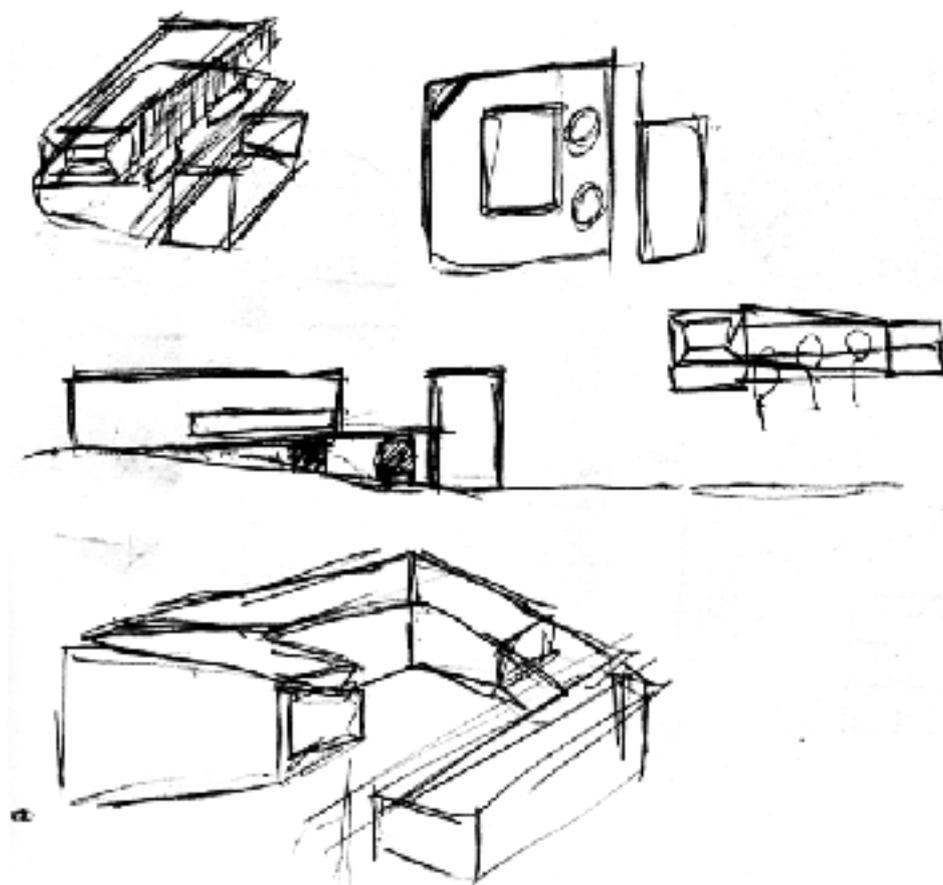


Figura 125 - Esboços de processo. Parte 2.

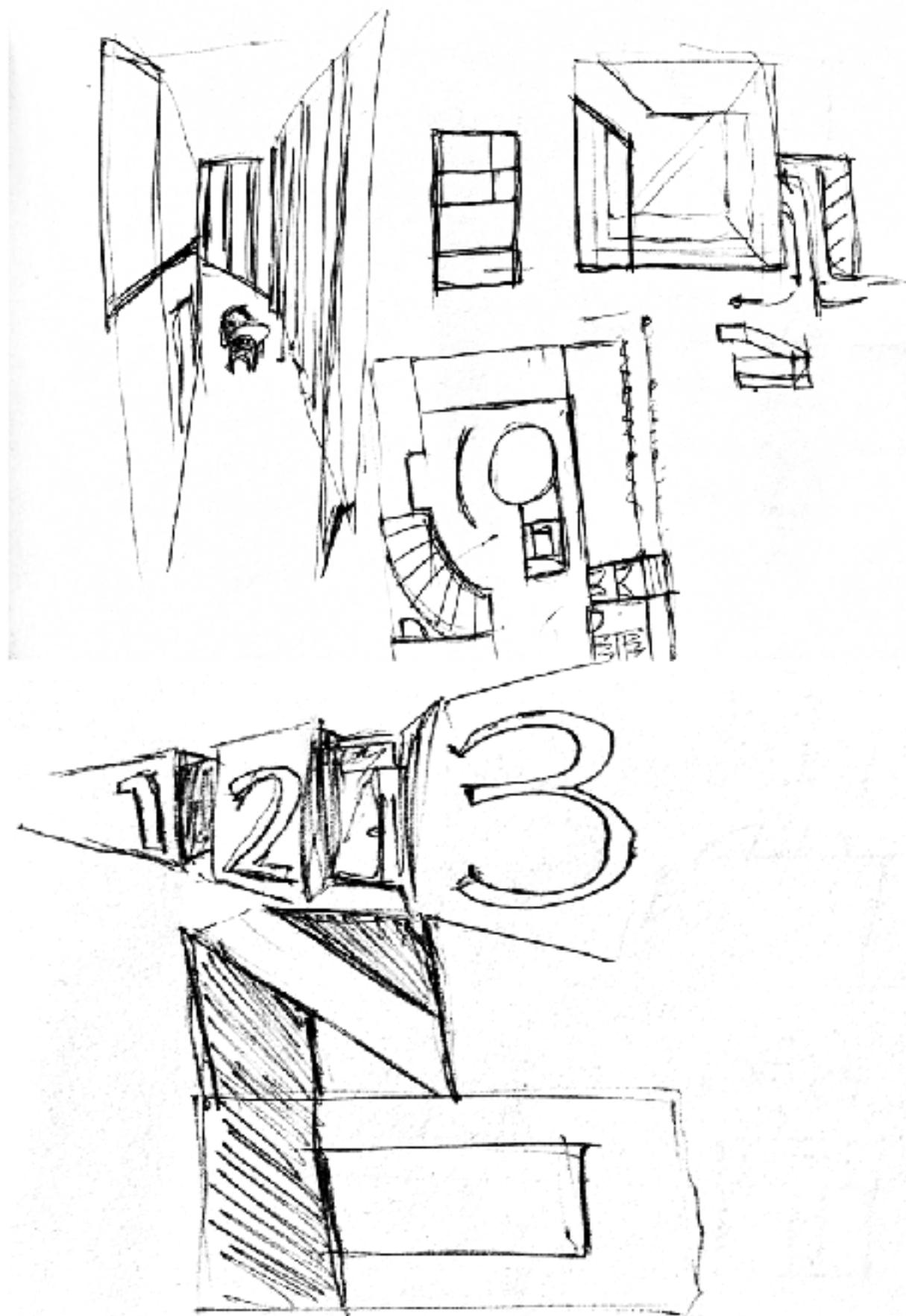


Figura 126 - Esboços de processo. Parte 3.



Figura 127 - Esboço da entrada a noroeste.

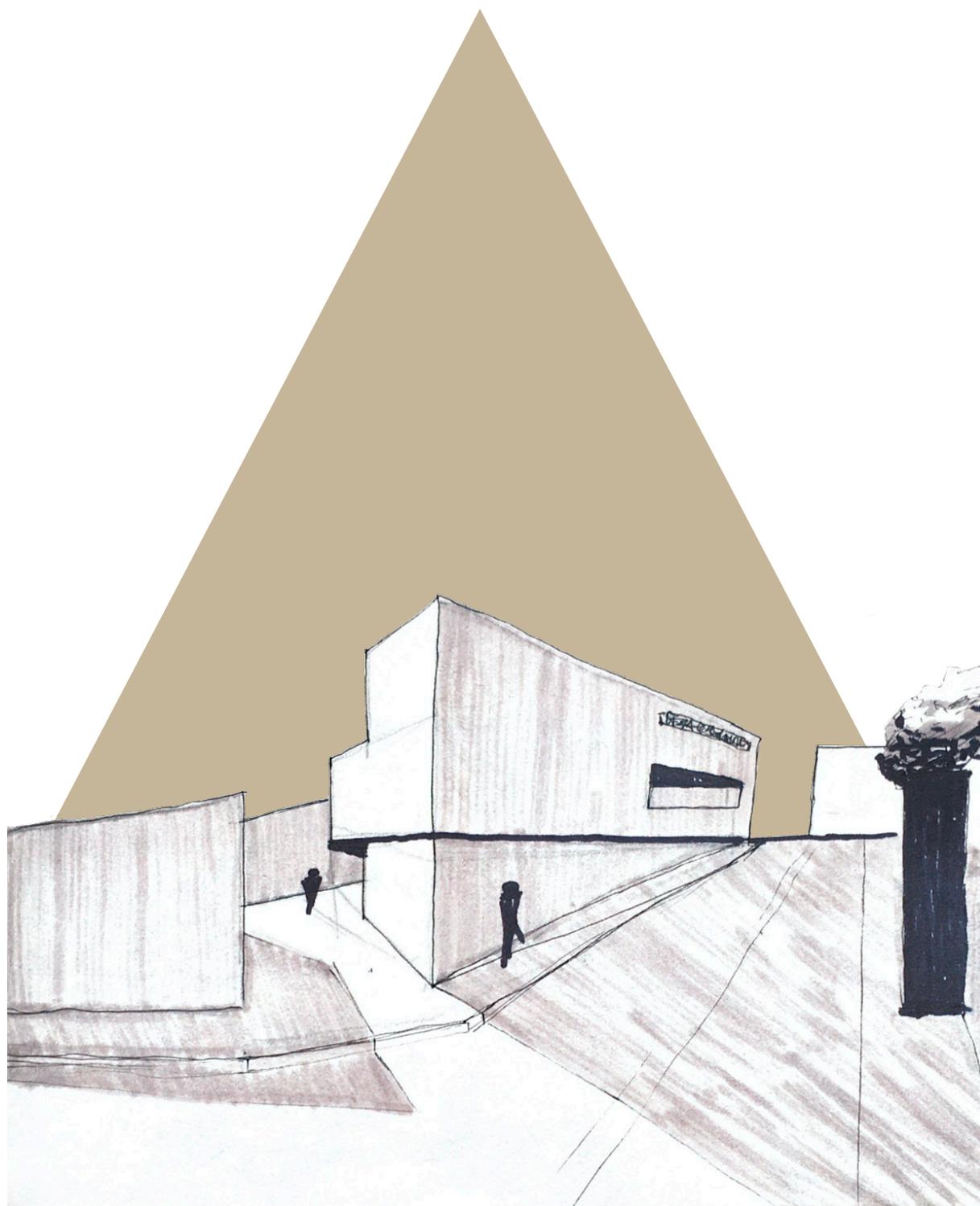


Figura 128 - Esboço da fachada Norte e praça.

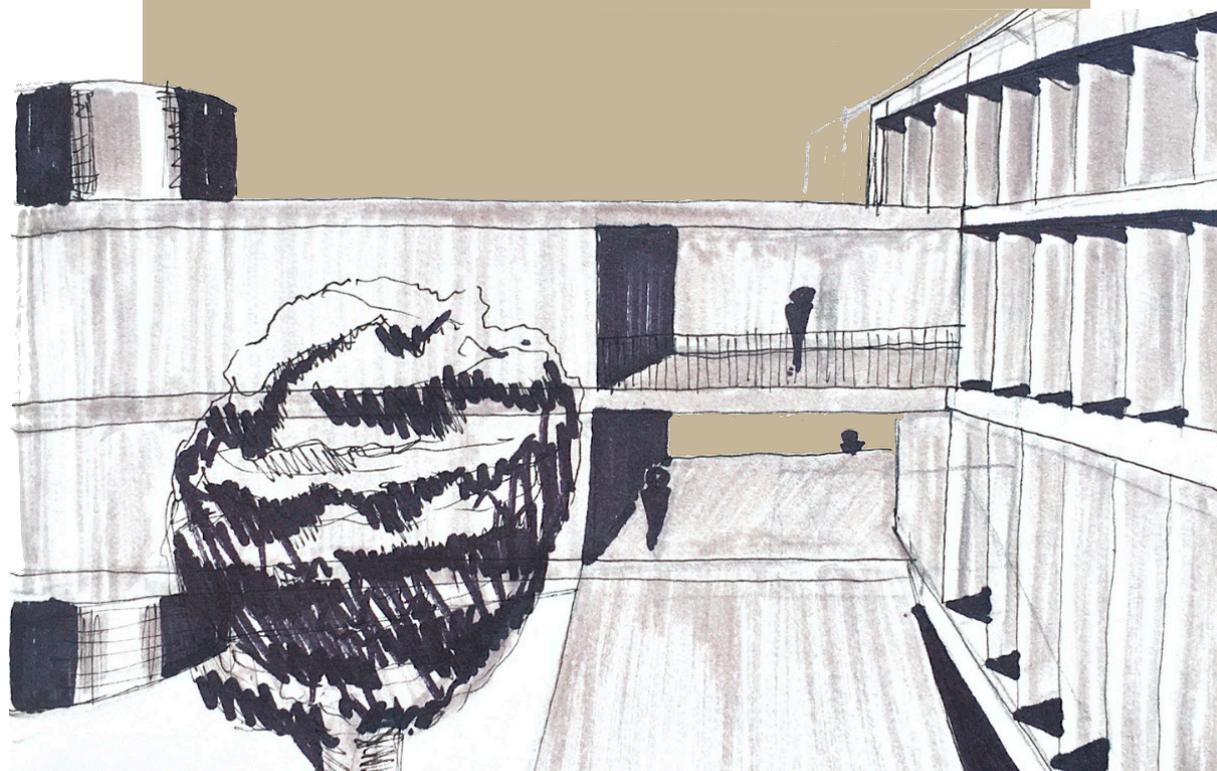


Figura 129 - Esboço do pátio visto da cobertura percorrível.

Programa	Designação	Áreas (m ²)
Piso -2	Estacionamento (67 Lugares) e Espaços Auxiliares/Apoio	2278,06
Circulação	Pedonal	29,4
	Viária (Incluindo Lugares de Estacionamento)	2248,66
Piso -1	Estacionamento (10 Lugares) e Espaços Auxiliares/Apoio	1306,2
Circulação	Pedonal	61,88
	Viária (Incluindo Lugares de Estacionamento)	883,24
1.18	Sala do Segurança	11,85
5.2.1	Oficinas de manutenção	29,64
5.3.4	Armazenamento geral no nível subterrâneo	68
6.6	Subestação Elétrica	29,64
6.7.1	Instalação Mecânica	39
6.7.2	Instalação Elétrica	29,64
6.9	Gerador elétrico de emergência	29,64
6.10	Armazém no Estacionamento	105,2
6.14	Estação de Coleta de Resíduos de Reciclagem	18,47

Quadro 1 - Pisos -2 e -1. Código de designação, legenda e área de espaços.

Feita de Memórias

Programa	Designação	Áreas (m ²)
Piso 0	Refeitório	185,19
6.4	Copa (Piso Inferior)	30,95
7.1	Refeitório (Piso Inferior)	154,24
Piso 0	Laboratórios de Investigação	1292,23
Circulação	-	172,86
2.8	Grande Auditório	322,2
3.9	Armazém	23,27
4.1	Laboratórios húmidos de Investigação	307,16
4.2.1	Higiene - Epidemiologia	54
4.3.1	Laboratório de Biossegurança Nível 2 (BL2)	25,73
4.3.2	Laboratório de Biossegurança Nível 3 (BL3)	25,73
4.3.3	Sala de Microscopia Electrónica	21,4
4.3.4.1 - 4.3.4.2	Câmara fria	34
4.3.5	Câmara Quente	20,46
4.3.6	Sala de Centrifugação / Congelação	26,13
4.3.7	Sala Escura - Sala Fotográfica	19,84
4.3.8	Laboratório de isótopos com Laboratório (Hot Desking)	22,1
4.3.9	Sala de Equipamentos Sensíveis	22,1
4.3.10	Copa de Laboratório / Sala de Esterilização	22,1
4.3.11	Laboratório de Pesquisa Animal	21,4
4.4.1	Pós-Doutorado Associados	27,9
4.4.2	Gabinetes de Estudantes de Pós-Graduação	24,13
5.2.2	Balneário Feminino	20,46
5.2.3	Balneário Masculino	20,46
6.1.1	Instalações Sanitárias Masculino	19,3
6.1.2	Instalações Sanitárias Feminino	19,3
6.1.3	Instalações Sanitárias Acessíveis	4,6
6.2	Sala de Limpeza	4,6
6.13	Lixos	11

Quadro 2 - Piso 0. Código de designação, legenda e área de espaços.

Programa	Designação	Áreas (m ²)
Piso 1	Refeitório	186,22
6.4	Copa (Piso Superior)	11,76
7.1	Refeitório (Piso Superior)	174,46
Piso 1	Receção, Serviços e Biblioteca	1970,32
Circulação	-	585,71
1.10	Sala de Conferência A	11,28
1.13.1 - 1.13.3	Tesouraria, Técnico de Informática, Outros Gabinetes	11,28
1.14	Escritório de Garantia de Qualidade	11,76
1.15	Secretariado da Faculdade	42
1.16	Arquivo da Faculdade	42
1.17	Recepção de Alunos	22,61
1.18	Sala do Segurança	21
2.6	Área de Estudo	158,15
2.8	Grande Auditório	322,2
2.9	Auditório Flexível	105,86
2.10	Biblioteca	380,16
2.12	Técnicos de Som e Luz	12,82
6.1.1	Instalações Sanitárias Masculino	19,3
6.1.2	Instalações Sanitárias Feminino	19,3
6.1.3	Instalações Sanitárias Acessíveis	4,6
6.2	Sala de Limpeza	4,6
6.4	Copa e Área de descanso principal / Zona de Estar	42
6.8	Servidores	11,52
6.12	Café	52,81
6.13	Lixos	11
7.2	Foier	55,8

Quadro 3 - Piso 1. Código de designação, legenda e área de espaços.

Feita de Memórias

Programa	Designação	Áreas (m ²)
Piso 2	Salas de Aula e Laboratórios Práticos	1486,37
Circulação	-	380,67
2.3	Sala de Simulações B	58
2.4	Sala de aula de Anatomia	58,2
2.5	Sala de Auto-aprendizagem (Anatomia / Histologia)	58,2
2.6	Área de Estudo	141,74
2.11	Anfiteatro de Anatomia	78,5
5.2.2	Balneário Masculino	39,92
5.2.3	Balneário Feminino	39,92
3.1	Sala de habilidades Clínicas - Tipo A	94,4
3.1.3	Sala de habilidades clínicas de auto-aprendizagem - Tipo A	85,53
3.3	Laboratório de Simulação de Cuidados Intensivos	65
3.5	Laboratório de Anatomia - Tipo A	84,45
3.7	Laboratório de ensino húmido	130,35
3.8	Laboratório de Preparação / Sala de Apoio ao Laboratório	11,54
3.9	Sala de Equipamentos	36,18
3.11	Técnicos de Laboratório	8,9
3.12	Laboratório de Técnicos de Informática / Histologia (Microscopia Virtual)	35,27
3.14	Técnicos de Informática	12,48
6.1.1	Instalações Sanitárias Masculino	19,3
6.1.2	Instalações Sanitárias Feminino	19,3
6.1.3	Instalações Sanitárias Acessíveis	4,6
6.2	Sala de Limpeza	4,6
6.8	Servidores	8,32
6.13	Lixos	11

Quadro 4 - Piso 2. Código de designação, legenda e área de espaços.

Programa	Designação	Áreas (m ²)
Piso 3	Administração	1020,85
Circulação	-	393,97
1.1	Gabinete do Reitor da Faculdade de Medicina	30,2
1.2	Gabinete do Vice-Reitor da Faculdade de Medicina	18,67
1.3	Diretor de Estudos da Faculdade de Medicina	14,85
1.4	Diretor de Estudos da Faculdade de Medicina / Erasmus	14,85
1.5	Responsável pelas fases 1, 2 e 3	14,85
1.6	Responsável do departamento de Investigação	14,85
1.7.1 - 1.7.13	Gabinete do Corpo Docente Académico	9,87
1.8.1	Professores Convidados, Clínicos, Escritório de Cientistas Especiais	17,5
1.8.2 - 1.8.6		14,85
1.10.1	Sala de Conferência A	29,7
1.10.2	Sala de Conferência B	49
1.10.3	Sala de Conferência C	69
1.12	Gabinete de Administração Sénior	14,85
5.1.1 / 6.4	Copa e Área de descanso principal / Zona de Estar	47
5.3.5.1	Arquivo A	17,5
5.3.5.2	Arquivo B	12,7
6.1.1	Instalações Sanitárias Masculino	19,3
6.1.2	Instalações Sanitárias Feminino	19,3
6.1.3	Instalações Sanitárias Acessíveis	4,6
6.2	Sala de Limpeza	4,6
6.13	Lixos	11

Quadro 5 - Piso 3. Código de designação, legenda e área de espaços.



Figura 131 - Planta de Cobertura. 131



PROJECTO DE ARQUITECTURA FACILIDADE DE RECONSTRUCÃO DE CASAS		
LOCAL: CASCAIS, PORTUGAL	DESENHO: PLANTA DE COBERTURA	PÁGINA: 8/171
DATA: 21. SETEMBRO, 2021	ARQUITETO: LUIS GUERREIRO	ESCALA: 1:400



Figura 132 - Planta Piso 3





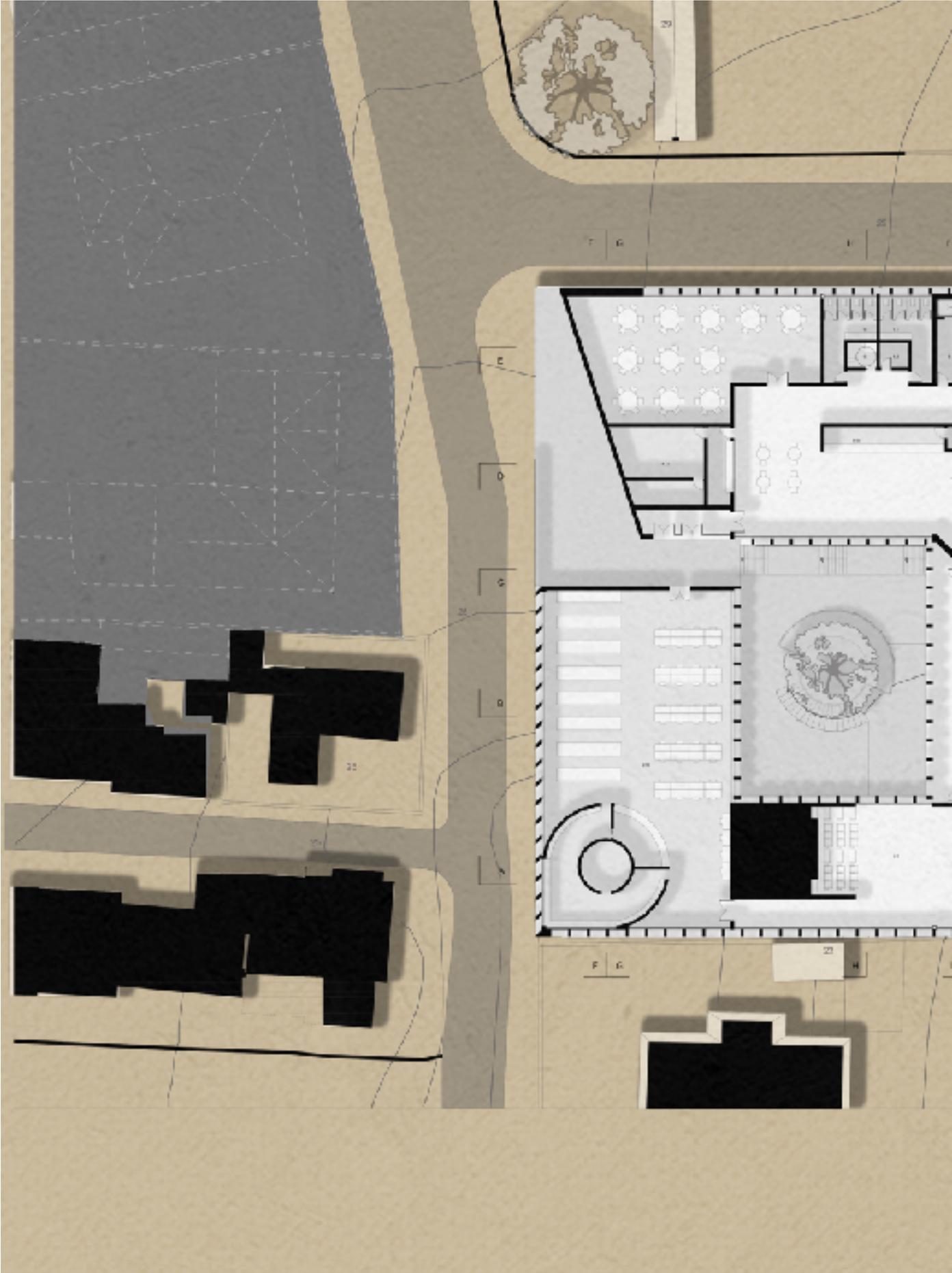
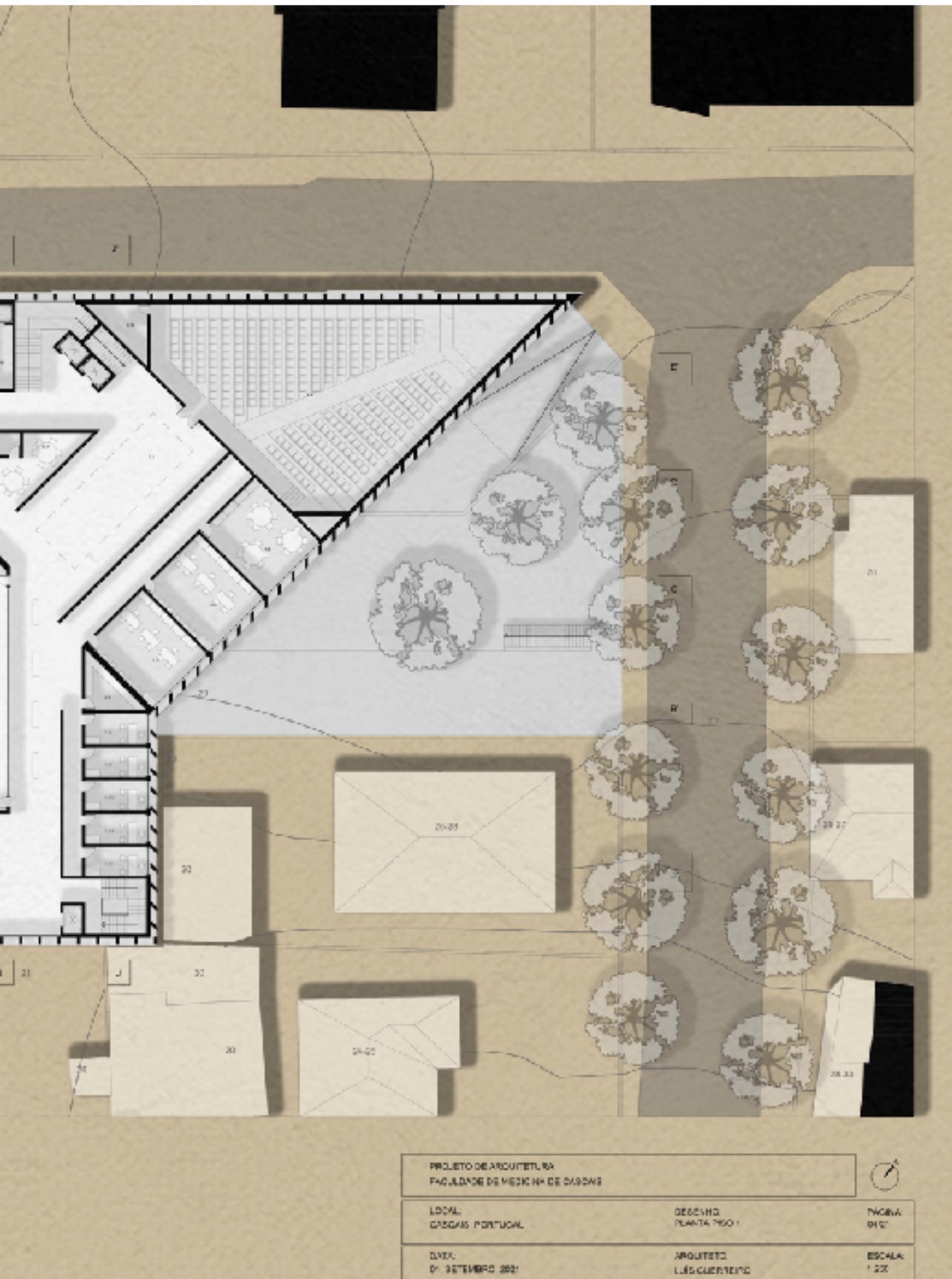


Figura 134 - Planta Piso 1



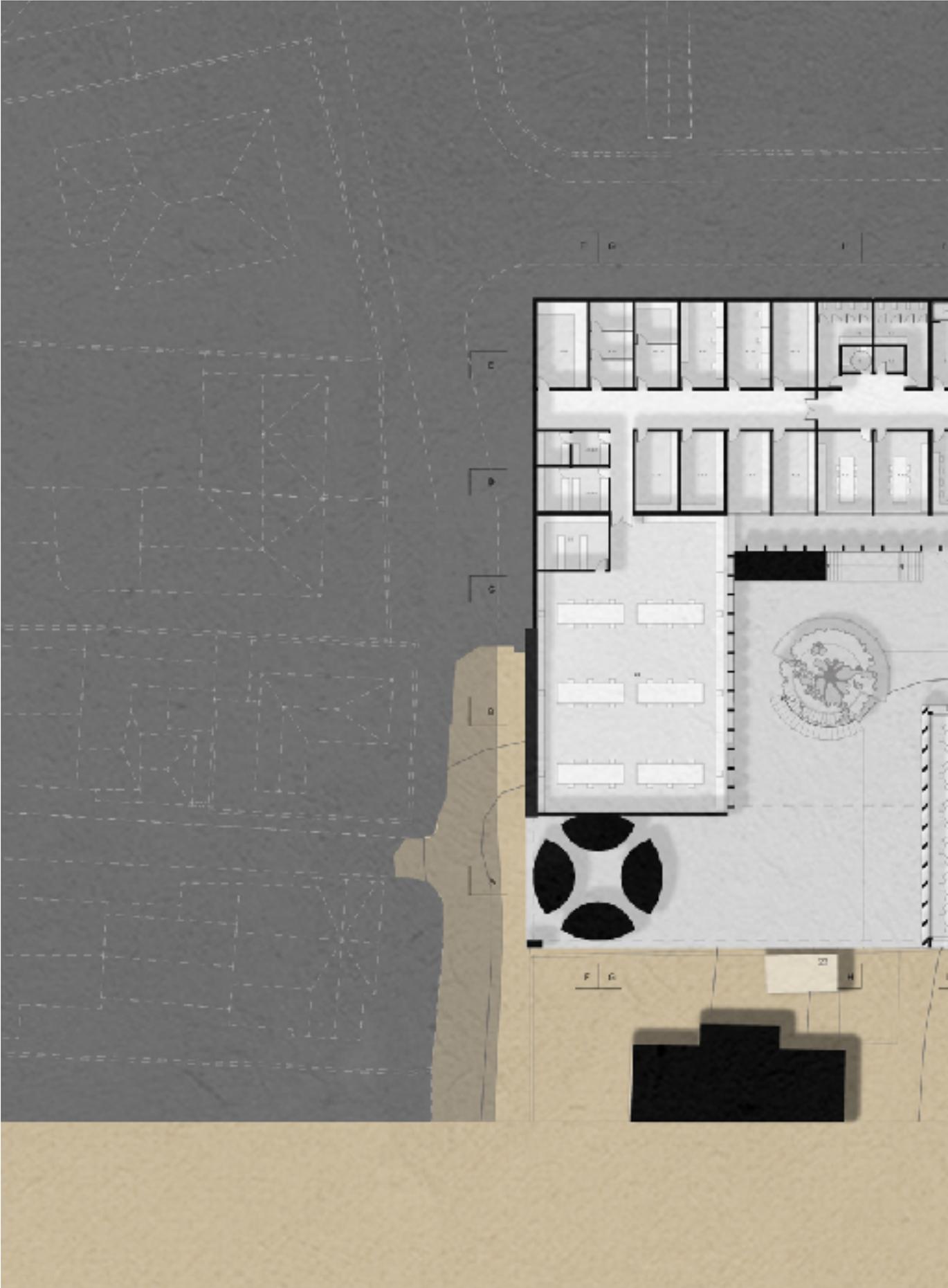


Figura 135 - Planta Piso 0

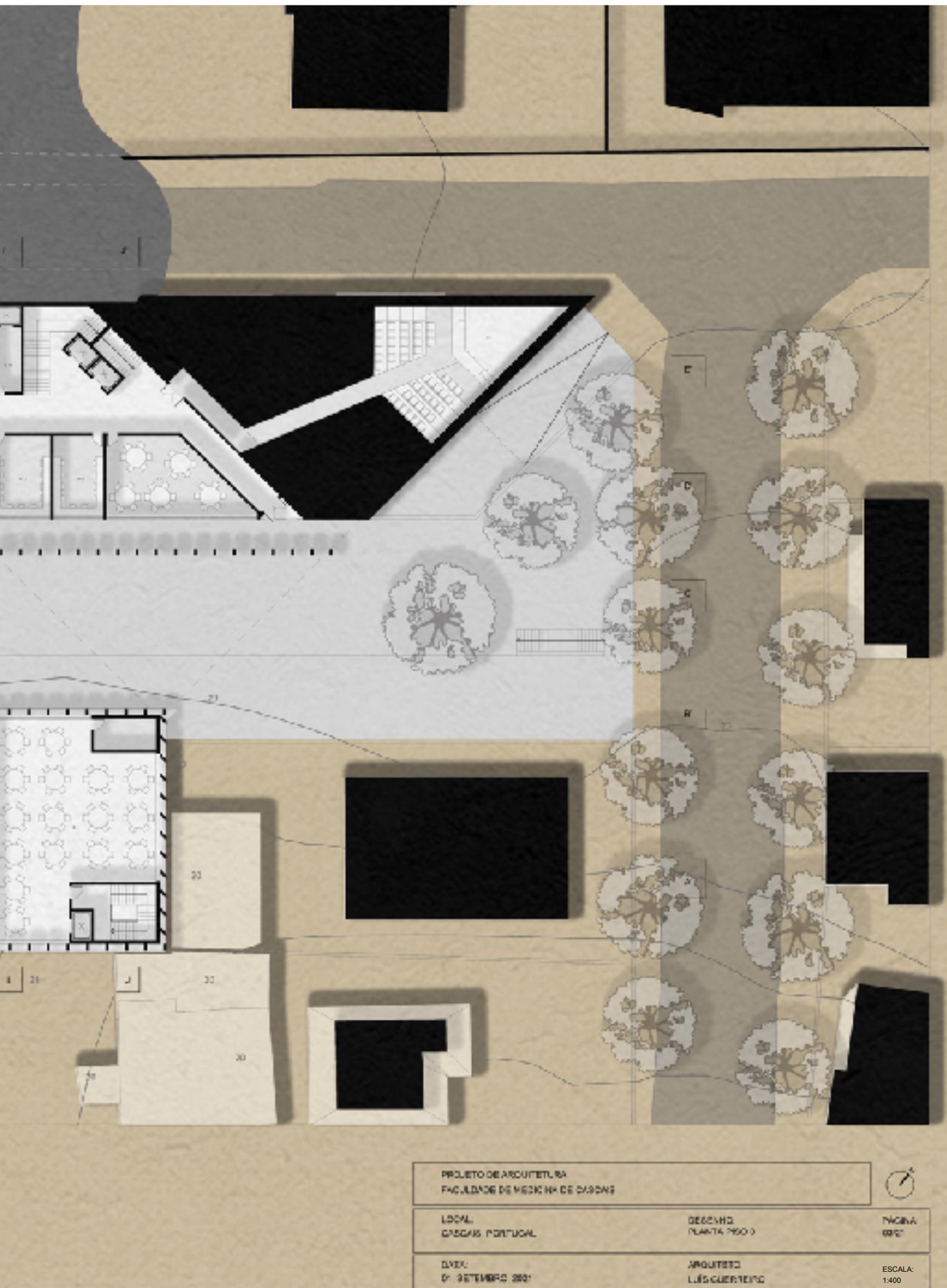
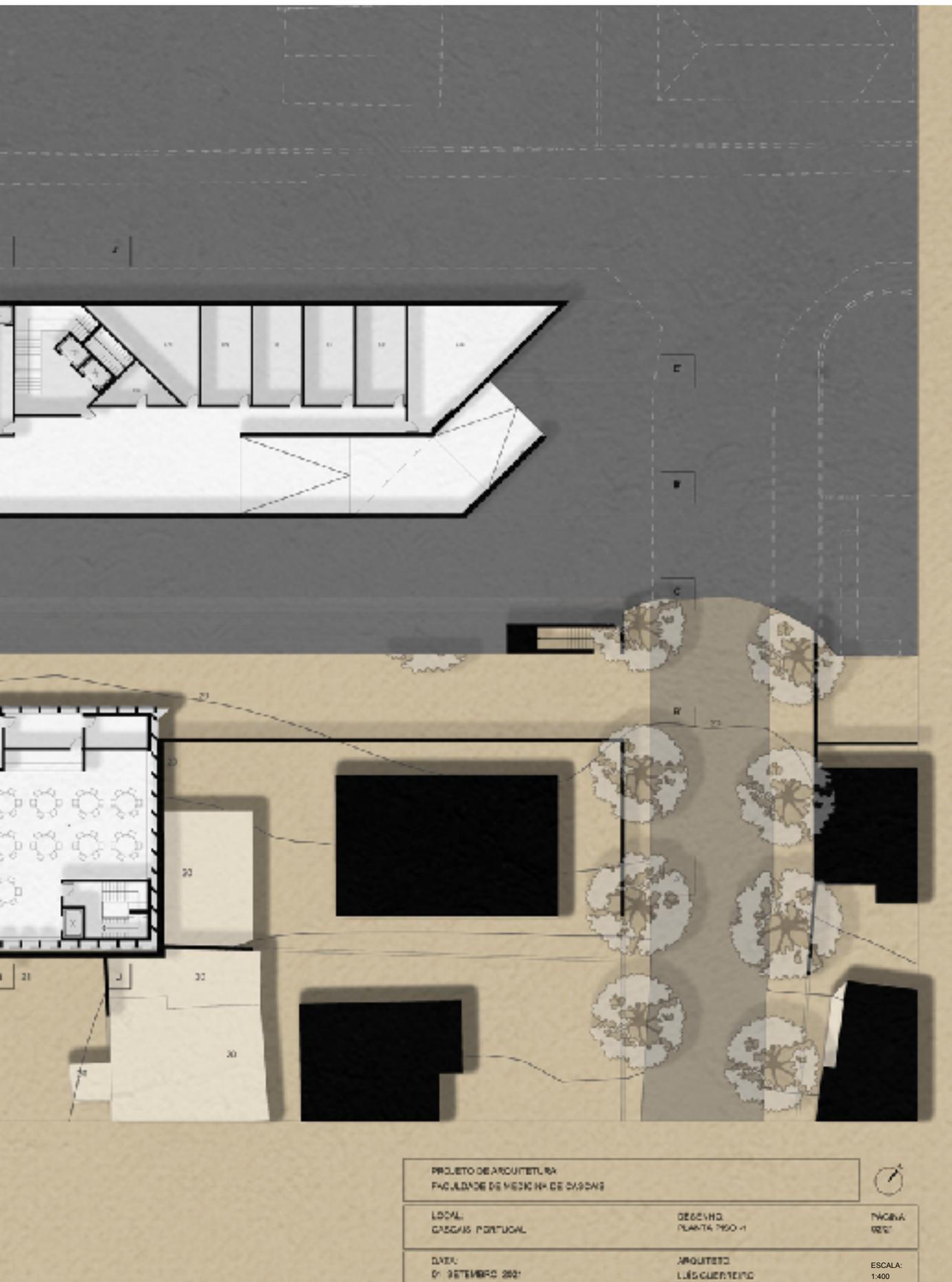




Figura 136- Planta Piso -1



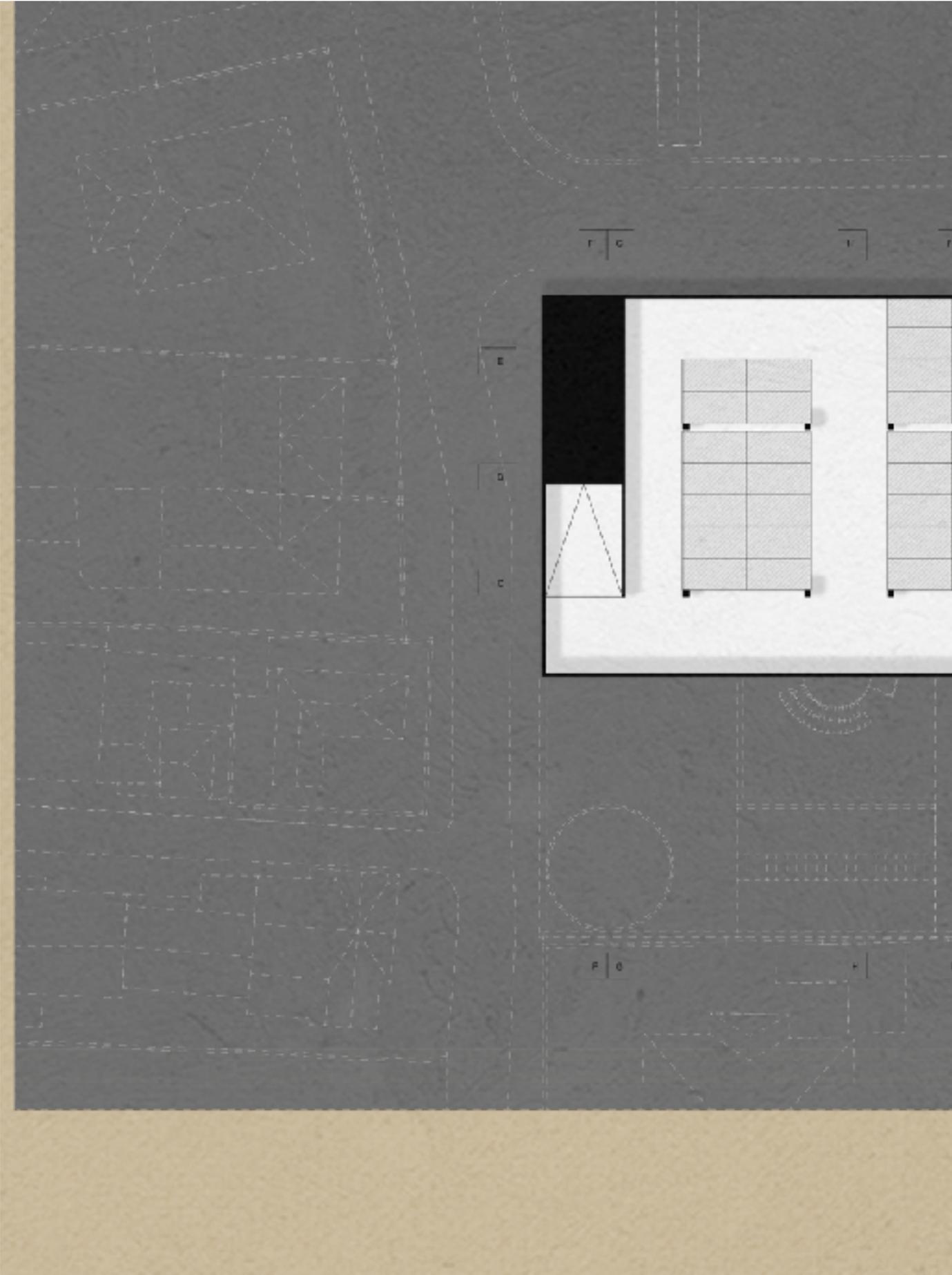
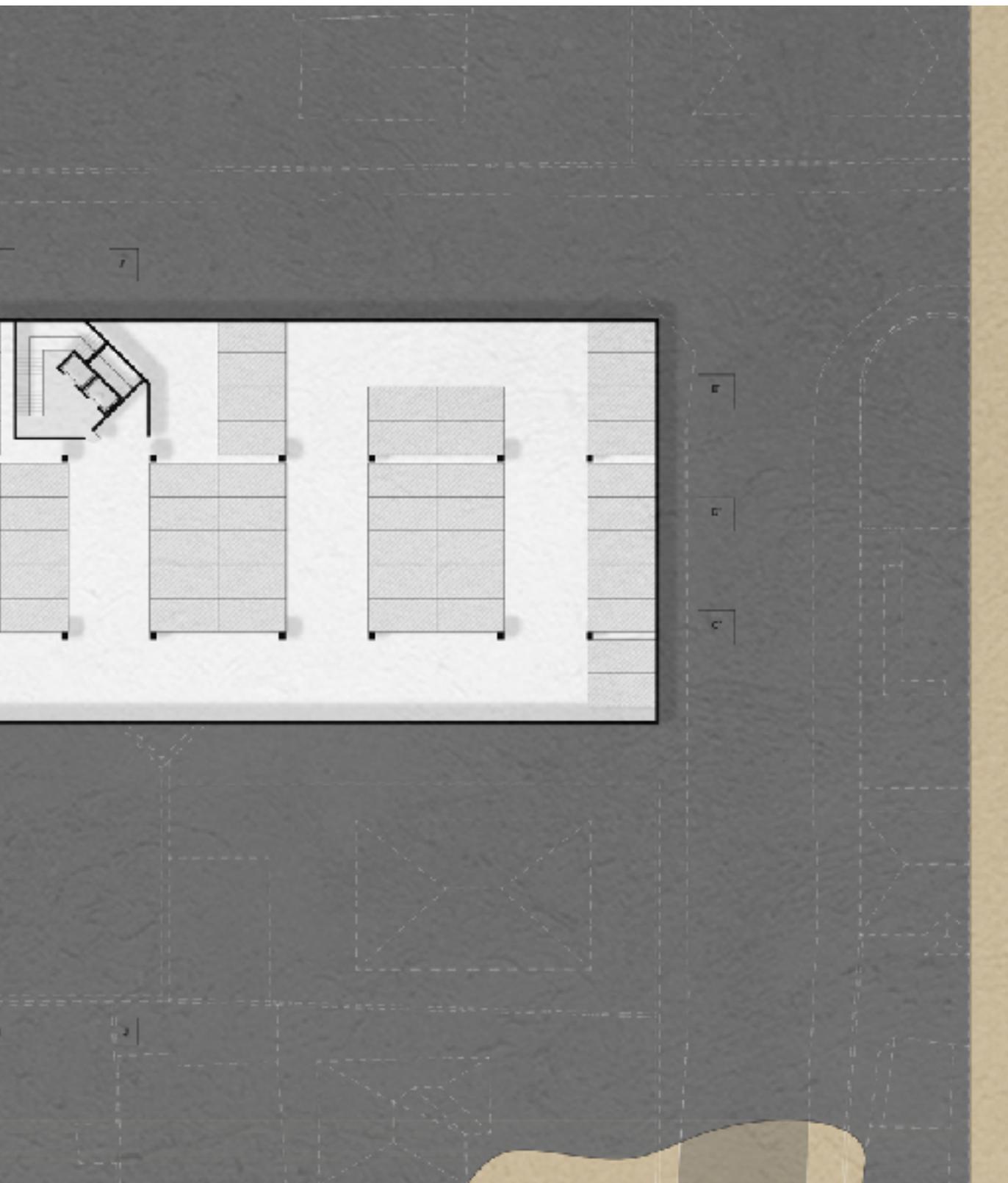


Figura 137 - Planta Piso -2



PROJETO DE ARQUITETURA		
PROJETO DE REFORMA DE CASAS		
LOCAL: CASCAIS, PORTUGAL	DESENHO: PLANTA PISO 2	PÁGINA 31/31
DATA: 01, SETEMBRO, 2001	ARQUITETO: LUIS GUERREIRO	ESCALA: 1:400



Figura 138 - Corte AA'





Figura 139 - Corte BB'

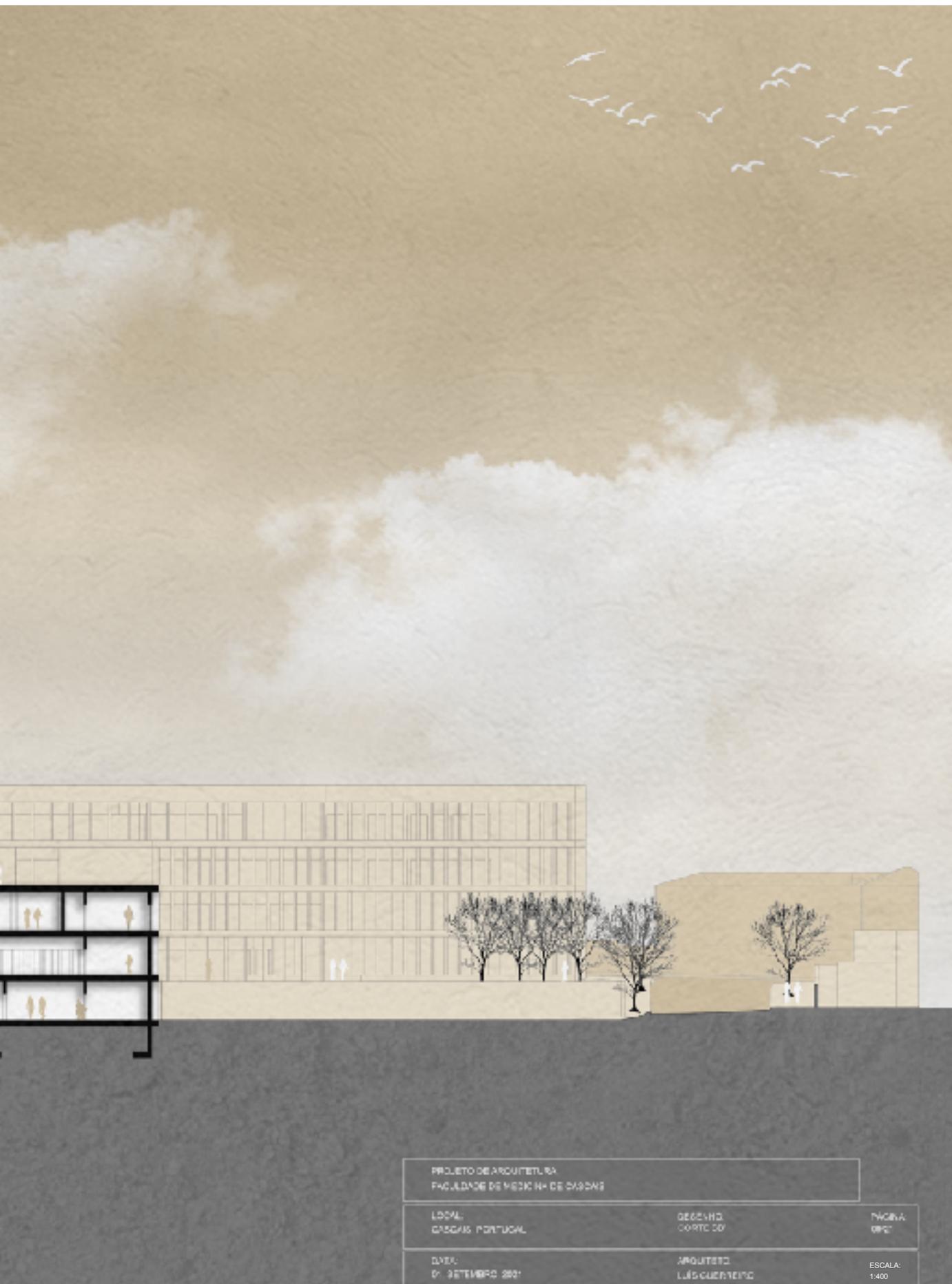




Figura 140 - Corte CC'

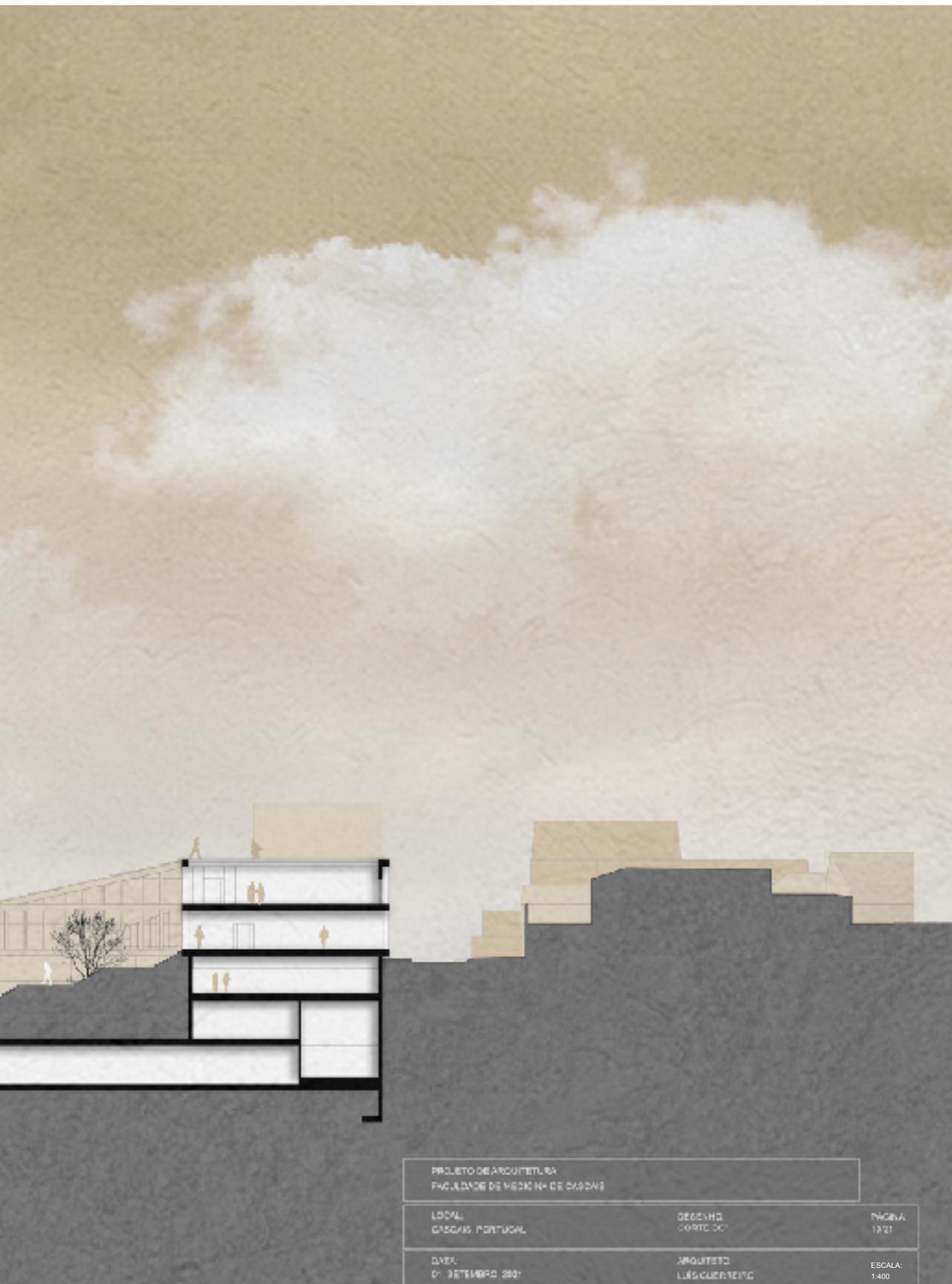




Figura 141 - Corte DD'

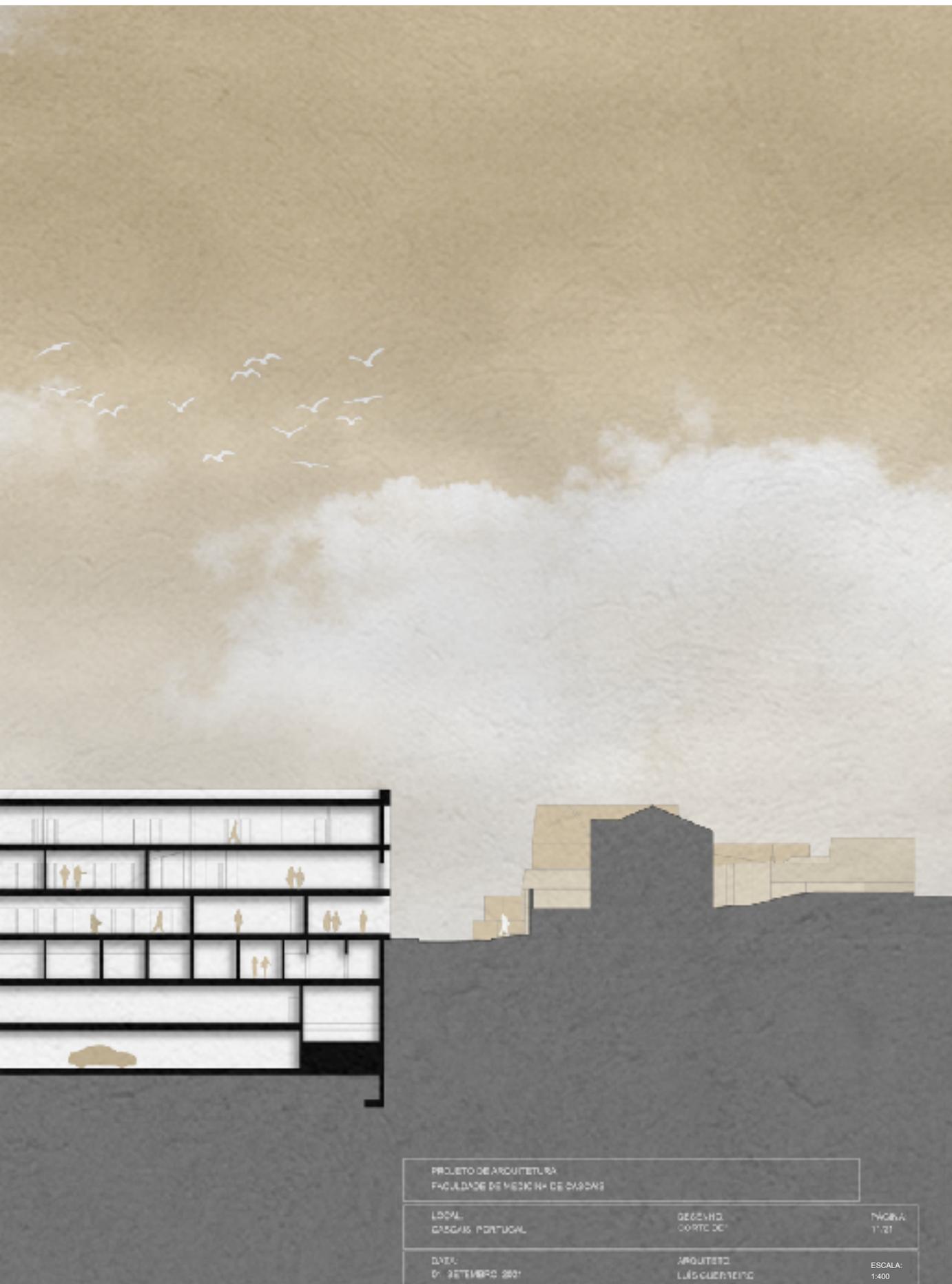


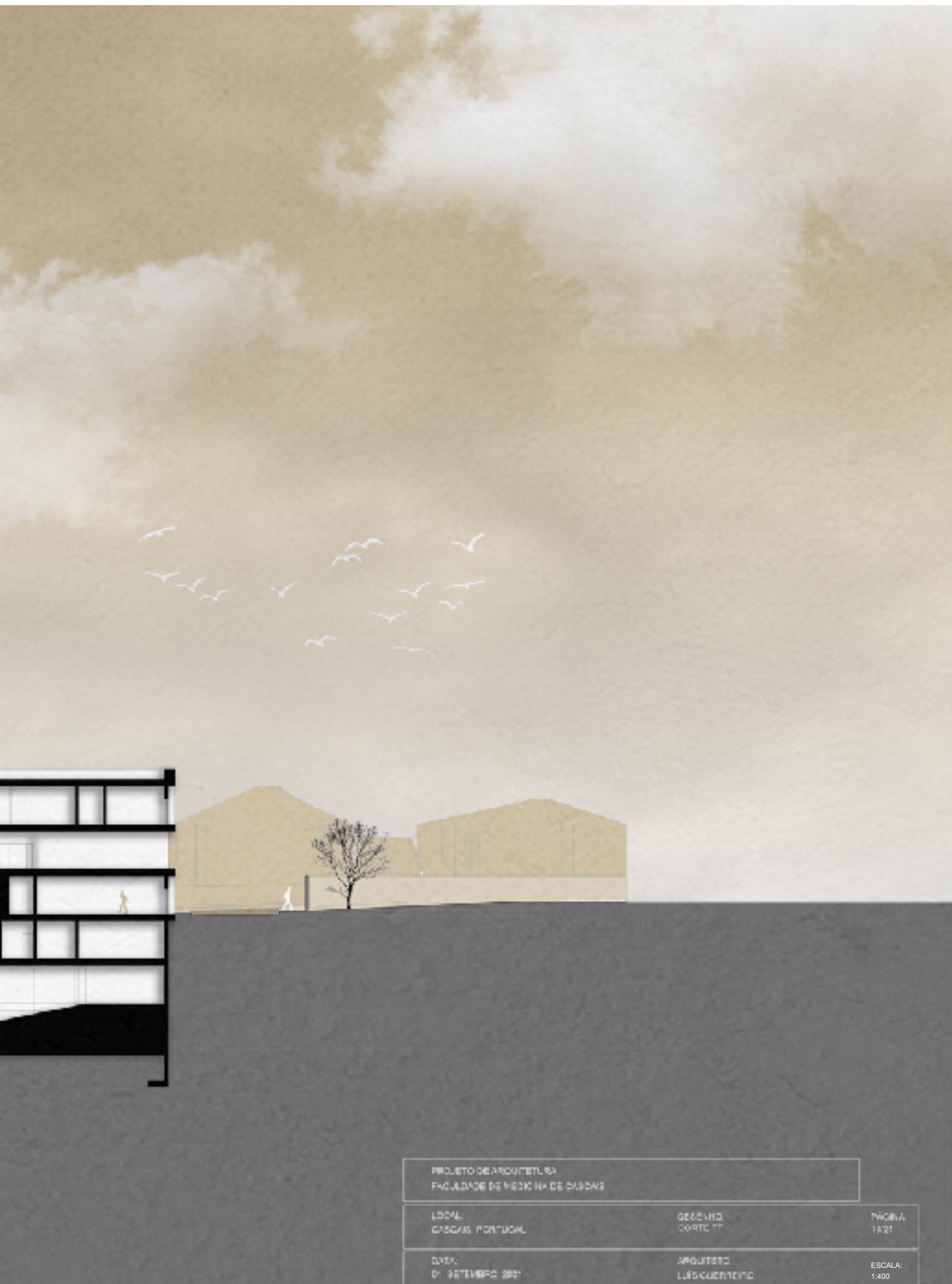


Figura 142 - Corte EE'





Figura 143 - Corte FF'



PROJETO DE ARQUITETURA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA		
LOCAL: COIMBRA, PORTUGAL	DESENHO: CORTE TT	TAB. Nº: 13/21
DATA: 01 SETEMBRO 2007	ARQUITETO: LUIS GUERREIRO	ESCALA: 1:400



Figura 144 - Corte GG'



PROJETO DE ARQUITETURA FACULDADE DE VIEDO NA DE CASCAIS		
LOCAL: CASCAIS, PORTUGAL	DESIGNO: CORTE GW	PÁGINA: 14/21
DATA: 01. DEZEMBRO. 2021	ARQUITETO: LUIS GUERREIRO	ESCALA: 1:400



Figura 145 - Corte HH'





Figura 146 - Corte II'





Figura 147 - Corte JJ'

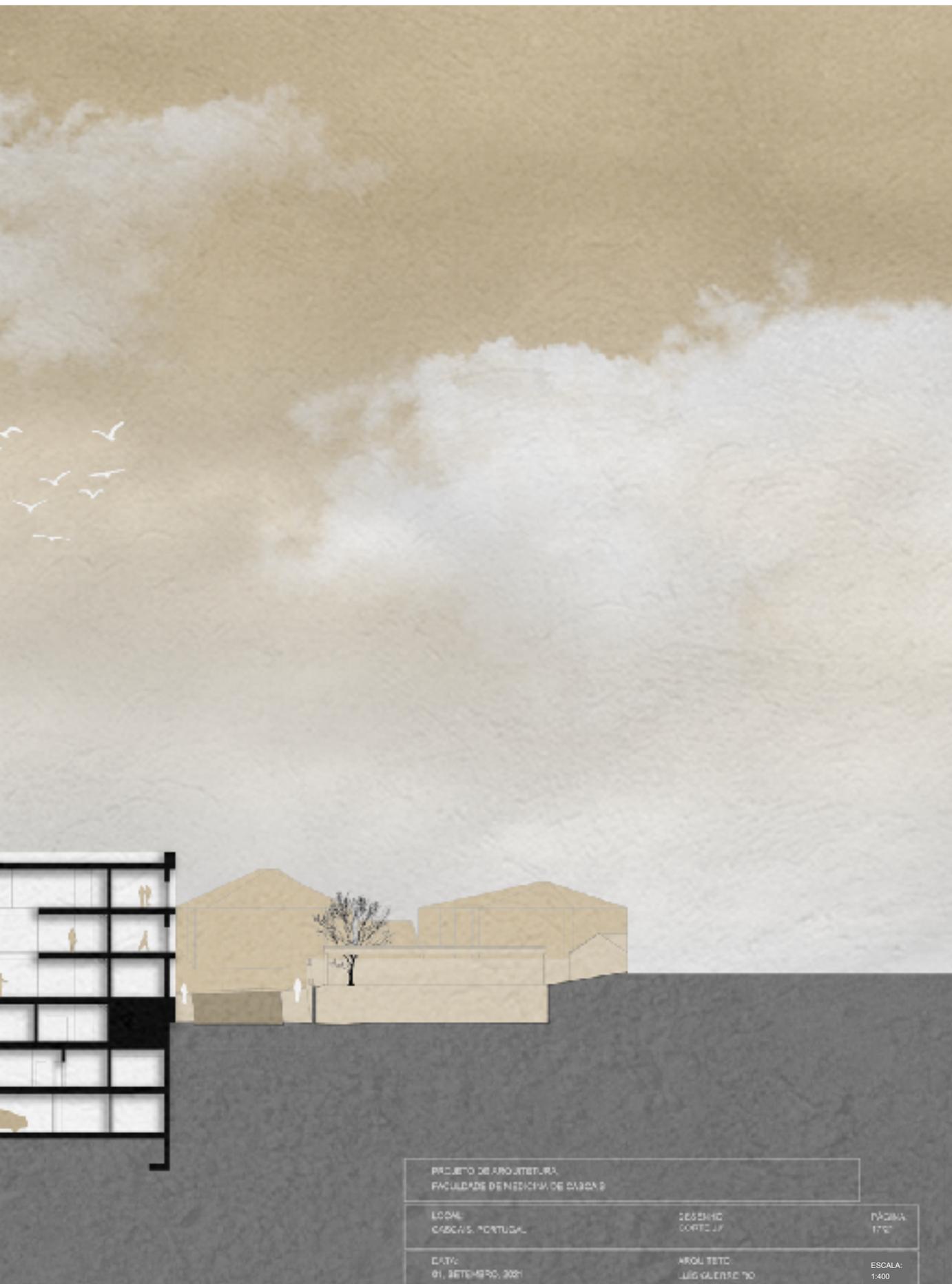




Figura 148 - Alçado Norte



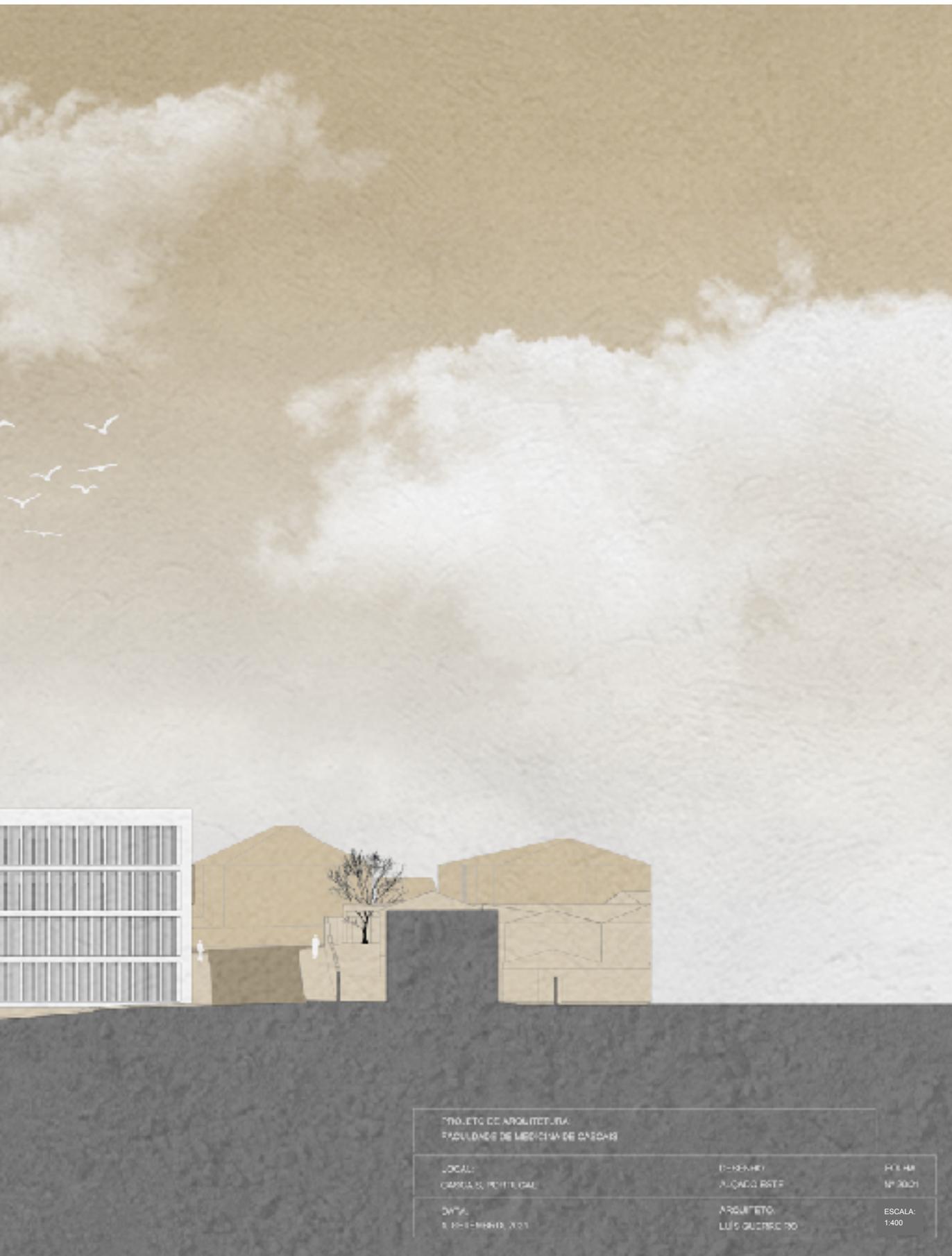


Figura 149 - Alçado Sul





Figura 150 - Alçado Este



PROJETO DE ARQUITETURA:
FACULDADE DE MEDICINA DE CASAB

LOCAL:
CASAB, PORTUGAL

DATA:
8 DE DEZEMBRO, 2021

DESENHEI:
ALONSO RIBEIRO

ARQUITETO:
LUIS GUERREIRO

FOLIO: 44
Nº 26021

ESCALA:
1:400



Figura 151 - Alçado Oeste



PROJETO DE ARQUITETURA:
FACULDADE DE MEDICINA DE CASCAIS

LOCAL:
CASCAIS, PORTUGAL

DATA:
11 DE DEZEMBRO DE 2021

DESENHEI:
ALONSO COSTA

ARQUITETO:
LUIS GUERREIRO

FOLHA:
02 DE 02

ESCALA:
1:100



Figura 152 - Render 1



Figura 153 - Render 2



Figura 154 - Render 3



Figura 155 - Render 4



Figura 156 - Render 5



Figura 157 - Render 6

“Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta árida serra
Por entre negros penedos
Só deixa viver mansinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
De selvagem natureza.”¹⁵

¹⁵ GARRETT, Almeida - *Folhas Caídas*. Lisboa : Editora Ulisseia, 1853

5. Conclusão

Tenciona-se agora, de forma clara e objetiva, responder a questões que tenham sido levantadas ao longo dos capítulos apresentados neste documento e, reforçar aspetos importantes que tenham sido analisados assim como autenticar soluções arquitectónicas propostas.

Cascais cresceu virado para o mar. Literalmente e simbolicamente. Manteve as suas raízes de carácter piscatório e ligação com atividades marítimas de lazer e produção alimentar ao longo de todo o seu desenvolvimento até à atualidade. Hoje, conta com mais de 200 000 residentes e equipamentos públicos que concedem o título de cidade, substituindo o prefixo de “Vila”. Porém, como seria de esperar para uma cidade, a sua total independência e auto-sustentabilidade não foi ainda alcançada. Para efeitos legais e pela grande maioria dos habitantes cascalenses a denominação do território continua a ser “Vila de Cascais”.

No tema das fases do sistema alimentar, manifestam-se em maior grandeza a produção e o consumo, sendo estas, as vertentes que predominam e que melhor servem Cascais. A distribuição viária dos alimentos, está igualmente bem organizada ao longo do território. A falta de equipamentos constituintes da fase de “Transformação” são escassos. Outrora houvessem os moinhos que moíam o trigo, construções belas, muitas delas ainda presentes, restauradas ou em degradação, ao longo do vale passa por Alcabideche e que, ainda hoje atribuem o carácter saloio no solo rural no interior de Cascais.

No tema do ensino, comprova-se a presença duma grande complexidade de espaços necessários ao bom funcionamento dum instituto seja este de Ensino Básico ou Superior. A dinâmica e atribuição das diferentes salas e respetivas funções divididos por piso é fundamental para a harmonia e fluidez de vivência e trabalho no edifício entre todos os estudantes, trabalhadores e visitantes.

À semelhança do projeto apresentado relativo ao Workshop de PFA do ano de 2021, a ligação do programa de espaço público que envolve o edifício de ensino no terreno, é fundamental para a boa integração, seja de carácter visual ou de utilização, do projeto no quarteirão.

Hipoteticamente, se o projeto apresentado para a Faculdade de Medicina de Cascais fosse concluído, as metas e objetivos que este trabalho levou em consideração desde o início seriam alcançados.

Os jovens cascalenses teriam uma nova opção de ensino superior, bastante acessível e que combate a dependência das deslocações diárias à Capital portuguesa ou ao resto do país. A FMC contribui ainda como mais um equipamento moderno no setor do Ensino e para o desenvolvimento do território e a sua independência.

Feita de Memórias

Feita de Memórias.

Aqui, assente na zona histórica de Cascais,
Rodeado das mais antigas raízes cascalenses
E neste terreno ligado à medicina que outrora serviu esta Vila,
Nasce a FMC.

Aqui, será a casa de muitos estudantes e trabalhadores ao longo de vários anos.
Nela, serão criadas memórias
Que estarão presentes ao longo de toda a vida de quem aqui passou.

As suas janelas, a Norte, irão emoldurar o olhar desafogado,
Que atravessa todas as espécies de fauna presentes em Cascais,
Vales e construções até à Serra de Sintra
E, a Sul, guiarão o olhar até ao fim do vasto horizonte sobre o Oceano Atlântico,
Que se alcança além da Margem Sul do Rio Tejo.

As suas palas verticais e horizontais,
Irá guiar em todas as fachadas,
A luz vinda do nosso sol para o interior
E assim iluminarão os cadernos, quadros e bancadas dos laboratórios
Dia após dia,
Do crepúsculo do amanhecer até ao do anoitecer.

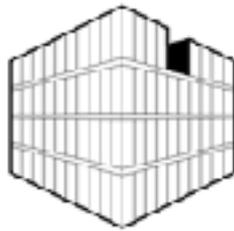
As suas paredes, protegerão o seu interior como todo o quarteirão
Contra a forte Nortada, que de vez em quando, a Serra faz descer
E guardarão segredos
Que, de entre elas, jamais saíram.

A sua cobertura, a Sul, irá ser palco de inúmeras visitas
Que irão garantir atividades em contacto com o ar livre
Banhadas pela luz solar e pelos ricos benefícios da maresia
Assim como, protegerá o seu interior
Das chuvas que de vez em quando caem.

As suas portas se abrirão
À entrada dos jovens curiosos e ambiciosos na área da medicina,
Como também à saída de Doutores e Doutoradas aqui, recém-formados.

A FMC ditará um dos capítulos mais importantes na vida de muitos.
Aqui, criam-se amizades para a vida,
Histórias de amor, experiências que moldam personalidades
E ensinamentos que salvarão vidas.

Aqui, se criaram memórias
Nesta Faculdade de Medicina em Cascais,
Ela mesmo,
Feita de Memórias.



6. Bibliografia

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino, Arquiteto Moderno. *Raul Lino, Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1970

ANASTÁCIO, Maria Amélia Cabrita - *Território e Identidade: Aspetos Morfológicos da Construção do Território e a Identidade Cultural Saloia no Concelho de Cascais*. Lisboa : (S. N.), 2008. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

ANDRADE, Ferreira de - *Cascais Vila de Corte. Oito Séculos de História*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 1964

ANDRADE, Ferreira de - *Monografia de Cascais*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 1969

ARRUDA, Luísa - *Hospital de Sant'ana. 100 Anos Sanatório De Sant'ana*. Lisboa : Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2004. ISBN: 972-8761-05-8

BARRUNCHO, Pedro Lourenço de Seixas Borges - *Apontamentos para a História da Vila e Concelho de Cascaes*. Lisboa : Typografia Universal, 1873

CARDOSO, Guilherme - *Cascais Passado a Preto e Branco*. Cascais: Associação Cultural, D.L. 1988

COLAÇO, Branca de Conta ; ARCHER, Maria - *Memórias da Linha de Cascais*. Lisboa : Parceria A.M. Pereira, 1943

COSTA, António (et al.) - *Palácio da Cidadela de Cascais*. Carregado : SOARTES - Artes Gráficas, 2011

COSTA, Carlos (et al.) - *Uma História : 50 Anos Estoril -Sol : 1958-2008*. Pref. Mário Assis Ferreira. Estoril : Estoril Sol, 2007

DIAS, Carlos Malheiro - A Casa O'Neill. *Ilustração Portuguesa*, nº30, 17 de Setembro de 1906

FALCÃO, Pedro - *Cascais Menino*. Cascais : Junta de Turismo da Costa do Sol, 1970

FERNANDES, José Santos. *O Passado Nunca Passa*. Cascais : Parceria A. M. Pereira, 2017

GARRETT, Almeida - *Folhas Caídas*. Lisboa : Editora Ulisseia, 1992

- GUERREIRO, Maria Rosália P. - *O Território e a Edificação: O Papel do Suporte Físico Natural da Génese e a Formação da Cidade Portuguesa*. Lisboa : (S. N.), 2001. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura
- HENRIQUES, João Miguel - *História da Freguesia de Cascais 1870 - 1908*. Cascais : Edições Colibri / Câmara Municipal de Cascais, 2004
- HENRIQUES, João Miguel - *CASCAIS 650 ANOS*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 2018
- LAMAS, José da Cunha - *Bilhetes-Postais de Portugal e Ilhas Adjacentes*. (S.I.) : Serviços Culturais dos CTT, 1952
- LINO, Raul - *O Romantismo e a Casa Portuguesa. Estética do Romantismo em Portugal*. 1º Colóquio-1970, Centro de Estudos do Grémio Literário. Coimbra : Imprensa de Coimbra, (S. D.)
- MARTINS, Armando T. Alves - *A Idade de Ouro do Bilhete-Postal Ilustrado (1900-1925) : Catálogo*. Caldas da Rainha : Casa da Cultura, 1983
- MATOS, Marina Freitas de - *Catálogo de Bilhetes-Postais Ilustrados Antigos*. Porto : (S. N.), 1987
- MILLS, Alden Brewster - *The modern small hospital and community health center*. Chicago : The Modern Hospital Publishing Co; First Edition, 1946.
- MOURIER, Louis - *Le Nouvel Hôpital Beaujon de Paris*. Paris : Administration générale de l'assistance publique, 1937
- ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante*. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1943
- ORTIGÃO, Ramalho de - *O País e a sociedade portuguesa. As Farpas*. Vol. VI, (1943)
- OLIVEIRA, João Correia de - *Portugal : A Arte : Os Monumentos : A Paisagem : Os Costumes : As Curiosidades : Costa do Solo: Estoril*. Lisboa : Agência Geral de Ocogravura, (S.D.)
- PESSOA, Fernando - *Carta a Ofélia Queirós*. Lisboa, 29 de setembro de 1929
- PROENÇA, Raul - *Aos Estoris e Cascais. Guia de Portugal*. Lisboa e Arredores, (1982)
- PARTNERS, White & - *Hospital Oriental. Hospital Ocidental*. Lisboa. Estocolmo : AB Tieplan, 1983
- SIROVS, Martin G. - *The Cascais-Sintra Area. A Walker's Guide*. Monte Estoril : Martin G. Sirovs, 2006. ISBN-13: 978-989-20-0244-6

THOILLIER, Henri - *L'hôpital français*. Paris : M. Brézol, 1943

(S. A.) - Casa do Ex.mo Sr. O'Neill, *A Construção Moderna*, Anno III, 20 de Maio de 1902, nº60.

(S. A.) - Casa do Ex.mo Sr. O'Neill, *A Construção Moderna*, Anno III, 1 de Dezembro de 1902, nº79.

(S. A.) - Campos, Termas e Praias (Cascais). *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Setembro de 1899.

(S. A.) - *Rota das Árvores de Cascais*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, (S. D)

(S. A.) - *Regulamento do Plano Diretor Municipal de Cascais*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 2021

Arquivo Histórico de Cascais (AHC): CMC/Série 001/Correspondência recebida (1910-1925); Orgãos do Município, Registo das Sessões (1910-1964)

Mario Cipresso - **CO Architects Journal** (Em linha). California : CO Architects, 2015. *Getting Started: Inside the Design Process of a Startup Medical School*. Disponível em: <https://coarchitects.com/getting-started-inside-design-process-startup-medical-school/>

Santa Casa da Misericórdia de Cascais - **História** (Em linha). Cascais : Santa Casa da Misericórdia de Cascais, (S. D.). *SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS*. Disponível em: <http://www.scmc.pt/gca/index.php?id=104>

Eric Oh - **Projects - Cyprus** (Em linha). ArchDaily, 2016. *Miba Architects' University of Cyprus Medical School Proposal Combines Lab and Social Space*. Disponível em: <https://www.archdaily.com/783536/miba-architects-university-of-cyprus-medical-school-proposal-combines-lab-and-social-space>

CARMEAN, JR., Elmer Arthur - *MONDRIAN The Diamond Compositions* (Em linha). Washington : National Gallery of Art, 1979. Disponível em: <https://www.nga.gov/content/dam/ngaweb/research/publications/pdfs/mondrian-diamond-compositions.pdf>

